

PARECER FINALIZAÇÃO DE ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

A professora doutora **Luciane Germano Goldberg**, da Universidade Federal do Ceará, realizou **Estágio Pós-Doutoral** no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF), sob minha supervisão, no período de 15/08/2024 a 14/08/2025, desenvolvendo o projeto de pesquisa ***A dimensão autobiográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias.***

Sobre a conclusão de suas atividades, cumpre destacar que, tanto na produção da pesquisa, como na participação acadêmica de modo geral, seja em iniciativas vinculadas ao Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR) e ao PPGE/UFF, seja em iniciativas relacionadas à Faculdade de Educação (nomeadamente ao Curso de Pedagogia), a presença da professora Luciane Goldberg foi de imensa contribuição para a ampliação de diálogos, saberes e fazeres no campo da Arte, tecidos na interface da Arte-e-Educação. Sua atuação em diferentes frentes da vida acadêmica - organização de eventos, participação como palestrante em seminários e encontros com pesquisadores, alunos da pós-graduação, docentes da rede pública e estudantes da graduação, participação e condução de reuniões de estudo, participação de bancas na Pós-graduação, avaliação de TCC e colaboração em disciplina da graduação em Pedagogia/FEUFF, coorganização de Dossiê para a Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE - UERJ/FFP, UFRRJ/IM-IE, UNIRIO), a ser publicado em novembro/2025 – foi mesmo singular, marcada pela dedicação, competência e compromisso. Ao longo de todo o período de estágio pós-doutoral, esteve sempre disponível a conhecer a FEUFF como um todo e a contribuir desde o seu campo de formação/pesquisa/atuação acadêmica.

O projeto proposto e desenvolvido, teve por objetivo aprofundar a investigação acerca da dimensão (auto)biográfica do desenho, traçando um diálogo entre a narrativa da autora, como artista-professora-pesquisadora, e as narrativas de duas professoras e um professor que atuam na Educação Infantil, (a)colhidas por meio do dispositivo “entrevista narrativa”, que teve por tópico inicial “Qual o lugar do desenho na sua vida, da infância aos dias de hoje como professor/a da educação infantil?”. Uma densa investigação, a começar pela escrita da sua própria narrativa (auto)biográfica, atravessando as histórias de seus interlocutores, cuja escuta amplifica compreensões sobre processos formativos, sobremaneira tramados em experiências com o desenho, que enunciam percursos singulares-plurais de cultivo e/ou perda da ação criadora, estética, artística.

A partir do relatório de conclusão do estágio pós-doutoral, oportunidade em que as questões do percurso investigativo são descritas e circunstanciadas, a professora Luciane elaborou, também, um artigo (apresentado conforme exigido pela Resolução do PPGE/UFF relativa à realização do estágio pós-doutoral), a ser revisado e posteriormente ajustado para publicação, em coautoria com a professora supervisora. De outro modo, a apresentação pública da pesquisa já foi realizada, no dia 10 de julho de 2025, por ocasião do “III Seminário Rodas do FIAR – A voz insiste. Você me ouvira? Narrativas e inquietações de lá e de cá”, organizado pelo grupo de pesquisa FIAR em colaboração com o grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), da UFC, do qual a professora Luciane é a líder. É preciso destacar a relevância da apresentação pública da pesquisa aqui referida, no III Seminário Rodas do FIAR, profundo e intenso encontro, que reuniu gentes de lá e de cá, trazendo o Ceará para Niterói/RJ, celebrando a fértil conjugação do nordeste com o sudeste, movimento que só foi possível pela colaboração em presença, sempre disponível, criativa, poética e agregadora da professora Luciane Goldberg.

Mais do que uma supervisão de estágio pós-doutoral, a oportunidade de acompanhar as proposições, realizações, reflexões, produções da colega Luciane, tecidas na interface educação-e-arte, trouxe para mim, e para nosso coletivo de pesquisa, um profundo senso de parceria, confirmando a essencialidade de encontros acadêmicos partilhados com ética e estética, desenhando processos em que a dimensão política também se afirma no afeto.

Pelo exposto, confirmo a finalização do estágio pós-doutoral da professora doutora Luciane Germano Goldberg e sou de parecer favorável à aprovação do relatório apresentado. Agradeço à UFC que concedeu o afastamento da professora e ao PPGE/UFF que aprovou seu pedido de estágio pós-doutoral, possibilitando um fértil encontro, cuja reverberação de aprendizados em interações, em fazer junto, se projeta em ações futuras, parcerias acadêmicas anunciadas na continuidade.

Niterói, 02 de setembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANA ESMERALDA OSTETTO**
Data: 02/09/2025 22:36:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). Luciana Esmeralda Ostetto
SIAPE1160605

**A DIMENSÃO (AUTO)BIOGRÁFICA DO DESENHO:
UM DIÁLOGO COM PROFESSORES/AS DAS INFÂNCIAS**
Resumo expandido (tópicos para o desenvolvimento do artigo)

Luciane Germano Goldberg (UFC)

Luciana Esmeralda Ostetto (UFF)

Introdução: sobre a Arte na Pedagogia e o desenho na formação de professores/as das infâncias

O presente artigo, resultado de pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), apresenta e discute questões relacionadas à dimensão (auto)biográfica do desenho, em diálogo com professores/as das infâncias. Fundamentado nas abordagens (auto)biográficas no campo da Educação (Josso, 2004; Pineau, 2006; Passeggi, 2008; Delory-Momberger, 2008; Ferarrotti, 2014), o estudo (a)colheu narrativas de pedagogos que atuam como docentes na Educação Infantil, acerca do desenho em suas trajetórias de vida, da infância aos dias de hoje, da memória da sua criança e relação com o desenho, à presença e formas do desenho em suas práticas, com as crianças na escola, na ação docente.

A questão de pesquisa desenvolvida no projeto referido, perpassa histórias de vida, formação e docência de uma professora de artes (uma das autoras) que nos diferentes níveis de ensino em que atuou, se incomodava com a afirmativa comumente escutada: “Eu não sei desenhar”. A expressão, repetida exaustivamente, entre muitas crianças, adolescentes e/ou adultos, frente à proposta de desenhar, conduzia à pergunta: o que provocava este “fenômeno”, encaminhando à realização de pesquisas acerca do desenho (Goldberg, 1999, 2016) que, por sua vez, remetiam à compreensão de que esse bloqueio do grafismo ocorre expressivamente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

A expressão frequente “não sei desenhar” evidencia a prisão do corpo dentro da noção de linha-contorno, comandada por um modelo representacional que colide com a vocação transitiva do desenho. Da constatação de que desenho é linguagem atávica, presente em nossa aventura civilizatória desde os primeiros signos visuais inscritos em cavernas, como afirmar que não sabemos desenhar? (Derdyk, 2024, p. 29).

Como dissera Ana Angélica Albano, já nos anos 1982, entre o desenho e a perda do desenho pela criança, está a escola. O que nos leva a pensar: na formação docente, sobretudo no curso de Pedagogia, responsável formação profissional para as infâncias, qual o espaço das artes, em geral, do desenho, em particular?

Conforme aponta a pesquisa “Situação da Arte na Pedagogia: levantamento nacional” (Martins; Lombardi, 2015) um número expressivo de cursos de pedagogia do país, não oferece disciplinas obrigatórias de arte nos currículos de formação de professores das infâncias. A não oferta de disciplinas obrigatórias no campo da arte e da arte/educação e, por consequência, o não incentivo à formação artística e estética de futuros professores das infâncias, retroalimenta e perpetua práticas pedagógicas pobres e limitadas quando se trata de arte na escola. Este aspecto pode estar relacionado com a queixa-denúncia de tantos educadores: eu não sei desenhar.

Ao tematizarem as práticas docentes relacionadas ao campo artístico-cultural na Educação Infantil, alguns estudos ponderam:

Mesmo considerando a existência de materiais produzidos nas últimas décadas, como documentos que norteiam o currículo na Educação Infantil e trazem importantes orientações nos aspectos estéticos e artísticos, o silenciamento do corpo e o adestramento das mãos, o controle do tempo para fazer trabalhos, o consumo de imagens midiáticas e uniformes, e os desenhos prontos para colorir no lugar da produção de desenhos autorais são práticas ainda presentes (Ostetto; Silva, 2018, 188).

A arte, como área de conhecimento, como componente curricular obrigatório na educação básica, como se apresenta na LDB 9.394/96, não deve figurar somente como algo transversal e interdisciplinar, “a serviço” das demais áreas do conhecimento. A arte deve ser trabalhada como todas as demais áreas, portanto deve ser garantido o seu ensino na formação inicial dos pedagogos. Não apenas como história do ensino de arte no Brasil, mas também como histórias (auto)biográficas dos estudantes: estudar a história macro a partir das histórias micro e singulares dos pedagogos em formação (Goldberg, Olinda e Bezerra, 2012; Goldberg e Bezerra, 2012; Goldberg e Salmito, 2013; Goldberg, 2014; Goldberg, Bezerra e Pereira Junior, 2018). É nesse bojo que o lugar do desenho em suas trajetórias sociais, culturais, familiares e escolares nos seus contextos regionais, pode entrar. Experiências que desenharam um “retrato” da presença (ou não) da arte e de suas múltiplas expressões na sociedade ao longo do tempo, que revelam ecos ainda presentes das pedagogias tradicionais e tecnicistas de um ensino de arte vazio, conteudista e técnico que, durante a infância, que se resume às atividades mecânicas e padronizadas realizadas nas datas comemorativas (Goldberg, 2014).

A pesquisa de pós-doutorado referida - A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias -, desejou ouvir histórias docentes, com seu desenho, ao longo da vida e na prática pedagógica com as crianças na Educação Infantil em que atuam.

Para dialogar com os professores das infâncias sobre/com o desenho em suas histórias de vida: traços metodológicos

Em diálogo com tantos autores, compreende-se que não existe o “não sei desenhar”, e sim que existe um processo importante de desenvolvimento que foi interrompido, geralmente na infância, especificamente durante o processo de alfabetização, e que nunca mais foi retomado. Ninguém afirma que não sabe desenhar feliz, há sempre um tom de tristeza e frustração nessa afirmativa, um fracasso, uma negação da criatividade, um trauma, uma história ruim (Goldberg, 2016). Ao pensar sobre essa linha do desenho, que nasce selvagem e cheia de vida e invenção, como a própria infância, ele acaba “congelado” já na Educação Infantil e vai sendo paulatinamente desencorajado, até que vira uma “memória”, um traço que adormeceu.

Quando pensamos que, antes da escrita, o desenho seria a linguagem primordial de nossa narrativa de vida, nos interessa um desenho que se quer espontâneo, pessoal, um desenho que se quer autobiográfico. Um desenho que, por ser biográfico, incorpora em si uma narrativa, uma história a ser contada, sobre a própria criança – por ela mesma, um desenho que potencializa seu traço individual, assim como o acesso ao seu mundo interior. Pois, como nos coloca Albano (2009):

[...] o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas (Albano, 2009, p. 20).

Se há esse caráter de autoconhecimento e de construção de conhecimento sobre o mundo ao redor, de organização das experiências vividas, de criação de um sentido existencial no ato de desenhar, podemos afirmar que a criança elabora narrativas de si, organizando seus símbolos e signos no papel. A partir dessa constatação cunhou-se o termo “autobiografismo” para falar dessa dimensão autobiográfica do desenho como sendo

[...] uma autobiografia desenhada, inserindo-se nos esforços de uma “figuração de si”, o chamado processo de biografização proposto por Delory-Momberger (2008) no quadro da pesquisa (auto)biográfica. Autobiografismo constitui-se, então, dos termos: **auto**, referente à “escrita” de si; **bio**, referente à vida, e **grafismo**, originário do traço, do desenho, do imaginário, da vida simbolizada em formas e figuras (Goldberg, 2016, p. 26-27).

Quem desenha quer contar algo a alguém e por isso também é tão importante a “escuta sensível” (Barbier, 2002), a interlocução, o reconhecimento desse desenho como registro, como testemunho do vivido, por isso é tão importante o olhar cuidadoso do professor e da professora das infâncias, por isso a escuta de professores, investigando sua relação com o desenho em suas trajetórias de vida, da infância à docência na Educação Infantil.

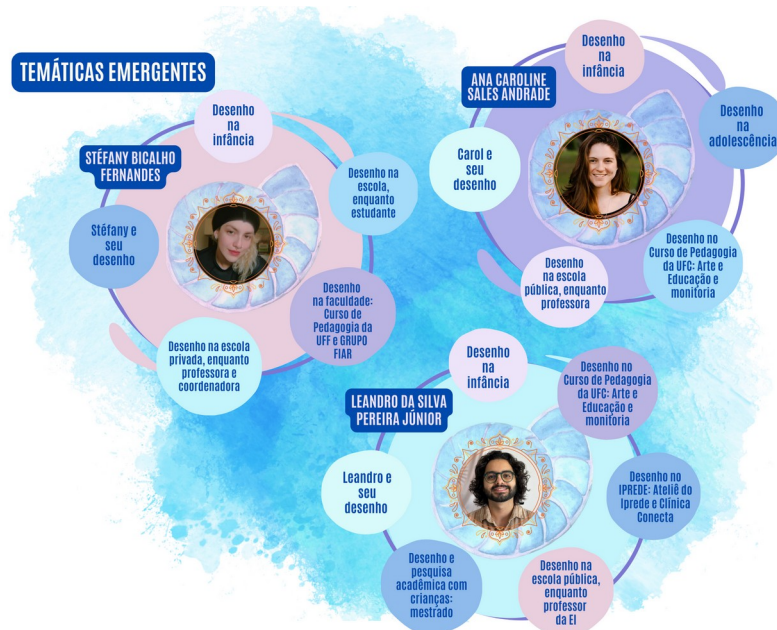
Assim, assumindo os princípios da entrevista narrativa de Fritz Schütze como dispositivo metodológico (Jovchelovitch; Bauer, 2002), uma pergunta-convite impulsionou as narrativas do/das participantes da pesquisa - uma professora e um professor da Educação Infantil, da rede pública de

Fortaleza (CE), formados pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e uma professora da rede privada de Maricá (RJ), formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) -: Qual o lugar do desenho na sua vida, da infância aos dias de hoje como professor da educação infantil? As narrativas, transcritas e textualizadas, revisadas por suas autoras e seu autor, foram colocadas em diálogo a partir da identificação e organização de temáticas emergentes, para depois serem interpretadas. Conforme Bolívar (2012), a ênfase de uma interpretação narrativa reside no conteúdo do texto e a linguagem expressa diretamente a realidade, assim os textos narrativos podem ser estruturados em temas para a análise do texto pelo pesquisador. Desta forma, fez-se uma leitura compreensiva do material biográfico, organizando seu conteúdo nas temáticas e, posteriormente, sub-temáticas por cada entrevista/sujeito. A partir desse primeiro tratamento das grandes temáticas emergentes na narrativa de cada sujeito, foi possível observar a ressonância e os diálogos entre as narrativas, o conteúdo plural que se sobressai do singular vivido e que agora é colocado em texto narrativo.

Qual o lugar do desenho nas histórias de vida dos professores das infâncias? O que o diálogo singular-plural desenha?

Das temáticas gerais emergentes, foi possível observar uma linha temporal que vai da infância à vida adulta como docentes da Educação Infantil: desenho na infância, na adolescência, no curso de Pedagogia e na escola em que atuam como professores e também coordenadora, no caso de uma das entrevistadas, como podemos ver no esquema a seguir (Figura 1).

Figura 1. Temáticas emergentes das narrativas dos professores da EI



Fonte: Goldberg, 2025

O trabalho interpretativo do conteúdo das narrativas, costura o diálogo entre o professor e as professoras de Educação Infantil sobre o lugar do desenho em suas vidas, da infância à docência.

O desenho figura como uma linguagem presente na infância das duas professoras, Carol e Stéfany, que trazem o desenho como uma linguagem viva, afirmando sempre terem desenhado; Para Carol, desenhar na infância era como uma brincadeira e, como “desenhou desde sempre”, o desenho lhe conferiu uma identidade, um lugar social na escola e na universidade como a “Carol que desenha”, ou a “Carol desenho” e ela se beneficiou dessa identidade para desenvolver a autoestima e a autonomia. Para Stéfany, o desenho na infância tinha um papel importante de criar histórias, narrativas e configurar seu mundo, assim como associa o desenho à poesia.

Na escola, ambas destacam o papel do desenho em ajudar na concentração nas aulas. Segundo elas, desenhar ajudava a concentrar e a lembrar dos conteúdos em sala de aula. Já Leandro, apesar de gostar de desenhar quando criança, viu seu desenho ser sufocado na infância, especialmente na escola, quando a escrita se impõe. Ele usa o termo “agridoce” para se referir à sua infância e lembra com pesar desse abandono paulatino do desenho na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Um dos principais fatores que levam ao “bloqueio”, “sufocamento” ou mesmo “abandono” do desenho na infância ocorre com intensidade na escola, geralmente na transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, momento em que a criança é alfabetizada e há um grande choque de realidade entre as etapas, onde a brincadeira, a ludicidade da Educação Infantil dá lugar às cadeiras enfileiradas e horas de cópia de texto do quadro, um aprisionamento do corpo e da criatividade. Sobre isso Albano (2009, p. 51) nos diz: “Muito depressa o desenho-fala se cala e o desenho-certeza se passa à certeza de não saber desenhar. É muito comum ouvirmos crianças de menos de 10 anos dizerem que não sabem desenhar”. Derdyk (1989, p.103) afirma que “o sistema educacional geralmente dá uma grande ênfase ao mundo da palavra. Dependendo da estratégia utilizada para a aquisição da escrita, existe um esvaziamento da linguagem gráfica como possibilidade expressiva e representativa”. Facilmente deixa-se de desenhar para escrever, pois a escrita é mais importante! Até hoje tento entender porque uma linguagem precisaria substituir a outra, se poderiam, ao contrário, somar-se?

Nas experiências com desenho durante a graduação, no curso de Pedagogia, na UFC e na UFF, vemos em suas narrativas o contraste entre a ausência/presença de disciplinas obrigatórias de arte no currículo. Stéfany critica o fato de não haver nenhuma disciplina obrigatória de arte no currículo do curso de Pedagogia da UFF e que para se ter acesso à arte é preciso buscar outras experiências, como disciplinas optativas, projetos, participação em grupos de estudos, o que não vai alcançar todos os estudantes – qual a garantia da formação em arte necessária ao pedagogo em formação?

Stéfany também lamenta o sufocamento do seu desenho durante a graduação. Apesar da ausência da arte enquanto disciplina obrigatória, ela destaca experiências promovidas pela professora das disciplinas de Educação Infantil, disciplinas optativas, e, por fim, o incentivo do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte – FIAR.

Já na UFC, os professores entrevistados destacam a importância da disciplina obrigatória de Arte e Educação, em que ambos também tiveram a oportunidade de ser monitores através do Programa de Iniciação à Docência (PID). Ter vivenciado essa disciplina e a monitoria foi (trans)formador em vários sentidos no que se refere ao desenho, a nível pessoal e profissional. Para Leandro, ingressar no curso de Pedagogia e cursar a disciplina de Arte e Educação foi o momento de se (re)encontrar com seu desenho perdido.

O fato de ter vivido essa experiência de abandono do seu próprio desenho e depois um processo de (re)conexão, imprimiu em Leandro um grande senso de responsabilidade para com as crianças, enquanto professor da Educação Infantil, de não promover esse sufocamento e estimular ao máximo o desenho. Não querer repetir ou perpetuar o ciclo de bloqueio da linguagem do desenho em sua prática pedagógica revela uma importante tomada de consciência que Leandro vai ter também ao estudar teoricamente sobre o desenho e aprender sobre sua importância para o desenvolvimento humano durante a disciplina de Arte e Educação no Curso de Pedagogia da UFC.

Para Carol, os conhecimentos trabalhados na disciplina de Arte e Educação sobre o desenho desconstruíram a ideia de que desenhar é “dom” e que, portanto, é algo que pode ser aprendido, retomado, mudando também a própria relação com seu desenho, diminuindo a cobrança e a pressão de “desenhar bem”.

E o que dizem as professoras e o professor sobre o lugar do desenho na escola da infância onde atuam? Para Carol e Stéfany o desenho é uma linguagem que possibilita se comunicar e se aproximar mais das crianças e também um meio de se divertir, uma forma de resistência num ambiente tão hostil e rígido, um RESPIRO. As narrativas falam que desenhar conecta, permite que professores e crianças partilhem seus mundos de vida, se aproximem!

Algumas considerações, esboços compreensivos

As narrativas de nossos interlocutores indicam que o desenho pode ser sufocado ou adormecido durante a infância, adolescência ou na vida adulta, se fazendo mais presente ou completamente ausente em diferentes momentos e contextos da vida. Na infância ele pode ser identificado como uma brincadeira, um meio de se divertir e acessar o imaginário, assim como meio de contar histórias e narrativas, elaborar visões de mundo. Desenhar pode conferir identidade àqueles que desenharam, auxiliar nas relações sociais consigo e com os outros, ajudar na concentração e ainda ter um caráter terapêutico.

O contato com conteúdos, teorias, vivências e experiências com o desenho na universidade se revela extremamente importante para a compreensão do desenho enquanto linguagem formadora e formativa e alimenta a (re)conexão com o próprio desenho e com o desenho das crianças na escola, além de trazer fundamentos e subsídios para uma prática pedagógica que reconheça e valorize o desenho no cotidiano da Educação Infantil, junto às crianças, os pares e os pais.

O material biográfico (a)colhido, organizado tematicamente e interpretado à luz das teorias sobre o desenho, a formação docente, as infâncias e as histórias de vida, reafirmam que os caminhos e percursos dos professores das infâncias são decisivos para que se tornem interlocutores-catalisadores de experiências sensíveis com o desenho na escola, evitando que esta linguagem seja sufocada, criando espaços para que o desenho se mantenha vivo, selvagem e indomável, como uma linha que sonha e não se deixa morrer.

Palavras-chave: desenho; professores/as das infâncias; educação infantil; narrativa autobiográfica

Referências

- ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho:** a educação do educador. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Editora Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação, V. 3).
- _____. BOLÍVAR, Antonio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.** Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 79-109.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei no 9.394,** de 20 de dezembro de 1996 .
- DELORY-MOMBERGER Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DERDYK, Edith. **O corpo da linha:** notações sobre o desenho. Belo Horizonte: Relicário, 2024.
- _____. **Formas de pensar o desenho -** Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida:** o método biográfico nas Ciências Sociais. Trad. Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- GOLDBERG, Luciane Germano. Experiências formativas em arte dos licenciandos em Pedagogia a UFC: influências da pedagogia tecnicista. In: ANDRADE, Francisco Ari de; VIANA, Carlos Augusto; JESUÍNO, Filipe de Menezes; SILVA, Renata Aquino da. (orgs.). **Educação Brasileira:** conceitos e contextos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.
- GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo:** biografização e desenho infantil com crianças em acolhimento institucional. 2016. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2016.
- GOLDBERG, Luciane Germano; OLINDA, Ercília Maria Braga de; BEZERRA, Larissa Rogério. **Narrativas de experiências formativas em arte:** a linha do tempo de estudantes universitários. In: Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica – CIPA. V. Anais. PUC, Casa Leiria, Porto Alegre, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano; BEZERRA, Larissa Rogério. **Linha do tempo:** Narrativas de vida e experiências formativas em arte. In: Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil - Arte/Educação: Corpos Em Trânsito. 22. Anais. São Paulo, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano; SALMITO, Ricardo Rigaud. **Processos criativos em artes visuais:** as experiências formativas de licenciandos da educação básica. In: DIÁLOGOS INTERNACIONAIS EM ARTES VISUAIS. 2. Anais. Recife, 2013.

GOLDBERG, Luciane Germano. BEZERRA, Larissa Rogério; PEREIRA JÚNIOR, Leandro da Silva. **Do singular-plural e as experiências formativas em arte de licenciandos em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – UNICID. 8. Anais... São Paulo, set. 2018. ISSN 2178-0676.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARTINS, Miriam Celeste e LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. A arte na pedagogia e a formação do professor para educação infantil e anos iniciais: inquietações e esperanças. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 23-36, maio/ago. 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda e SILVA, Greice Duarte de Brito. Arte na formação docente para a educação infantil: procura-se! **P O I É S I S**, Revista do Programa De Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade Do Sul De Santa Catarina Unisul, Tubarão, V.12, N. 21, P. 185-203, Jan/Jun 2018. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5902/0>

PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In **Educação e Pesquisa**. V. 32, no 02, maio/agosto, 2006, p. 329-343.

RELATÓRIO

Estágio pós-doutoral

Luciane Germano Goldberg



Universidade Federal Fluminense
Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Linha de Pesquisa: Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF)

Supervisora: Profa Dra Luciana Esmeralda Ostetto



“A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias”

Luciane Germano Goldberg

Relatório final do estágio de pós-doutorado, realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, sob a supervisão da prof.^a Dr.^a Luciana Esmeralda Ostetto, no período de Agosto 2024 a Agosto de 2025.

Niterói
2025



FIAR

Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte



Luciana A

Esmeralda Ostetto



Luciana F

Germano Goldberg



Agradeço imensamente à Profa Dra Luciana Ostetto pela oportunidade de fazer o pós-doutorado sob sua supervisão e também por poder fazer parte do Grupo FIAR e aprender tanto sobre acolhimento, afeto, beleza, cuidado e “fazer à mão juntos”!



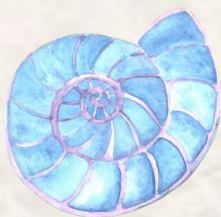
Missão Cultural em SP com o grupo FIAR - maio de 2025. Na foto Luciana Ostetto, parte do grupo, Ana Angélica Albano e Sidney Peterson na “Ocupação Ana Mae Barbosa” no Itaú Cultural.

Resumo



A presente pesquisa, de nível de pós-doutoramento, propõe uma continuidade da pesquisa de doutorado realizada acerca do "autobiografismo" - narrativa autobiográfica desenhada, que em geral nasce espontaneamente na infância e tem o curso de sua "linha" interrompida na infância, especialmente no período de 6 a 7 anos, quando o processo de alfabetização torna-se mais intenso e a linguagem escrita é priorizada, em detrimento das demais linguagens, como no caso do desenho. A partir disso, busca refletir sobre essa dimensão (auto)biográfica do desenho em diálogo com professores das infâncias, tendo em vista lançar um olhar sobre suas narrativas autobiográficas acerca do desenho em suas trajetórias de vida, da infância aos dias de hoje - um encontro com a sua criança e o desenho e as crianças com quem mantém contato. Metodologicamente caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de abordagem (auto)biográfica no campo da Educação. Tem como sujeitos a pesquisadora e 3 professores da Educação Infantil. A narrativa da artista-professora-pesquisadora tem como objetivo refletir sobre seu "autobiografismo", contar a história do seu desenho, da infância à vida adulta através dos próprios desenhos. Para a produção da narrativa dos professores, utilizamos a Entrevista Narrativa de Fritz Schütze (Jovchelovitch e Bauer, 2002), partindo da pergunta disparadora: Qual o lugar do desenho na sua vida, da infância aos dias de hoje como professor(a) da educação infantil? Ficam os questionamentos a serem investigados através das narrativas: terá essa linguagem sobrevivido ao longo dos anos? Que lugar o desenho ocupa nas vidas pessoais e profissionais desses professores? O que essas narrativas revelam sobre visões de mundo, posturas, atitudes, práticas, lugares de fala e atuação de professores que acompanham as crianças nos seus processos criativos e expressivos que deveriam se dar a partir da linguagem do desenho entre outras linguagens artísticas e estéticas?

Palavras-chave: desenho; professores das infâncias; educação infantil; narrativa autobiográfica

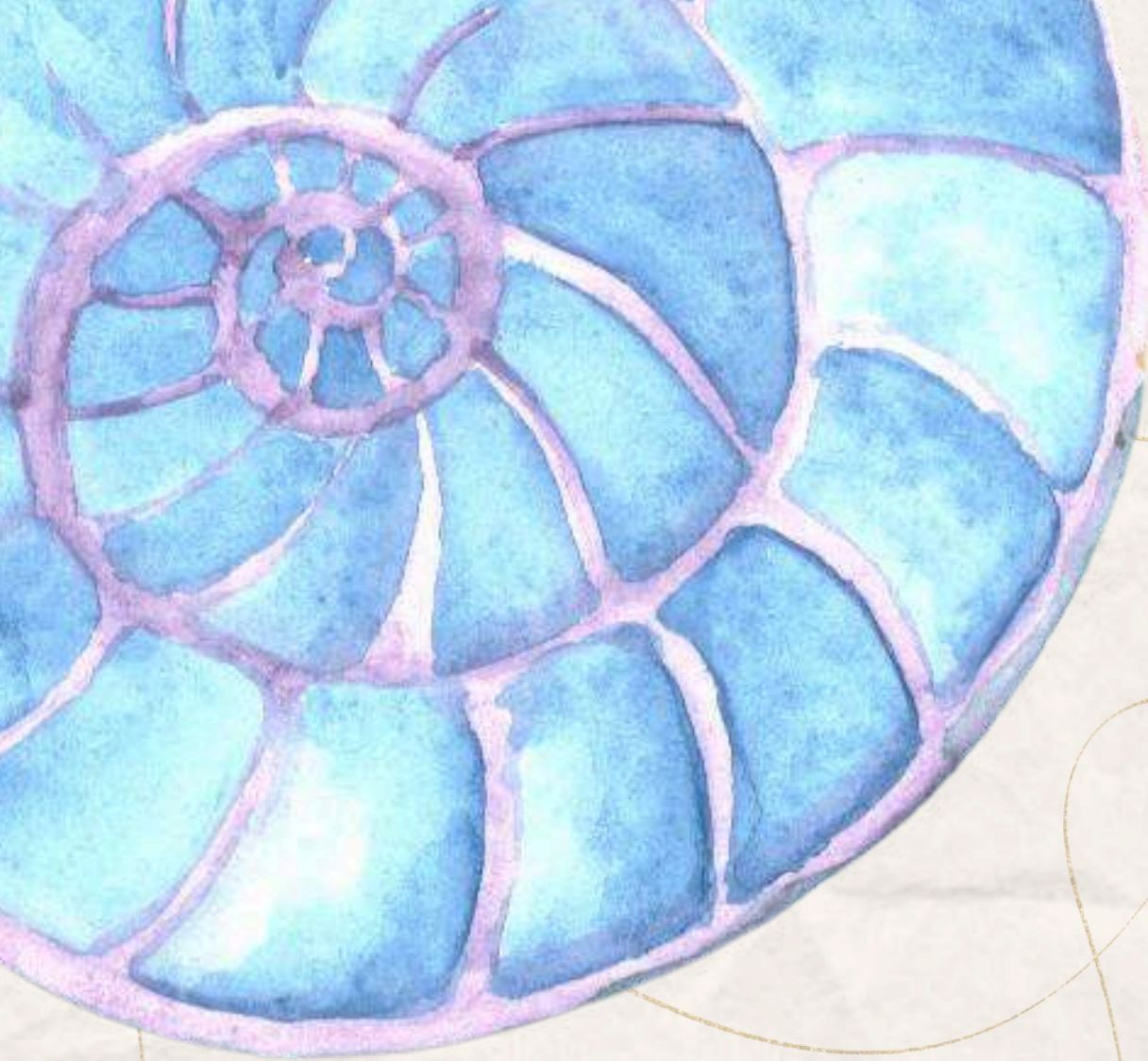


Sumário



1.	A dimensão (auto)biográfica do desenho em diálogo com educadores das infâncias: uma introdução	7
2.	Sobre a Arte na Pedagogia e o desenho na formação de professores das infâncias	121
3.	“Trago seu desenho de volta”: da traumatização artística ao resgate da capacidade criadora do pedagogo	29
4.	O desenho é uma “linha que sonha”: do autobiografismo de uma artista-professora-pesquisadora	47
5.	Pesquisa com professores das infâncias: Qual o lugar do desenho na sua vida, da infância à docência na EI?	61
6.	“Fazer à mão juntos” com o Grupo FIAR: tecer eventos, encontros e experiências estéticas formativas	78
7.	Referências bibliográficas	

1. A dimensão (auto) biográfica do desenho em diálogo com professores/as das infâncias: uma introdução



A expressão frequente “não sei desenhar” evidencia a prisão do corpo dentro da noção de linha-contorno, comandada por um modelo representacional que colide com a vocação transitiva do desenho. Da constatação de que desenho é linguagem atávica, presente em nossa aventura civilizatória desde os primeiros signos visuais inscritos em cavernas, como afirmar que não sabemos desenhar?

Derdyk (2024, p. 29)

O presente relatório tem como objetivo organizar e partilhar as itinerâncias, vivências e experiências que envolveram o processo de Pós-Doutoramento realizado sob a supervisão da Profa Dra Luciana Esmeralda Ostetto, junto à Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói RJ, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF) no período de 12 meses, de agosto de 2024 a agosto de 2025.

O plano de trabalho apresentado versa sobre uma pesquisa acerca da dimensão (auto)biográfica do desenho, a partir da minha narrativa como artista-professora-pesquisadora em diálogo com as narrativas de professores das infâncias, dando continuidade à discussão sobre o “autobiografismo”, constructo que defendi em minha tese de doutorado (Goldberg 2016).

Nesta pesquisa de pós-doutorado, almejei reunir um mosaico de temáticas às quais estou envolvida enquanto professora do curso de Pedagogia da Universidade Feral do Ceará (UFC) e do Mestrado em Artes no Instituto Federal do Ceará (PPGArtes/IFCE), nas costuras com ensino, pesquisa e extensão, unindo interfaces entre o desenho, a narrativa (auto)biográfica, a formação artística e estética de professores da Educação Infantil e as infâncias. O que justifica sobremaneira a escolha pela supervisão da Profa Dra Luciana Ostetto, grande referência no campo, para me acompanhar nessa travessia.

Nos últimos anos tenho orientado muitas pesquisas a nível de graduação no curso de Pedagogia e de pós-graduação no Mestrado em Artes - no Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará (ProfArtes/UFC) em que orientei 3 pesquisas; no Mestrado em Artes do Instituto Federal do Ceará (PPGArtes/IFCE) em que orientei 4 e estou com 3 em andamento. Também colaborei como co-orientadora de várias pesquisas de mestrado e doutorado junto ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFC). A maioria de meus (co)-orientandos são docentes da rede pública de Fortaleza, professores da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental e, boa parte das pesquisas são de cunho (auto)biográfico, investigando as dimensões artística e estética da formação docente na Educação Infantil através das narrativas (auto)biográficas. Sendo a professora Luciana Ostetto uma das principais referências no campo da arte, infâncias e da formação estética de professores da Educação Infantil, em diálogo com as narrativas, fazer pós-doutorado sob sua supervisão me proporcionou aprofundar meus conhecimentos nesses campos de interesse e atuação e experienciar os modos de pensar e fazer pesquisa junto ao seu grupo, o FIAR – Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte, que passei a integrar como pesquisadora em 2025.



GEPEFI e Luciana Ostetto - Fortaleza, 2024

O encontro com a Prof^a Luciana se deu, para além de sua extensa produção acadêmica, que serve de base e referência à todos que pesquisam sobre arte e formação estética em diálogo com a Educação Infantil, tendo as narrativas de formação e (auto)biográficas como lugar de reflexão, formação e constituição desse ser docente, mas também nos encontros proporcionados pela Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFC), no eixo “Infâncias: filosofia, arte e corporeidade”, coordenado pela Profa Dra Ana Maria Monte Coelho Frota, no qual atuo como professora colaboradora e co-orientadora e no Mestrado Profissional em Artes (PPGArtes/IFCE) onde sou professora permanente, no eixo “Artes Visuais para/com as infâncias”, espaços em que contamos com a preciosa interlocução de Luciana nas bancas de qualificação e defesa de nossos orientandos de mestrado e doutorado.



**Defesa dissertação Ana Caroline Sales Andrade 2022 (PPGE/UFC)
Orientação Ana Frota e co-orientação Luciane Goldberg**



**2a Qualificação doutorado Janice Débora Araújo 2024 (PPGE/UFC)
Orientação Ana Frota e Co-orientação Luciane Goldberg**



**Qualificação mestrado Paloma Almeida - 2024 (PPGARTES/IFCE)
Orientação Luciane Goldberg**



**Defesa mestrado Leandro Pereira Júnior 2024 (PPGE/UFC)
Orientação Ana Frota e co-orientação Luciane Goldberg**



**Defesa mestrado Paloma Almeida 2025 (PPGARTES/IFCE)
Orientação Luciane Goldberg**

○○○ X CIPA - 2024 - UNEB



Destes encontros, Luciana fez um convite para participarmos do **X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA)**, realizado em maio de 2024 pela Universidade do Estado da Bahia – Uneb (Salvador, BA), com uma proposta de sessão de grupos de pesquisa, no eixo temático: *Memória, história, literatura, artes*, com o trabalho “Narrativas autobiográficas pelas veredas da educação e da arte: formação e pesquisa, saberes e práticas”. Para tal, reunimos os grupos: Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR/UFF) - liderado por Luciana Ostetto; Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA/UFC), liderado por mim e o Grupo de Estudos Infância, Juventude e Cultura Contemporânea (GEIJC/UFR) liderado por Elni Willms.

Nossa participação no X CIPA foi uma experiência muito valiosa em que nossos grupos partilharam seus modos próprios e singulares de fazer pesquisa, identificando-se como grupos que se afinam e se conectam pelos objetivos comuns, na sua essência, de promover pesquisas narrativas de cunho (auto)biográfico com arte em diálogo com a educação. Daquele momento, de marcante alegria e satisfação, germinou o desejo de juntar os nomes dos dois grupos em um, aproximando-os em projetos e movimentos acadêmico-criativos, fertilizando poéticas, criando um verbo: DIAFHIAR, que plantou uma semente entre aqueles e aquelas que se veem e se reconhecem, que de mãos dadas, em roda, tecem lugares comuns e singulares. Os laços entre os grupos se estreitaram com meu estágio pós-doutoral e vislumbramos a possibilidade de conjugar o verbo DIAFHIAR no III Seminário Rodas do FIAR, evento realizado pelo FIAR em julho de 2025, um encontro mais profundo e intenso com as gentes de lá e de cá, trazendo o Ceará para Niterói, celebrando a fértil conjugação do nordeste com o sudeste e encerrando (ou seria coroando?) o ciclo do pós-doutoramento. Narrarei com mais detalhes sobre o evento neste relatório.



Importante colocar que escolhi me mudar para Niterói (RJ) durante o período do afastamento para poder viver as experiências de perto e mergulhar com todos os sentidos nas oportunidades formativas que o pós-doutorado poderia me oferecer. Isso significou conhecer e conviver melhor e mais de perto com minha supervisora e os integrantes do grupo FIAR, participar presencialmente das reuniões regulares do grupo, dos eventos por ele promovidos, das defesas e das atividades culturais planejadas. Também me foi possível participar de uma disciplina na graduação em Pedagogia da UFF com Luciana Ostetto, o componente curricular *Atividades Culturais III- Arte, Infância e Formação Docente*, planejando as atividades e vivendo as experiências conjuntamente com Luciana, a doutoranda Daiane Medeiros (em estágio de docência) e a turma, oportunidade em que ministrei variadas oficinas, entre elas sobre o desenho, tema desta pesquisa de pós-doutorado. Contarei também com mais detalhes essas experiências ao longo deste relatório. Segue o fio...





Deslocar-me de Fortaleza (CE) para Niterói (RJ), do nordeste para o sudeste, permitiu-me também uma formação estética em contexto, pois além das belezas naturais e ambientais da região e da Cidade Maravilhosa, pude acessar muitos equipamentos culturais em Niterói, na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo, importantes centros de produção artística e cultural do nosso país. Isso me permitiu visitar inúmeras exposições artísticas em diferentes museus, assistir a peças de teatro, ir ao cinema, apreciar concertos e apresentações musicais com frequência. Um verdadeiro deleite estético, que muitas vezes não conseguimos vivenciar com frequência, pelo excesso de trabalho que acumulamos enquanto docentes federais. Se defendemos a importância e a necessidade da formação estética dos professores, penso que isso deve começar por nós, sem demagogias: nos alimentarmos de arte e de cultura, matéria-prima da nossa formação sensível. Como afirmam Ostetto e Silva (2018):

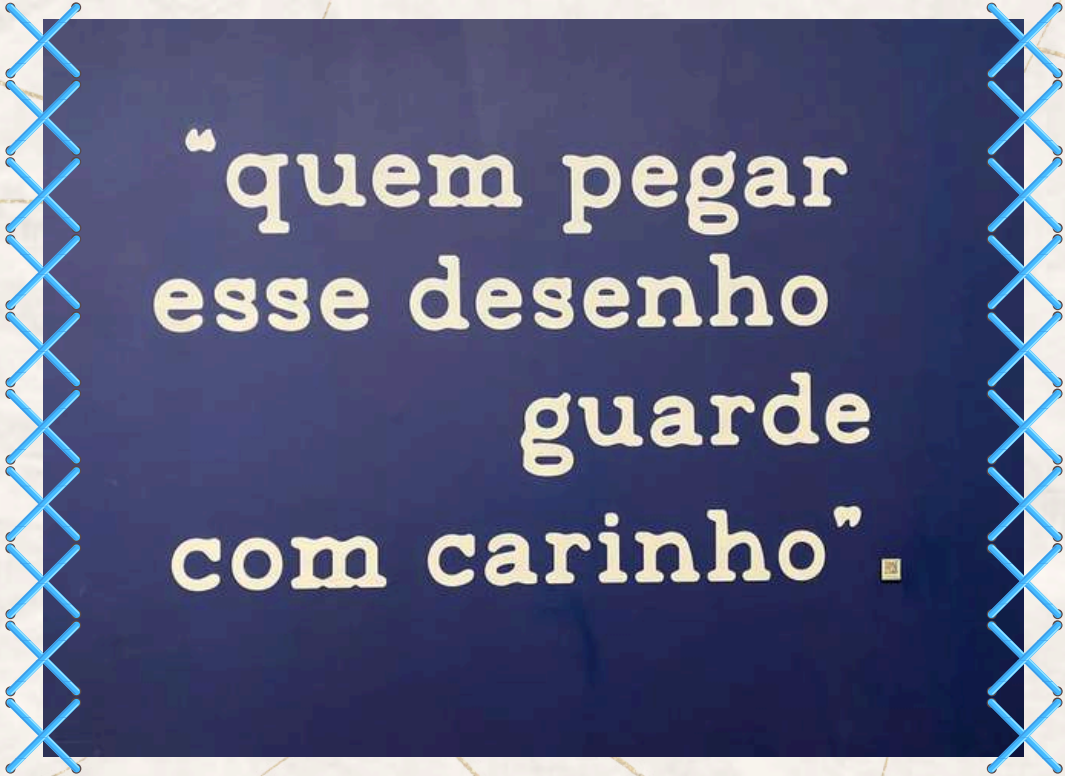
Na atualidade, compreendemos que refletir sobre a dimensão estética na formação de professores significa traçar um caminho que tenta chamar atenção para a necessidade de devolver sentido às coisas do mundo; de fazerem-se movimentos que ajudem o professor a (re)animar sua vida, dentro e fora da docência, a reconectar-se com sua potência criadora, (re)encantar-se e seguir com as crianças percebendo e inventando belezas. Significa não esquecer a pessoa na pessoa do professor - ser por inteiro, mente e corpo, emoção e razão, escrita, voz e poesia de ser (Ostetto; Silva, 2018, p. 12).

Estar em Niterói me proporcionou uma “parada” estratégica para sair do automatismo e do excesso de afazeres acadêmicos, que me levaram a uma estafa e consequente *burnout* nos anos anteriores, “devolvendo sentido às coisas do mundo”, (re)animando minha vida dentro e fora da docência, me reconectando com minha potência criadora para poder seguir (re)inventando belezas, como as autoras colocam tão precisamente. Nunca podemos esquecer a pessoa na pessoa da professora e não tem sido simples e nem fácil ser professora no nosso país. Assim, impossível mensurar a dimensão das aprendizagens sensíveis derivadas dessas experiências “outras” tão essenciais. Só posso afirmar que cresci muito, não somente como professora e pesquisadora de arte e de arte/educação, mas como ser humano, afinal “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte” (Titãs, 1984). Sou grata à Universidade Federal do Ceará (UFC) por esta oportunidade que, com certeza, retornará aos nossos alunos e à nossa comunidade acadêmica quando voltar às minhas atividades de ensino, pesquisa e extensão, encharcada de novos estudos e leituras, novas imagens e olhares, novas referências e experiências para partilhar.



Fotografia de minha autoria, vista da ponte na Praia de Boa
Viagem do Museu de Arte Contemporânea de Niterói RJ -
maio de 2025 (foto de celular)





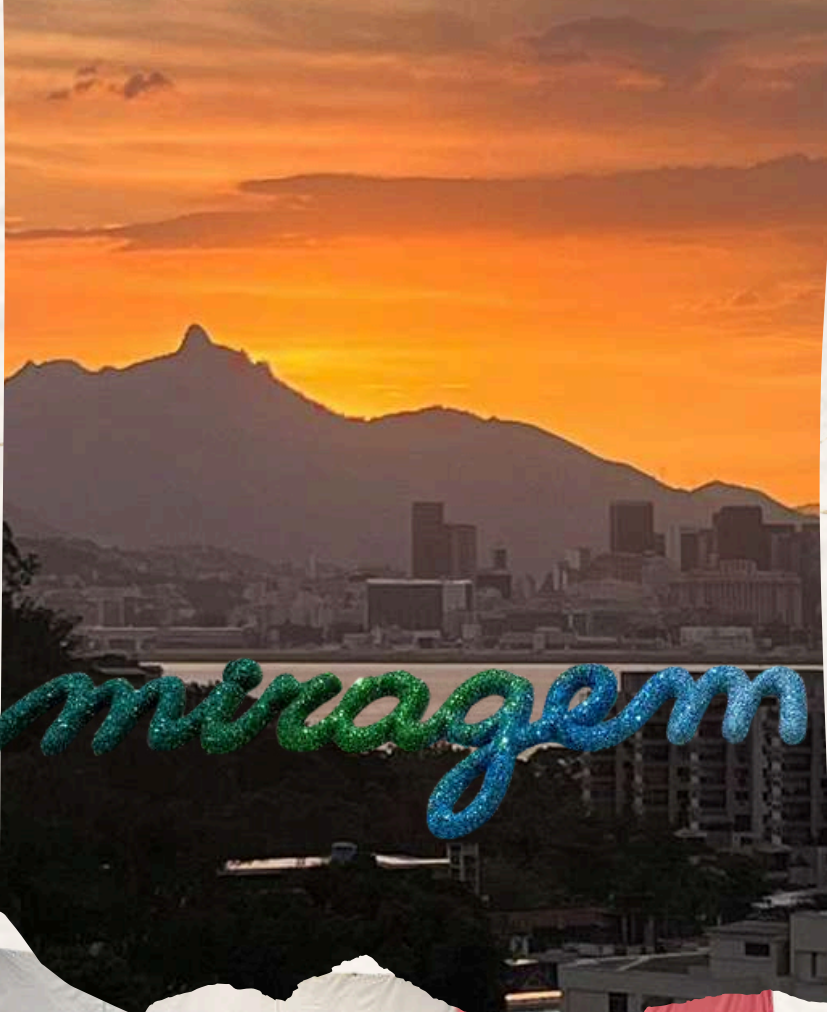
“quem pegar
esse desenho
guarde
com carinho”.

Imagem de fala do artista Antônio Roseno de Lima (1926-1998) na mostra “A.R.L - vida e obra”, no CCBB - RJ que visitei em 2024.

Fotografia de minha autoria, fim de
tarde no Parque da Cidade Niterói RJ
- dezembro de 2025 (foto de celular)



A dimensão (auto) biográfica do desenho em diálogo com professores/as das infâncias: uma introdução



miragem

Flanações diversas entre pôr-do-sol da varanda da minha morada em Niterói e exposições em centros e espaços culturais em Niterói e na cidade do Rio.



A título de organização deste Relatório, ele está composto pelos aspectos que envolvem a pesquisa proposta “A dimensão (auto)biográfica do desenho: um diálogo com professores/as das infâncias” a partir do plano de trabalho apresentado, que sofreu algumas modificações ao longo do percurso, digamos que foi acrescido de mais atividades e teve alguns ajustes de rota, mas originalmente seguiu o proposto:

1. Desenvolvimento do projeto de pesquisa

- 1.1. Seleção de material para estudo com a supervisora;
- 1.2. Leitura e estudo do material selecionado;
- 1.3. Pesquisa de campo organizada com a supervisora: produção das narrativas;
- 1.4. Análise e discussão com a supervisora acerca do que foi (a)colhido no campo;
- 1.5. Elaboração de artigo;

2. Participação em atividades do grupo de estudo e pesquisa Grupo de Pesquisa FIAR - Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte, coordenado pela professora supervisora

3. Participação no grupo de orientação da professora supervisora

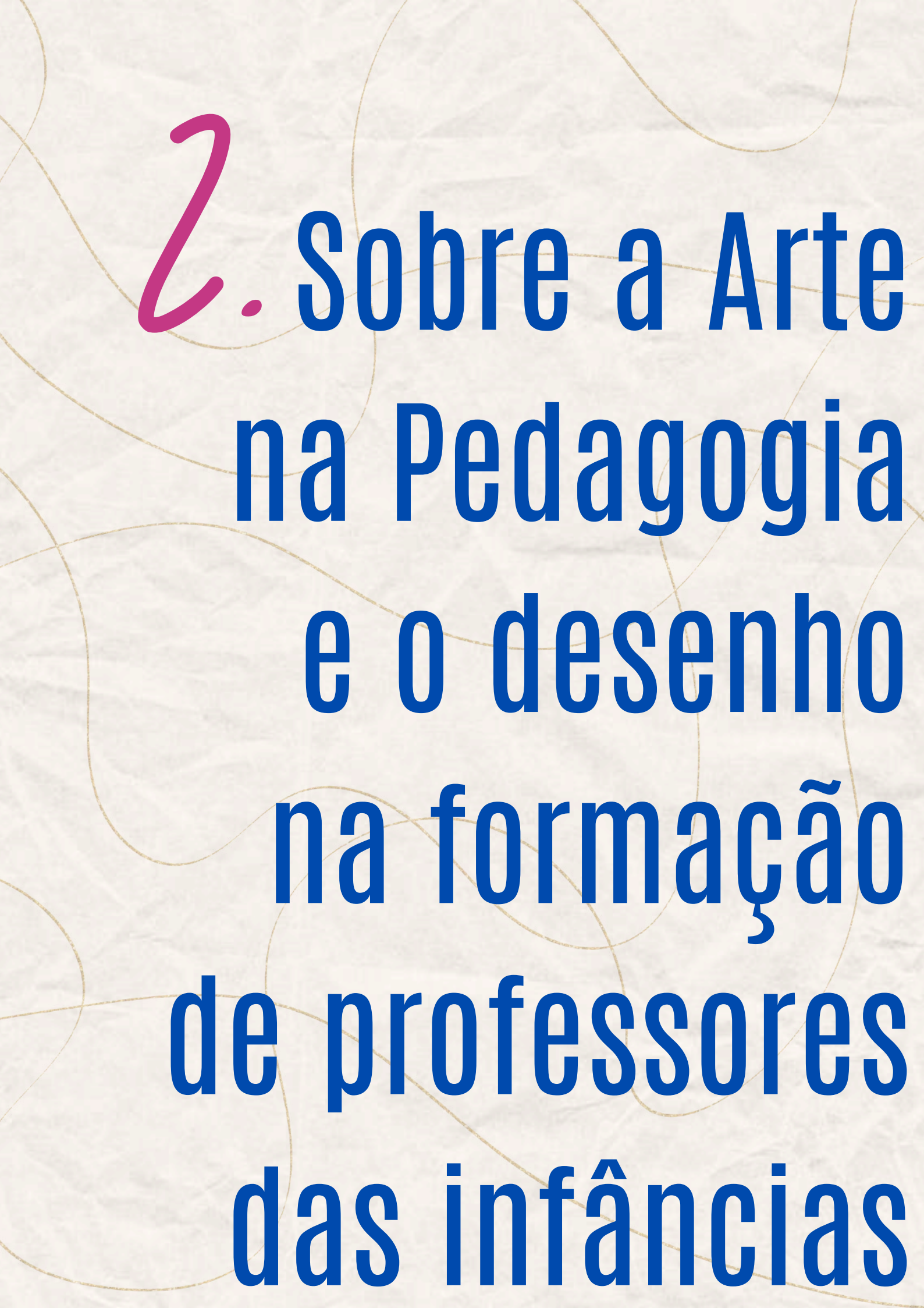
4. Elaboração do relatório final

Desta forma, este relatório inclui as atividades de estudo e de pesquisa derivadas das narrativas (auto)biográficas acerca do desenho: a minha narrativa, enquanto artista-professora-pesquisadora – sobre o meu “autobiografismo” e a narrativa autobiográfica de três pedagogos, professores da Educação Infantil acerca do desenho nas suas trajetórias de vida, dois da Rede Municipal de Fortaleza (CE), formados pela UFC e uma da rede privada de Niterói (RJ), formada pela UFF.

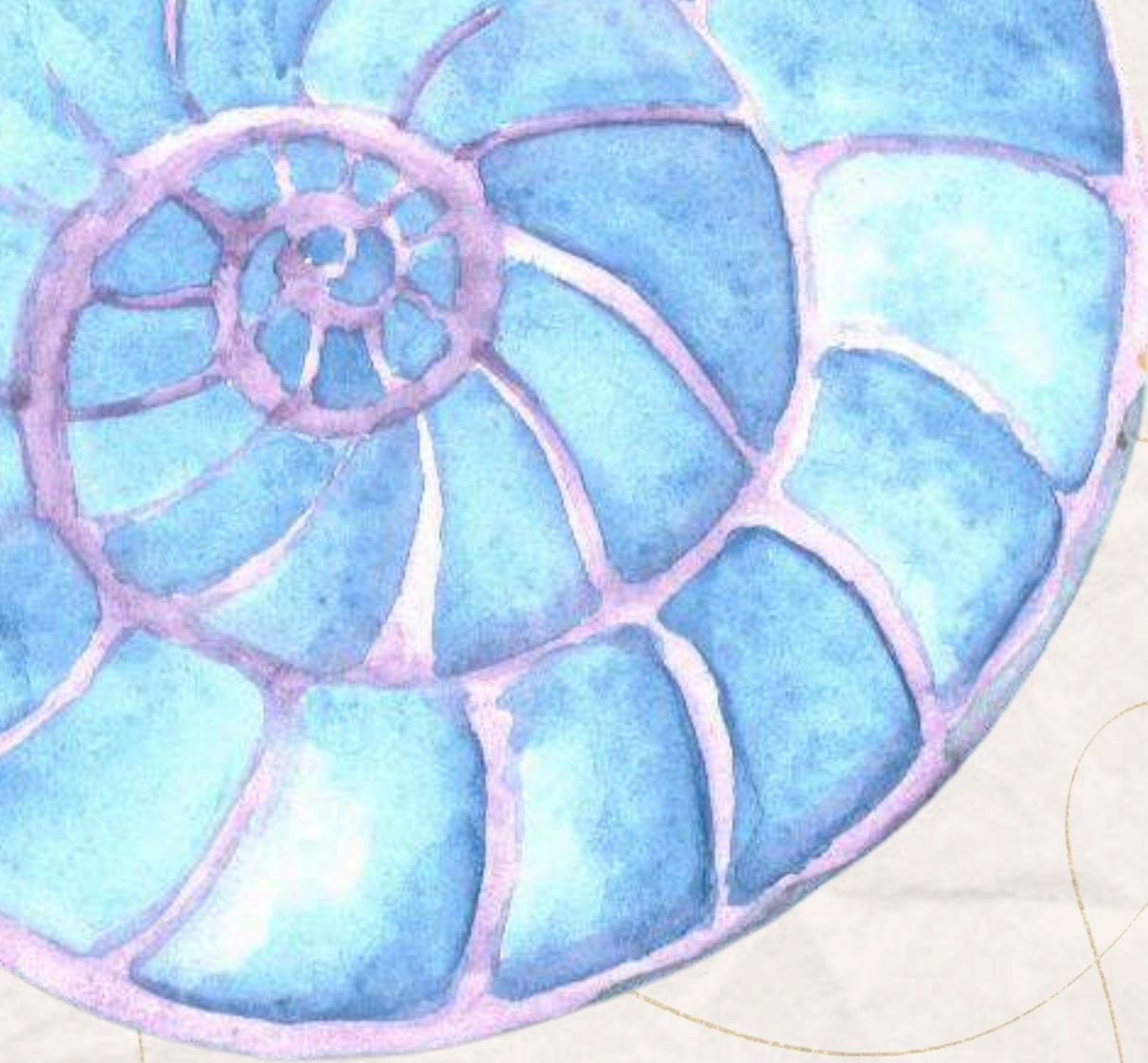
Para além da pesquisa, comporão o relatório as demais atividades, como as reuniões com o FIAR, a participação no componente curricular *Atividades Culturais III - Arte, Infância e Formação Docente* durante o semestre de 2024.2, a palestra *Desenhos, Infâncias e Autobiografias*, em que organizei e atualizei meus conhecimentos e resultados de estudos e pesquisas ao longo dos anos sobre as temáticas reunidas, e demais experiências e vivências culturais importantes, junto ao FIAR, como a Missão Cultural em São Paulo em maio de 2025 para visita à Ocupação Ana Mae Barbosa no Itaú Cultural, o evento *III Seminário Rodas do FIAR*, que encerra esse belo ciclo do pós-doutorado reunindo o FIAR e o meu grupo DIAFHNA em Niterói, entre outras experiências estéticas que vivi fora do grupo, mas que considero importante mencionar. Tudo está entrelaçado com os objetivos de formação propostos nessa jornada do pós-doutorado.



Sobre pesquisa bibliográfica realizei um levantamento da vasta publicação da minha supervisora Luciana Ostetto que versam sobre a temática da arte na Educação Infantil e formação artística e estética de professores das infâncias em diálogo com as narrativas. Também me debrucei acerca de publicações sobre o desenho e a formação docente na Educação Infantil, buscando novas referências, para além das que já tenho conhecimento. O resultado desses estudos, em diálogo com outras temáticas pertinentes, fundamentam este relatório e as produções acadêmicas derivadas da pesquisa realizada. Como “produto” do pós-doutorado, a minha narrativa autobiográfica, sobre a história do meu desenho ao longo da minha vida, meu autobiografismo e a pesquisa com os professores, matéria-prima para o artigo anexado neste relatório. Vamos comigo?



2. Sobre a Arte na Pedagogia e o desenho na formação de professores das infâncias



Mesmo considerando a existência de materiais produzidos nas últimas décadas, como documentos que norteiam o currículo na Educação Infantil e trazem importantes orientações nos aspectos estéticos e artísticos, o silenciamento do corpo e o adestramento das mãos, o controle do tempo para fazer trabalhinhos, o consumo de imagens midiáticas e uniformes, e os desenhos prontos para colorir no lugar da produção de desenhos autorais são práticas ainda presentes.

Ostetto e Silva (2018, 188)

Enquanto professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), dedico-me às áreas de arte/educação e educação estética, sempre propondo práticas e metodologias que privilegiem uma formação reflexiva e participativa, encontrando na dimensão biográfica um lugar regenerador e (trans)formador. Ao ingressar no Curso de Pedagogia em 2011 como professora efetiva, minha primeira “bandeira” sempre foi o “desenho infantil” - sendo eu, licenciada em Artes Plásticas (hoje Artes Visuais), já havia vivenciado o chão da escola como professora de artes no Ensino Fundamental, na iniciativa pública e privada, nos diferentes níveis de ensino, e sempre me incomodava a afirmativa “Eu não sei desenhar”, repetida exaustivamente pela maioria das pessoas, sejam crianças, adolescentes e/ou adultos. O que provocava este “fenômeno”?



Minhas pesquisas acerca do desenho iniciaram ainda na graduação, nos anos 90 e, a partir daí, vou apreender mais e mais que muitos param de desenhar ainda na infância e que o processo de escolarização, especialmente durante a alfabetização, contribui expressivamente para esse “bloqueio” ou “congestionamento” da expressão gráfica na infância, que leva, na maioria das vezes ao total abandono desta linguagem. O que sempre me incomodou e me incomoda até hoje, é a naturalidade com que as pessoas lidam com o sufocamento ou mesmo “morte” de uma linguagem tão potente e importante para nosso desenvolvimento e nossa constituição enquanto seres humanos. É tipo assim: “matamos” o desenho na infância, e daí? Tudo indica um forte desconhecimento e “ignorância” acerca do desenho e de sua importância para nosso desenvolvimento sensível e cognitivo.

Ao compreender que esse bloqueio do grafismo ocorre expressivamente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental escolhi ser professora do curso de Pedagogia e buscar fortalecer a formação artística e estética dos professores das infâncias, os pedagogos, tão precária, incipiente ou até inexistente nos cursos de graduação. Conforme aponta a pesquisa “Situação da Arte na Pedagogia: levantamento nacional” realizada entre 2012 e 2013 pelo Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (GPAP), da Universidade Mackenzie, liderado pela Prof^a Dr^a Miriam Celeste Martins, de “99 universidades públicas federais, estaduais ou municipais, consultadas em um universo de 115 do total, com o preenchimento de 180 formulários, possibilitando a análise de 82 disciplinas de 56 universidades e a descoberta de que 32 cursos não oferecem disciplinas relacionadas à arte” (Martins e Lombardi, 2015, p. 30). É assustador imaginar que não hajam disciplinas obrigatórias de arte nos currículos de formação de professores das infâncias (!).

Em 2012 cheguei a participar e colaborar com as pesquisas do GPAP acerca da arte nos cursos de Pedagogia em nível nacional, que trouxeram importantes informações a nível “macro”, como sobre a presença ou não da arte nos currículos e a nível “micro”, como a arte se apresenta e é trabalhada nos cursos de Pedagogia, o que envolve a formação dos docentes; as áreas/linguagens artísticas presentes; a legislação, currículos, cargas horárias, ementas e bibliografias, etc.

Sendo a arte e a dimensão estética, responsabilidade dos pedagogos na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Fundamental, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia (2006), cabe aos pedagogos (grifos meus): Art. 4º Parágrafo único: “VI - aplicar modos de ensinar diferentes linguagens, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, **Artes**, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (Brasil, 2006). Ainda, o documento indica que a estrutura curricular do Curso de Pedagogia deve articular: “i) decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, **Artes**, Educação Física”.

Além da arte, a dimensão estética também está presente em várias partes do documento, na definição de docência, enquanto valor inerente a processos de aprendizagem, socialização e construção de conhecimento:

§ 1. Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

Enquanto um princípio na formação do estudante de pedagogia:

Art. 3. O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética.

Com relação à estrutura do curso, indica que deve ser constituída de um núcleo de estudos básicos, que deve incluir as dimensões artística e estética:

e) aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial;

k) atenção às questões atinentes à ética, à estética e à ludicidade, no contexto do exercício profissional, em âmbitos escolares e não-escolares, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa;

Como pode, então, existirem cursos de graduação em Pedagogia que não ofereçam em seus currículos disciplinas obrigatórias voltadas para a arte e para a dimensão estética? Poderíamos considerar ilegal a ausência dessas áreas de modo explícito nos cursos de Pedagogia, já que constam nos documentos oficiais que regem a formação inicial? Como cobrar dos pedagogos atuantes nas escolas aquilo que a formação inicial não proveu?

A não oferta de disciplinas obrigatórias no campo da arte e da arte/educação e, por consequência, o não incentivo à formação artística e estética de futuros professores das infâncias, retroalimenta e perpetua práticas pedagógicas pobres e limitadas quando se trata de arte na escola. Vemos que há uma escassez de experiências artísticas, sensíveis e estéticas na própria trajetória escolar dos educadores, que dirá na sua formação inicial, nas universidades privadas e públicas do nosso país. E são eles, os pedagogos, legalmente responsáveis pela formação artística e estética de bebês e crianças, ou seria pela “de”formação ou mesmo o que chamo de “traumatização” artística?

A arte, como área de conhecimento, como componente curricular obrigatório na educação básica, como se apresenta na LDB 9.394/96, não deve figurar somente como algo transversal e interdisciplinar, “a serviço” das demais áreas do conhecimento. A arte deve ser trabalhada como todas as demais áreas, portanto deve ser garantido o seu ensino na formação inicial dos pedagogos. No entanto, a discriminação da área é histórica e se multiplica em todos os níveis, como observo ao longo da minha trajetória docente nas escolas e nas universidades públicas e/ou privadas.

Para “ilustrar” brevemente essa discriminação, lembro de uma discussão acirrada no Departamento de Teoria e Prática do Ensino, do qual faço parte, acerca da carga horária dos ensinos, numa proposta de reformulação curricular: docentes dos ensinos de língua portuguesa e matemática pleiteavam aumento de carga horária, de 6 créditos (96h) para 9 (128h), justificando que, para atender a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento atual que rege o ensino formal nacional na educação básica, teriam que ampliar os conteúdos – afinal, língua portuguesa e matemática são as áreas mais valorizadas e cobradas nas avaliações nacionais (!), uma lógica que menospreza as demais áreas.

Nisto, enquanto docente da área de Arte do departamento, justifiquei a necessidade do aumento da carga horária da disciplina obrigatória de Arte e Educação, que tem apenas 4 créditos (64h), enquanto todos os ensinos já possuem 6 créditos! (língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia). Ouvi que não era necessário ampliar a carga horária da disciplina de Arte e Educação, pois a arte é trabalhada em todos os ensinos, interdisciplinarmente, afinal “tudo se aprende melhor e mais facilmente com arte”. Ou seja, os próprios docentes da Faculdade de Educação, não reconhecem a área de arte como um componente curricular, prescrito na LDB 9.394/96 como uma área de conhecimento que possui suas especificidades como todas as demais. Afinal, “arte para que?”, não cai na “provinha” nacional.

Outro acontecimento a destacar foi durante a disciplina de Educação Estética, disciplina optativa que ministro para a graduação e que possui uma procura muito grande. Ao perguntar a uma das turmas sobre o que pensavam sobre a disciplina, o que esperavam aprender, uma estudante disse que não tinha ideia do que seria “educação estética” na Pedagogia: “seria aprender sobre a estética dos bebês?” - aqui, segundo ela, pensou que o termo “estética” estaria voltado para a beleza física, a estética dos centros e salões de beleza. Mesmo assim ela se matriculou no componente - sem ter a mínima ideia do que seria.

É tamanha a “ignorância” das pessoas que fico imaginando como seria sem essa disciplina na formação dessa pedagoga, que obviamente desconhece o que é a dimensão estética na educação e que ela, enquanto pedagoga em formação, deveria receber uma formação artística e estética, que atendesse às Diretrizes Curriculares Nacionais do seu curso e às exigências dos documentos legais que regem a Educação Infantil e as Séries Iniciais do Ensino Fundamental, onde poderá atuar ao se formar.

Apenas dois exemplos de um arsenal cotidiano de situações em que a arte é estigmatizada e desvalorizada ainda nos dias atuais. Fruto de aspectos da própria história do ensino de arte no Brasil que, de tão enraizados, ainda permanecem e se perpetuam nas mentes e corações das pessoas. Diante disso, considero fundamental trabalhar na disciplina obrigatória de Arte e Educação no curso de Pedagogia da UFC, enquanto conteúdo, a história do ensino de arte no nosso país, o que faço a partir das narrativas (auto)biográficas. Estudar a história “macro” a partir das histórias “micro” e singulares dos estudantes de pedagogia em formação. Nesse bojo, vem também o lugar do desenho em suas trajetórias sociais, culturais - familiares e escolares nos seus contextos regionais. Experiências que desenharam um “retrato” da presença (ou não) da arte e de suas múltiplas expressões na sociedade ao longo do tempo, que revelam ecos ainda presentes das pedagogias tradicionais e tecnicistas de um ensino de arte vazio, conteudista e técnico que, durante a infância, resume-se às atividades mecânicas e padronizadas de modelos prontos e coreografias encenadas nas datas comemorativas.

Ao me aprofundar nas publicações de Luciana Ostetto acerca de suas experiências com as narrativas (auto)biográficas de professoras da Educação Infantil sobre a arte e a formação estética, encontrei explícita ressonância entre os resultados encontrados nas narrativas dos meus estudantes da graduação ao longo dos anos – aspectos que se perpetuam acerca do ensino de arte na escola e suas consequências na formação de professores:

Colorir desenhos prontos, pintura livre em folhas A4, fazer trabalhinhos com tinta guache ou recorte-colagem, ensaiar músicas, dancinhas e teatros para dias festivos foram lembranças recorrentes da infância dos participantes, revelando a escola como um espaço com poucas oportunidades de expansão sensível, tempo marcado pela interdição da experiência criativa, de cerceamento dos sentidos. Na reflexão, ativada pelo compartilhamento de memórias dos participantes em diálogo com a narrativa lida, reconheceram em si a queixa de muitos adultos (“eu não sei desenhar”) e ponderaram que o afastamento do desenho (o medo de desenhar, a ideia cristalizada de não saber fazer o certo) foi sendo forjado na escola da infância (Ostetto, 2019, p. 68).

Estes relatos contam um pouco do contexto em que estou inserida enquanto professora de arte no curso de Pedagogia, justificando a pesquisa de pós-doutorado aqui reportada, que surge da necessidade de pesquisar e fortalecer a formação artística e estética de educadores das infâncias, ao que me dedico desde 2011 no curso de Pedagogia da UFC. Minhas experiências com arte na Pedagogia na UFC foram sistematizadas no artigo *A aventura do “espalha-brasa”: arte na Pedagogia na Universidade Federal do Ceará*, publicado em 2021 pela Revista GEARTE. No próximo item trarei o enfoque de como trabalho, especificamente, a temática do desenho, na formação de professores das infâncias.

Para acesar o artigo citado acima:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117511/63985>



A aventura do “espalha-brasa”: arte na Pedagogia na Universidade Federal do Ceará

Luciane Germano Goldberg

(Universidade Federal do Ceará — UFC, Fortaleza/CE, Brasil)

RESUMO — A aventura do “espalha-brasa”: arte na Pedagogia na Universidade Federal do Ceará — Aborda práticas pedagógicas de arte e educação no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Serve-se da metáfora do “espalha-brasa”, como referência ao brinquedo de parque diversões que tem cadeiras suspensas que giram no seu próprio eixo em alta velocidade, propondo pensar a arte na Pedagogia como uma experiência estética transformadora, mobilizadora e produtora de novas visões de mundo, sentidos e percepções. Partilha metodologias processuais, vivenciais, ativas e participativas, buscando promover liberdade, autonomia e horizontalidade das relações a partir de processo (auto)biográfico.

PALAVRAS-CHAVE

Arte na Pedagogia. Arte e Educação na UFC. Práticas Pedagógicas em Arte e Educação. Autobiografia.

ABSTRACT — The adventure of “Wave Swinger”: art in Pedagogy at Universidade Federal do Ceará (UFC) — Addresses pedagogical practices of art and education in the Pedagogy course at Universidade Federal do Ceará. It uses the metaphor of “Wave Swinger”, as a reference to the amusement park toy that has suspended chairs that rotate on its own axis at high speed, proposing to think of art in Pedagogy as an aesthetic experience that transforms, mobilizes and produces new worldviews, senses, and perceptions. It shares procedural, experiential, active and participatory methodologies, seeking to promote freedom, autonomy and horizontality in relationships from a (auto)biographical process.

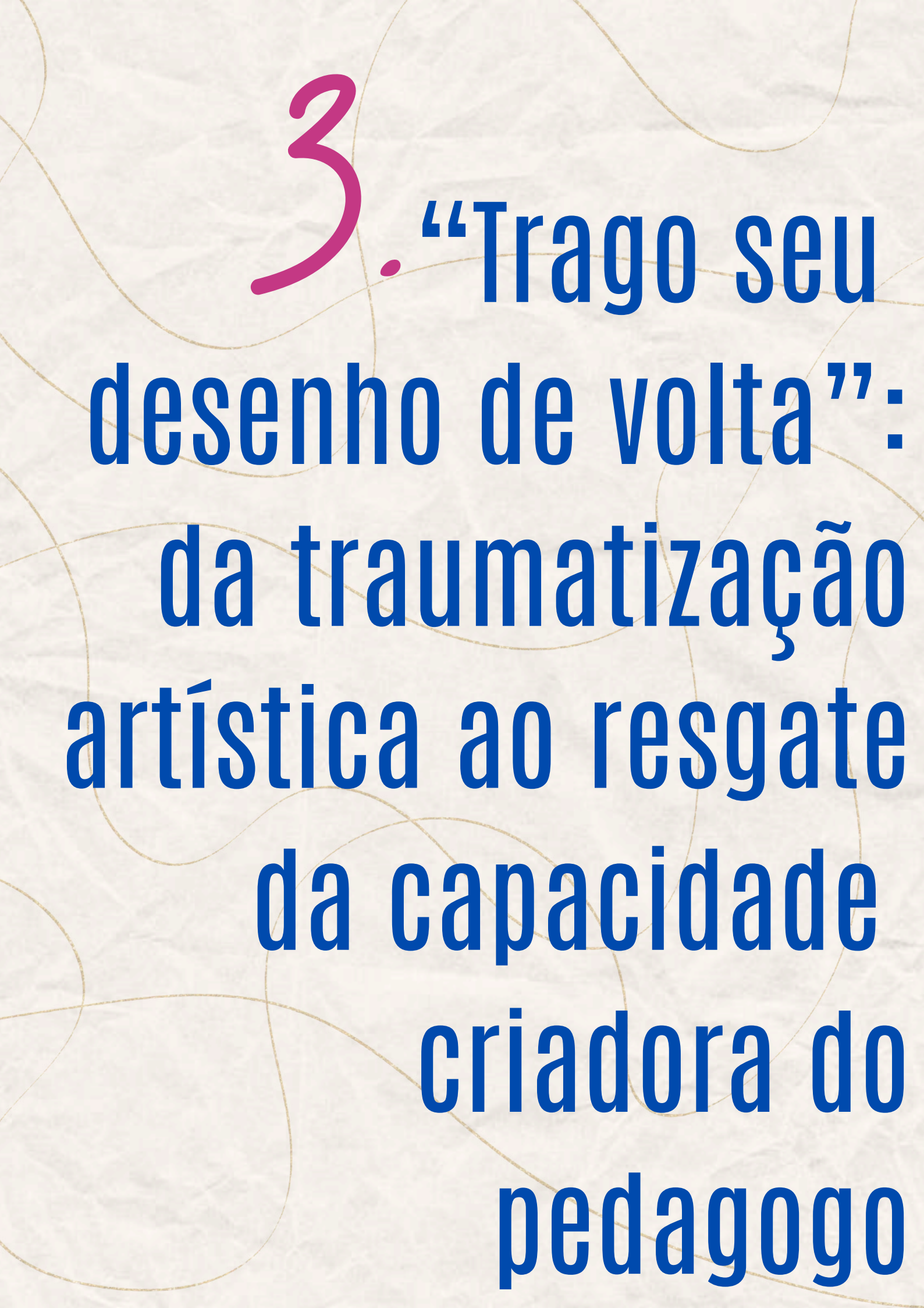
KEYWORDS

Art in Pedagogy. Art and Education at UFC. Pedagogical Practices in Art and Education. Autobiography.

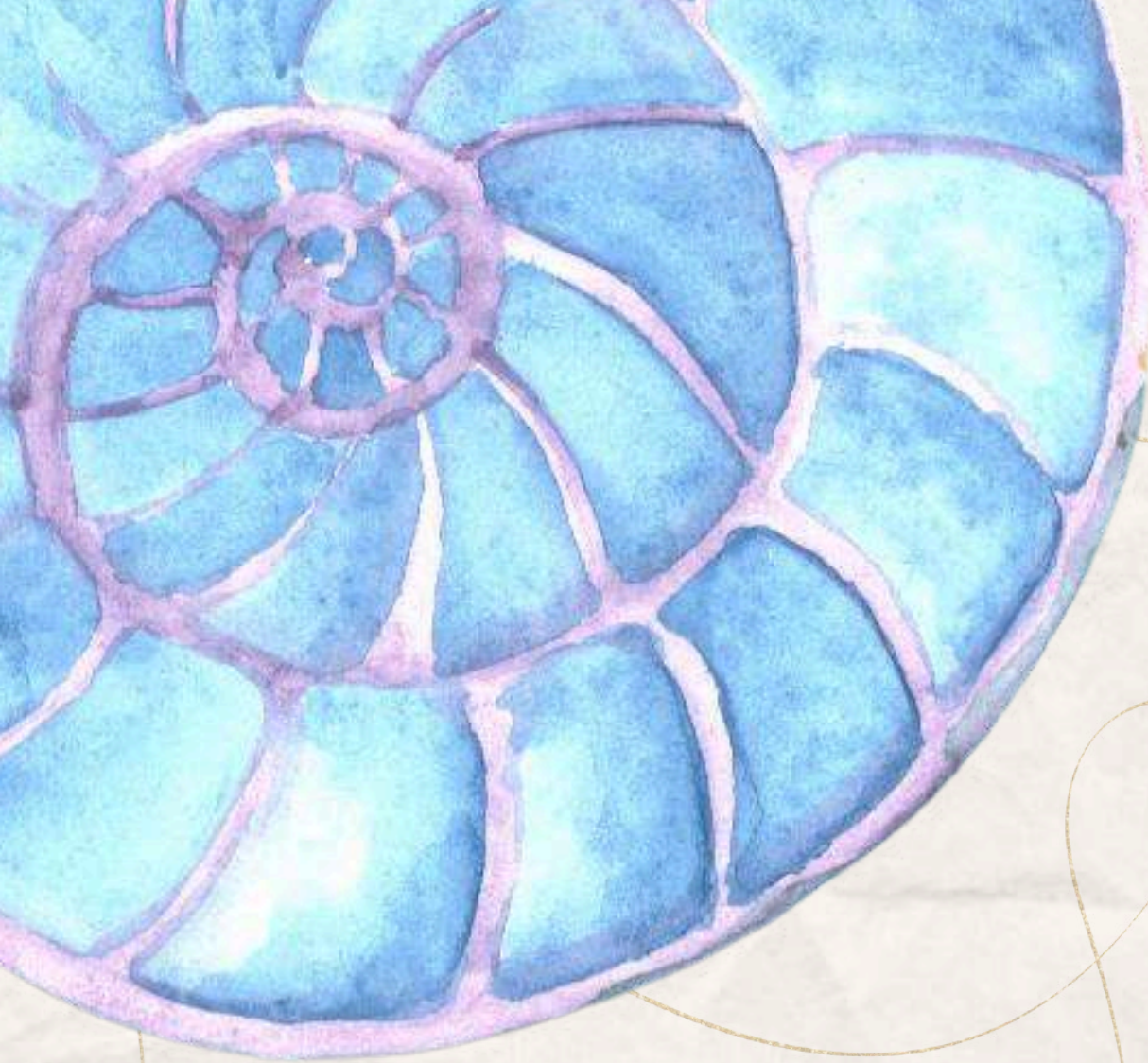
RESUMEN — La aventura de la “silla voladora”: arte en Pedagogia en la Universidade Federal do Ceará (UFC) — Involucra prácticas pedagógicas de arte y educación en el curso de Pedagogia. Se sirve de la metáfora de la silla voladora, instalación de parques de atracciones que posee asientos suspendidos que giran rápidamente alrededor de su propio eje. Se propone pensar el arte en la Pedagogia como una experiencia estética transformadora, movilizadora y productora de nuevos puntos de vista, sentidos y percepciones. Se comparte metodologías procesuales, vivencias, activas y participativas, buscando promover la libertad, autonomía y horizontalidad de las relaciones a partir del proceso (auto)biográfico.

PALABRAS-CLAVE

Arte en la Pedagogia. Arte y Educación en la UFC. Prácticas Pedagógicas en Arte y Educación. Autobiografía.



3. “Trago seu desenho de volta”: da traumatização artística ao resgate da capacidade criadora do pedagogo



Venho refletindo sobre como a experiência com a arte pode proporcionar a experiência com o outro. O outro que está dentro de nós mesmos e o outro que está à nossa frente, manifesto em uma obra.

Albano (2010, p. 37)

Me fiz como professora à *fôrceps*. Uma afirmação forte, eu bem sei, pois já presenciei um parto realizado com *fôrceps* e posso dizer que foi assustador. Eu tinha 15 anos e fui acompanhar meu pai, médico obstetra, num plantão na Santa Casa de Rio Grande - RS. Nessa época eu achava que queria ser médica, como ele e meu avô Nello, pai de minha mãe. Como um “teste”, ele me levou para fazer esse plantão, que acabou por ser uma experiência extremamente traumática, em que fui exposta às práticas obstétricas mais agressivas, como o nascimento de um bebê com o auxílio de um *fôrceps*. Nunca me esqueço da força que meu pai fazia para retirar o bebê, seus braços tremiam e eu temia que aquilo fosse matar aquele que iria recém nascer. O alívio só veio quando o bebê finalmente saiu e chorou e eu pensei “ufa”! Eu estava aterrorizada enquanto todos agiam com normalidade. Quanto sofrimento pode vir ao nascer!

Pois bem, nunca quis se professora. Não sou daquelas que brincava de professora e de escolinha em casa quando criança e que tinha esse sonho. Até sou filha de dois professores, ao final isso pode ter influenciado. Minha mãe cursou “Normal” ou “Magistério” e chegou a ser professora alfabetizadora, mas largou para cuidar de nós e assumir o lar como profissão e meu pai, médico, foi professor do curso de Medicina da Universidade do Rio Grande (FURG), já há alguns anos aposentado. Esse sentimento de ser professora oscilava entre a frustração da minha mãe, por ser obrigada a largar sua carreira “menor”, a de “professorinha” de crianças e a proeminência do meu pai, professor universitário bem sucedido, que lembro de preparar aulas fantásticas com muita dedicação e uso da tecnologia. Isso me fascinava, mas não me fazia querer ser professora de forma alguma, não de modo consciente e intencional. Obra do destino ou não, eu e meu irmão mais novo nos tornamos professores (risos).



Aula sobre desenho infantil na disciplina de Arte e Educação no Curso de Pedagogia da UFC, 2024

Ao ingressar no Curso de Licenciatura em Educação Artística - Artes Plásticas na FURG, confesso que eu não tinha intenção nenhuma em ser professora e mal sabia o que significava ingressar numa “licenciatura”. Foi, ao final das contas, o desenho que me levou ao caminho da docência e as experiências e oportunidades que tive como bolsista, (voluntária e remunerada) em diferentes projetos junto à Prof^a Dr^a Cleusa Peralta-Castell, a principal responsável por me conduzir pelo caminho da arte/educação, quando todos queriam ser artistas e ser professora de artes parecia algo bem menor e menos importante, um lugar estigmatizado e desvalorizado durante toda a graduação. Cleusa era e é ainda, um ícone da arte/educação para mim, a maior e mais intensa artista e arte/educadora que tive oportunidade de conhecer e aprender, uma grande mentora. Foi com ela que me reconheci uma educadora em arte e compreendi o meu caminho na docência. Foi ela quem me ensinou e plantou as sementes sobre o desenho infantil. Me grudei nela e nunca mais larguei (risos). Esse encontro contribuiu para o nascimento da professora Luciane e o lugar do desenho nessa escolha, assim como de onde nasceram as principais práticas pedagógicas que desenvolvo na UFC no curso de Pedagogia.



Sendo eu, professora de arte, com formação em Artes Visuais e o desenho, umas das primeiras linguagens plásticas espontâneas das crianças, desde muito cedo tornou-se objeto da minha prática pedagógica, ao constatar que a maioria das crianças pára de desenhar muito cedo, em geral aos 6 anos de idade, quando o processo de alfabetização se intensifica. Todos os caminhos que me levaram à ser professora do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2011, nascem dos esforços de resgatar o “desenho perdido” destes educadores das infâncias em formação e, por consequência, evitar que estes sejam responsáveis pela manutenção do bloqueio do grafismo na infância, que leva à famigerada afirmação “eu não sei desenhar” e impede que milhares de crianças desenvolvam seu autobiografismo. Conhecer a importância do desenho para o desenvolvimento humano deveria levar à valorização e ao estímulo dessa linguagem junto às crianças nas escolas, especialmente na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

É nesse lugar que acabei por me “infiltrar” no curso de Pedagogia e me propus a levar os conhecimentos adquiridos com/sobre o desenho desde a graduação em Artes Plásticas nos anos 90, assim como compreendi que a dimensão autobiográfica, o processo reflexivo derivado do exercício de auto-examinação e elaboração da narrativa de si, detonaria um processo (auto/hetero/eco) formativo a estes futuros educadores das infâncias, ao serem convidados a contarem sobre a sua relação com a arte, da infância aos dias de hoje – o resultado dessa atividade, batizada de “linha do tempo”^{*} vem, ao longo dos anos, trazendo informações preciosas sobre o lugar social, histórico, político, da arte (e do desenho) nas trajetórias de vida desses/as estudantes.

É como ver um espelho da história “macro”, do ensino de arte no país, que se reflete na história “micro”, singular de cada um/a. O verdadeiro, impressionante e assustador, aspecto “singular-plural” (Ferrarotti, 2014) que emerge do processo autobiográfico, que pude ser testemunha ao longo desses 14 anos na UFC. A história do ensino de arte no Brasil eu conhecia, de estudar originalmente a partir de grandes expoentes da arte/educação no nosso país, como Ana Mae Barbosa, Maria Felisminda de Rezende e Fusari, Maria Heloísa Corrêa de Toledo Ferraz, João Francisco Duarte Jr, Cleusa Helena Guaita Peralta-Castell, Dulce Osinski, Miriam Celeste Martins, entre outros/as, mas foi através das narrativas (auto)biográficas de meus estudantes, que pude compreender os ecos históricos e sociais nas suas histórias individuais. Foi como ver a história ser encenada em cada narrativa.

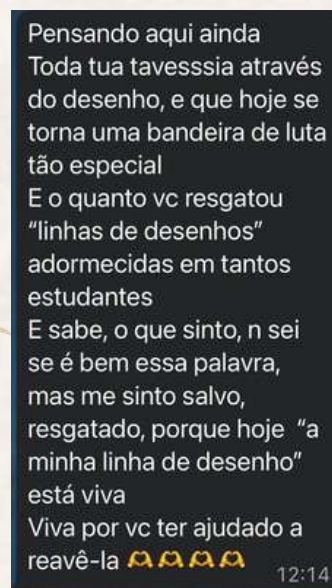
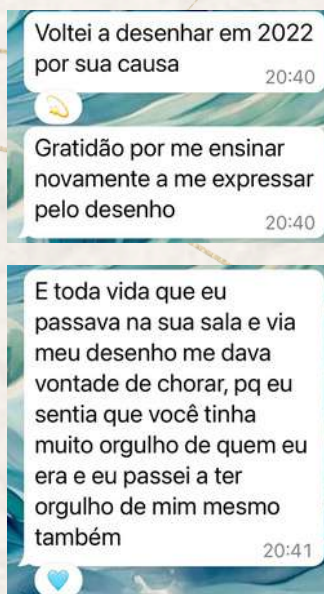
^{*}Sobre a atividade “linha do tempo”, ver: Goldberg, Olinda e Bezerra (2012), Goldberg e Bezerra (2012), Goldberg e Salmito (2013), Goldberg (2014), Goldberg, Bezerra e Pereira Junior (2018).

Também sou testemunha do caráter “curativo” desse processo autobiográfico e do trabalho desenvolvido com o estudo do desenho, em que vi muitos estudantes de Pedagogia, resgatarem seu “desenho perdido”, por terem retomado sua autoestima ao compreender que não existem pessoas adultas que “não sabem desenhar”, mas sim pessoas que pararam de desenhar e abandonaram o desenho, ainda na infância, por múltiplas razões, e que ainda é possível resgatá-lo. Perceber que o que está por trás do “eu não sei desenhar” é, muitas vezes, a cobrança de um modelo de representação e de perfeição inalcançável para as crianças e que o desenho é uma criação e não necessariamente tem que ser uma cópia realista do mundo, pode vir como uma libertação e levar ao desbloqueio, assim como ao desejo de recomeçar de onde se parou. Esse modelo é originário do ideário clássico de representação, sobre o qual Derdyk (2024) afirma:

A aposta no ideário clássico ainda hoje conduz os programas didáticos nos ambientes de aprendizagem, refletindo nas conexões humanas de toda ordem. Esse ideário acomoda as sensibilidades em um mundo calcado num projeto econômico que aterra o corpo num modelo de ação funcional e pragmático. São respingos de um padrão canônico cartesiano - esse que promove a cisão entre corpo e mente, entre processo e resultado. Tal padrão adere facilmente ao espírito neoliberal, prenhe de vigilância traduzida por dispositivos mecanicistas que enfatizam o enfraquecimento ético diante do sistema de produção da vida capital - depredatório, exploratório, escravocrata. Nesse viés, o comportamento da linha exclui as errâncias e os desvios porque está mais comprometido com as finalidades, objetivos e programas prévios. Essa moldura clássica planifica, quantifica e categoriza as percepções, a partir de um modelo de forma idealizado a priori, vertente da crença na verdade única. Hoje as verdades são amplificadas em outras milhares de (in)versões ilhadas e muradas. Em pleno século XXI, ainda vigora uma certa noção de linha linear, de espaço sem relevo, de tempo estático, ancorada no subsolo dos mares e terras conquistadas pelos poderes colonizadores (Derdyk, 2024, p. 28).

Ainda que estejamos impregnados desse ideário clássico tenho visto que é possível subverter essa norma dominante e, não somente o desenho pode ser resgatado a partir das aulas de Arte e Educação na UFC e da atividade Linha do Tempo, como muitos estudantes passam a levar a “bandeira” do desenho para suas salas de aula na Educação Infantil, espaço que a maioria deles ocupa atualmente, na rede pública ou privada de Fortaleza/CE. Além dos múltiplos relatos que recebo ao longo dos anos de docência na disciplina de Arte e Educação, as narrativas dos/as professores/as entrevistados/as para esta pesquisa, também revelam os efeitos desses processos vividos, visto que 2 dos três professores entrevistados foram meus alunos na graduação e hoje são professores de Educação Infantil na escola pública. Exemplos vivos de que é possível resgatar o desenho perdido e conquistar um lugar de valorização do desenho nas escolas da infância. Veremos mais adiante quando apresentar detalhes sobre a pesquisa de campo realizada.

O meu gosto pelo desenho me levou à licenciatura em Artes Plásticas e à descoberta do meu ser docente. Foi ao me deparar com o fenômeno do “eu não sei desenhar” que me senti no papel de querer “olhar para o umbigo alheio” e intervir. Como para mim, até o momento, desenhar era considerado algo “natural”, foi um choque me deparar com tantas pessoas que afirmavam não saber desenhar. Aí também nasceu meu espírito de pesquisadora, ao buscar desvendar o que estaria por trás dessa afirmação, o que? Porque? Como? O que leva as pessoas a pararem de desenhar? Porque param de desenhar? É possível fazer algo para “reverter” esse processo? Surgem as primeiras perguntas da pesquisadora Lu, que queria ao final, através da docência, resgatar esse desenho perdido e impedir que mais crianças o perdessem, assim como estava em vias de compreender que adultos podiam (re)encontrar seu desenho perdido.



Foi nas aulas da disciplina de arte/educação e no Projeto Arte-Pré-Arte*, coordenado pela Profa Cleusa Peralta, que tive contato pela primeira vez com os estudos acerca do Desenvolvimento Gráfico Infantil (DGI) e com autores/as como Arnheim (1980) Derdyk (1989, 1990), Lowenfeld e Brittain (1970), Martins (1979), Edwards (1984), Kellogg (1985), Peralta (1998), Read (1982), entre outros e o contato com a ideia do “bloqueio” do grafismo. Nesses contextos também fui apresentada a práticas pedagógicas que objetivavam o resgate da capacidade criadora do adulto, que incorporei no meu fazer docente ao longo da minha trajetória como professora, como as “oficinas do grafismo”, entre outras práticas para resgate da capacidade criadora do adulto, que descrevo em minha monografia de conclusão de curso (Goldberg, 1999).

*O Projeto Arte-Pré-Arte foi tema principal da minha monografia de conclusão de curso “Arte-pré-arte: um estudo acerca do descongestionamento da expressão gráfica” (1999) sob orientação da Profa Cleusa Peralta-Castell

Das oficinas do grafismo fiz um recorte para a disciplina de Arte e Educação na UFC, para estudar sobre o desenho com os pedagogos em formação. Realizei esse recorte durante o pós-doutorado na disciplina optativa *Atividades Culturais - Arte, Infância e Formação Docente* ministrada no semestre 2024.2 pela minha supervisora com uma turma do curso de Pedagogia da UFF. Nomeamos a oficina de *O desenho, uma linha que sonha: oficinas do grafismo*. Também tive a oportunidade de realizar algumas das etapas com professoras da Educação Infantil, no projeto de pesquisa *Arte na Educação Infantil: memória, formação e práticas docentes* coordenado pela Profa. Dra. Luciana Ostetto.

Na ocasião das duas oportunidades foram (a)colhidas narrativas, por escrito com os estudantes de graduação e narrativas orais (gravadas) das professoras, acerca da pergunta disparadora “Minha relação com o meu desenho é?”. Narrativas que servirão para seguir analisando e refletindo sobre o lugar do desenho nas trajetórias (de/trans)formativas de pedagogos em formação e já formados, no caso de professoras atuantes na EI, na escola pública. Temática central deste pós-doutorado.

Aproveito para descrever aqui as etapas de formação que desenvolvo para o estudo do grafismo e ilustrar com os registros desta experiência. Me acompanha?

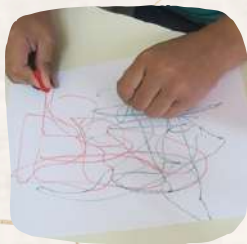
ESTUDO DO DESENHO INFANTIL - ARTE E EDUCAÇÃO

DESENHO “DIAGNÓSTICO”



Desenho de Figura Humana para (re)conhecimento e (re) conexão com o desenho “original”

OFICINAS DO GRAFISMO



Oficinas com base em Lowenfeld e Peralta-Castell para vivenciar a gênese do desenho

PANORAMA DO GRAFISMO (DGI)



Estudo teórico acerca do desenvolvimento gráfico com base em uma variedade de autores

ONDE ESTÁ O MEU DESENHO?



Identificação do lugar dos desenhos numa linha plástica baseada no estudo teórico

PORTFOLIO DO DESENHO (DGI)



Portfólio do desenvolvimento gráfico ilustrado com desenhos originais



1. DESENHO DIAGNÓSTICO:

Metodologicamente inicio a partir do desenho de figura humana, prática que chamo de desenho “diagnóstico” (apesar de não gostar muito desse termo), em que peço aos estudantes que façam um desenho de figura humana que não seja o famigerado “boneco palito”. O objetivo é identificar “onde” estão seus desenhos no processo de desenvolvimento gráfico, ou onde pararam de desenhar, se pararam de desenhar. A proposta é resgatar o desenho original de cada um, onde ele esteja. Peço também que, ao final, coloquem sua idade e o sentimento ao fazer o desenho.

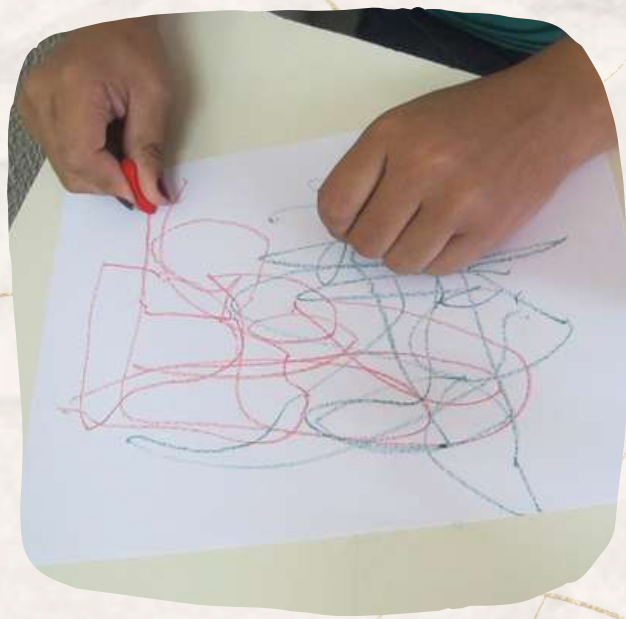
A partir daí já começa todo um “drama”, do qual faço escuta sensível, pois as narrativas que advém desse momento revelam a relação desses estudantes com o desenho, geralmente traumática, infelizmente. Muitos já afirmam, de primeira, que se não for para desenhar o boneco palito não saberão desenhar, parecem crianças que retornam àquele momento em que o desenho era solicitado. A maioria começa um pouco angustiada, alguns se sentem felizes pelo resgate, pela nostalgia da infância que desenhar encarna, outros têm vergonha de suas produções. Aos poucos os desenhos originais nascem e se apresentam ao mundo – ressuscitam (risos). Não sei descrever a beleza desse momento.

Nunca esqueço de uma situação que aconteceu quando eu estava como professora concursada de arte na Educação de Jovens e Adultos numa escola pública na praia do Cassino (RS), minha terra natal e uma de minhas jovens alunas, ao ser convocada a fazer seu “desenho diagnóstico”, cobria seu desenho com vergonha toda vez que eu passava perto.

Eu observando seu comportamento me aproximei e disse: “você sabe qual o problema do seu desenho?”. Ela com um olhar angustiado, claramente estava esperando alguma crítica ou repreensão de sua professora, quando eu respondo: “você!”, “você que não aceita ele como ele é”. Ela ficou me olhando, depois ficou olhando seu desenho recém nascido no papel, com toda sua beleza e algo aconteceu ali naquele momento, uma “virada de chave”. Depois disso ela passou a desenhar muito e todas as aulas me trazia seus desenhos. Ao final do ano ela desenhava muitos animais marinhos, como baleias, tartarugas, golfinhos... seu desenho original havia sido resgatado, ela estava plena e eu feliz e encantada.

Seguindo, recuperando a linha das metodologias relacionadas ao desenho nas aulas de Arte e Educação, voltando ao “desenho diagnóstico”, ele é uma convocação ao mergulho em direção ao desenho de cada um. Um (re)encontro. Um portal que se abre para olharmos para nossos desenhos e para os desenhos dos outros como singularidades traçadas no papel e que muitos abandonam, perdem no meio do caminho. Esse primeiro desenho, por vezes tão sofrido traz à tona traumas, (pre)conceitos, representações acerca do lugar do desenho na vida, na sociedade, na educação. Passamos a observar nos discursos partilhados: “eu não sei desenhar”, ou “eu tentei desenhar”, “eu nunca fui boa em desenho”, “eu só sei desenhar boneco palito”...

Passado o pânico inicial, depois de um momento mais introspectivo, com uma música inspiradora e materiais de desenho à disposição, a turma vai se entregando a esse exercício, esquecendo o restante, mergulhando e se permitindo viver essa experiência, sejam quais forem as reverberações, se positivas ou traumáticas. O encontro inicial com seu próprio desenho pode vir como um abraço colorido, mas também como um parto à *fôrceps*, sofrido, dolorido... vamos assim acolhendo aquilo que chega, aceitando, sentindo, permitindo aos desenhos originais serem o que são e refletindo, enquanto seres humanos e futuros/as educadores/as sobre estas aflorações. Nos sentimentos escolhidos para o registro da experiência surgem sempre os mais variados e contraditórios, como “diversão”, “relaxamento”, “nostalgia”, “alegria”, “agonia”, “incômodo”, “frustração”, “paz”, “saudades”, “tranquilidade”, “liberdade”, “vergonha”, “desespero”, etc. que vão da experiência de cada um com este ato de desenhar.



2. OFICINAS DO GRAFISMO

Guardamos os desenhos para o final de tudo e iniciamos as “oficinas do grafismo”, derivadas do projeto Arte-Pré-Arte, que já referenciei anteriormente. Estas oficinas permitem às turmas vivenciarem e sentirem uma “simulação” do que seria o nascimento do desenho, do gesto, das garatujas, a experiência de um desenho que nasce completamente sem controle e coordenação, como uma grafia do movimento desordenado que pelo exercício, ritmo, frequência vai ganhando controle e força até chegar no nascimento da figura. Como base teórica para essa experimentação utilizo Lowenfeld e Brittain (1970), a obra *Desenvolvimento da capacidade criadora* e a obra “*Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado*” de Cleusa Peralta Castell, que dialoga as “fases” do grafismo descrito por estes autores com a ideia dos pensamentos “Cinestésico”, Imaginativo” e “Simbólico”. Vivemos esse processo na prática, de forma lúdica, sensorial e motora, para depois refletir teoricamente, à luz destes autores. Na ocasião das oficinas usamos vendas e música, para proporcionar uma imersão sensível mais livre do controle e da razão, por se tratarem de adultos, em que é mais difícil, muitas vezes, se soltarem e se permitirem vivências mais espontâneas e fora do convencional.

Para vivenciarmos o “pensamento cinestésico” fazemos três exercícios com vendas, dois para experimentar a descordenação motora, usando a mão que não coordena e as duas ao mesmo tempo, para proporcionar a falta de controle e depois com a mão que coordena, produzindo três desenhos. O comando é apenas riscar no papel ao sabor da música com o giz em pé na folha sem a intenção de desenhar nenhuma figura. As músicas ditam o ritmo e a intensidade de cada momento. Usam vendas e não escolhem a cor do giz. Peço que não se preocupem se os rabiscos ultrapassarem as margens do papel, que se permitam apenas rabiscar.

Transpomos assim as “etapas” do grafismo identificadas por Lowenfeld e Brittain (1970) como GARATUJAS desordenadas e ordenadas. Após, podem retirar as vendas e observar os grafismos derivados das três experiências, as impressões, sentimentos e sensações são depois compartilhadas ao final. Seguimos então para a experiência do “pensamento imaginativo”, em que ao som das músicas e de modo espontâneo, prazeroso e livre, peço que busquem figuras/imagens nos rabiscos nos três desenhos e que procurem destacá-las, contornando, pintando e nomeando. Aqui transpomos uma experiência de imaginar e nomear figuras onde não há nada além dos rabiscos, o equivalente à garatuja nomeada. Ao final conversamos sobre todos os momentos e vou anotando no quadro branco as descrições de cada exercício acerca das percepções, sensações, dos registros gráficos, etc. Essas observações sistematizadas pelo grupo nos encaminham para o estudo do grafismo infantil e identificamos as correlações descritas pelos teóricos sobre o desenho das crianças e as experiências proporcionadas pela oficina do grafismo – as semelhanças gráficas/plásticas são expressamente reconhecidas, assim como as características desses desenhos. Tipo de traço, ocupação da folha, ritmo, força, intensidade, etc.



Quadro esquemático do diálogo entre os “estágios do desenvolvimento gráfico infantil descritos por Lowenfeld e Brittain (1970) e os “pensamentos” descritos por Peralta-Castell (2012)

3. PANORAMA DO DESENVOLVIMENTO GRÁFICO/PLÁSTICO



Ao longo dos anos, venho acumulando leituras, estudos, autores estudiosos do desenhos infantil em várias áreas (educação, psicologia, etc.) como Derdyk (2024, 2007, 1990, 1989) Sarmiento (2011), Read (2001), Cox (1995), Luquet (1969), Lowenfeld e Brittain (1970), Lowenfeld (1977), Wildlöcher (1971), Arnheim (1980), Kellogg (1985), Mèredieu (2004), Greig (2004), Iavelberg (2008), Moreira (2009), Peralta-Castell (2012), Pillar (2012), Stern ([19--], 1974, 1978, 2011, 2016), Vygotski (2009), Iavelberg (2008), Royer (1995), entre outros. Desde os anos 90 até hoje tenho me aprofundado na temática do desenho (infantil) e posso dizer humildemente que, mesmo assim, pouco sei sobre algo tão complexo e fascinante. Neste momento da formação de educadores eu partilho os conhecimentos que tenho acumulado sobre o desenvolvimento gráfico/plástico através de exposição dialogada e com desenhos originais de crianças, jovens e adultos, buscando construir uma “linha do tempo” plástica e desconstruir a ideia de “fases do grafismo”, trazendo a dimensão de “processo”, desenho como um somatório de experiências acumuladas daquele que desenha. Mesmo estudando o conteúdo de autores que sistematizaram o desenvolvimento plástico do ser humano em fases, ou etapas, contextualizo que esses estudos são datados e servem como uma base bastante importante para compreendermos o processo.

Importante compreendermos que muitos dos autores estudados são “espontaneístas” ou “desenvolvimentistas”, que defendem que o desenho nasce de modo espontâneo e se desenvolve naturalmente desde que haja incentivo, estímulo, condições materiais etc. para tal. Muitos acreditam que uma parte desse desenvolvimento é “universal”, comum a todos seres humanos que desenharam e uma parte seria seu caráter social, cultural, relacionado ao contexto sócio-histórico do desenhador.

Essa parte mais teórica serve para partilhar múltiplas bibliografias e enriquecer os conhecimentos teóricos acerca do desenho, alimentando a formação do pedagogo, que passa a compreender a importância dessa linguagem para o desenvolvimento humano, principalmente na primeira infância. Ao conhecerem o desenvolvimento plástico observam os aprendizados que se dão no processo de quem não para de desenhar e o que se perde quando se tem essa linguagem bloqueada, cerceada, interrompida.



4. RETORNO AO “DESENHO DIAGNÓSTICO”: ONDE MEU DESENHO ESTÁ?

Após o panorama teórico dos estudos acerca do desenvolvimento plástico/gráfico, colocamos todos os desenhos de figura humana realizados pela turma no quadro para que possam visualizar as produções e ordenar os desenhos de acordo com a “linha do desenvolvimento” estudado com base nos autores. O objetivo é inicialmente identificarem onde seu desenho está nessa linha do tempo e, se pararam de desenhar, onde o desenho original estacionou. Não há intenção de comparar os desenhos da turma com relação a “mais ou menos desenvolvidos”, mas oportunizar um (re)encontro com seu desenho e uma tomada de consciência sobre as produções da própria turma: a maioria dos desenhos se encontra em que “fase”? Ainda temos a maioria dos desenhos estacionada, porque interrompida, aos 6 anos de idade?

Durante todo o processo formativo, é muito importante que os estudantes apreendam que não existe “eu não sei desenhar”, mas adultos que “desenham como criança” porque pararam de desenhar quando crianças e seu desenho original ficou “congelado” no tempo. Como a maioria dos adultos se repreende ou não aceita que seu desenho original ainda se pareça com um desenho “infantil”, assumem sem refletir e com certo conformismo que “não sabem desenhar”, quando na verdade todos “sabem” desenhar, afinal desenharam as figuras humanas. Portanto, a pergunta que fica é “o que está por trás do ‘eu não sei desenhar’? Qual o problema de um adulto “desenhar como criança”? O desenho da criança é “feio”? “menor”? “infantil”, no sentido pejorativo?

FORMAÇÃO SOBRE DESENHO INFANTIL DURANTE O PÓS-DOCTORADO NO ENSINO E PESQUISA

Como citado, tive a oportunidade de realizar parte dessas atividades de estudo do desenho com uma turma do Curso de Pedagogia no componente curricular *Atividades Culturais - Arte, Infância e Formação Docente* ministrada no semestre 2024.2 pela minha supervisora com uma turma do curso de Pedagogia da UFF e com professoras da Educação Infantil, no projeto de pesquisa *Arte na Educação Infantil: memória, formação e práticas docentes* coordenado pela Profa. Dra. Luciana Ostetto. Seguem registro desses momentos.



ATIVIDADES CULTURAIS
ARTE, INFÂNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE SEMESTRE 2024.2

O DESENHO, UMA LINHA QUE SONHA: OFICINAS DO GRAFISMO (30/10/2025)

DESENHO
“DIAGNÓSTICO”



OFICINAS DO
GRAFISMO



PANORAMA DO
GRAFISMO (DGI)



ONDE ESTÁ O
MEU DESENHO?



RELATOS DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA UFF SOBRE SUA RELAÇÃO COM O DESENHO:

“A minha história com o (meu) desenho é... sempre gostei de desenhar paisagens e etc, mas foi algo que eu deixei de lado ao passar dos anos, não lembro a última vez que parei apenas para sentir o momento de desenhar”.
(Maria Elizabeth Felix da Silva).

“A minha história com o (meu) desenho é pensar em lugar de paz e tranquilidade. Porém, nem me recordo quando parei de desenhar, quando isso aconteceu, acho que quando entrei na escola. Não lembro de desenhar na escola, e sim, só pintar dos desenhos já prontos” (Ana Paula).

“A minha história com o (meu) desenho é... de sonhos, acolhimento e infelizmente de abandono. A arte sempre esteve presente, mas em algum momento foi deixado "para depois". E foi esquecido no turbilhão da vida adulta, que é sem graça” (Yasmin Alves).

“Minha história com o desenho é de nostalgia, atualmente, porque parei de desenhar depois da infância. Quando criança eu gostava de desenhar, pintar, gostava de desenhando as folhas de uma árvore, bonecas. Não me lembro em que momento parei de desenhar e nem o porquê” (Ana Elisa).



Fui convidada para participar do *Ciclo de Debates Formação, Infância e Arte* e realizei a palestra *Desenhos, Infâncias, Autobiografias*, no dia 23 de outubro de 2024 na FE UFF. Foi uma oportunidade muito especial de rever meus conhecimentos em uma nova palestra, feita especialmente para o evento. Montamos uma mesa com uma diversidade de materiais para experimentações com desenho antes da fala e a participação na palestra foi muito significativa rendendo discussões riquíssimas!



Antes de escrever, a maioria das crianças desenha, iniciando um processo de comunicação e expressão único e singular, através um "alfabeto" plástico próprio. O espaço do papel é, assim, o território das possibilidades narrativas: há sempre algo acontecendo, tecendo realidade e imaginação, no exercício de autoconhecimento e de elaboração das experiências vividas, imprimindo sentido e significado ao vivido, contribuindo para o processo de constituição de si em diálogo com o outro e o mundo. Desenhar se configura então nesse aprender-crescer e vai revelando um universo único e existencial de cada indivíduo. Porém, a linguagem do desenho é desvalorizada e silenciada muito cedo e, com isso um universo expressivo único é deixado para trás. Convidamos ao diálogo acerca do "desenho, infâncias e autobiografia", como um manifesto em defesa do desenho enquanto linguagem formadora e formativa de si e que precisa ser (re)conhecida, resgatada e cultivada!





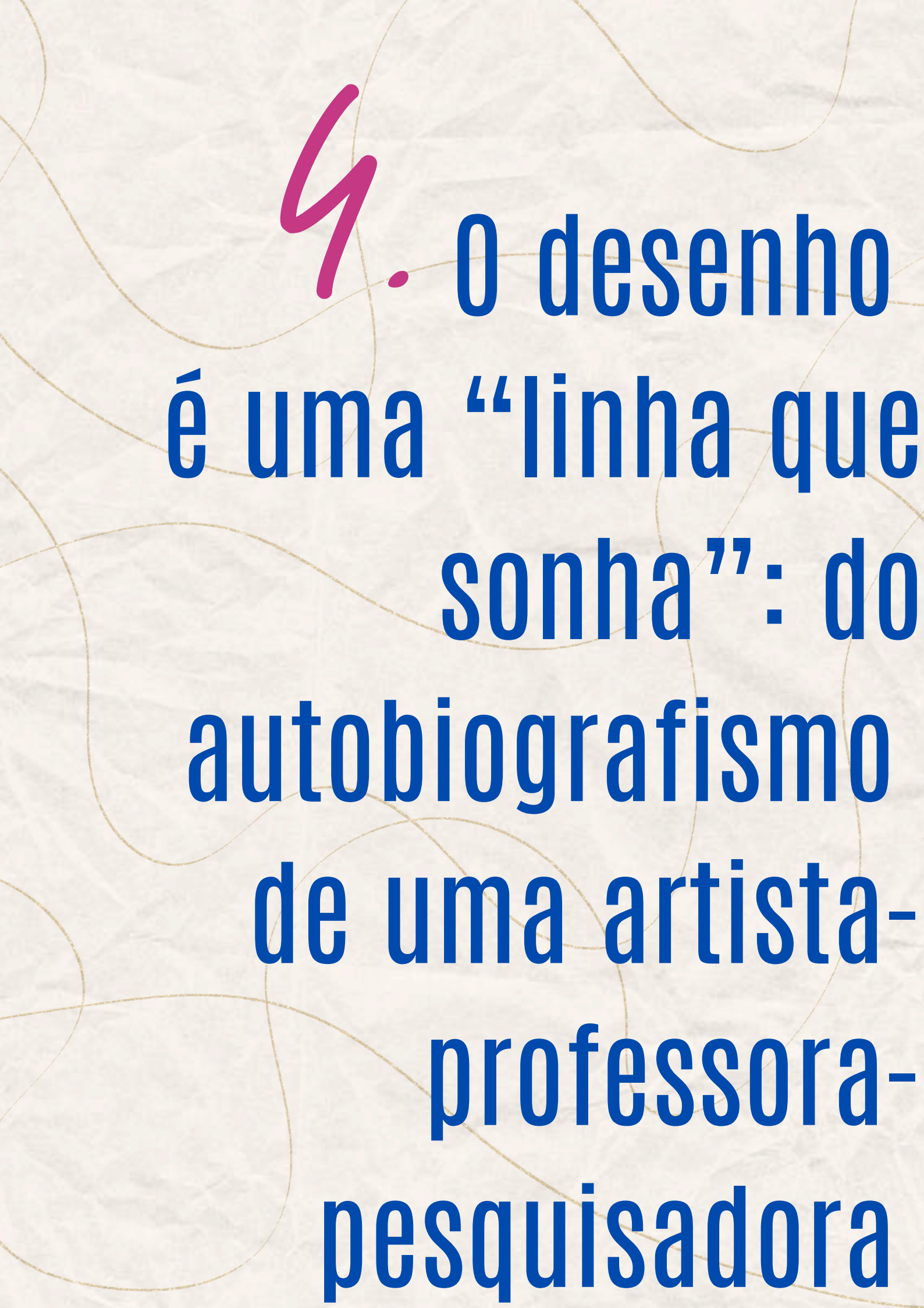
DESENHO DIAGNÓSTICO: DESENHO DA FIGURA HUMANA ORIGINAL - 05/07/2025



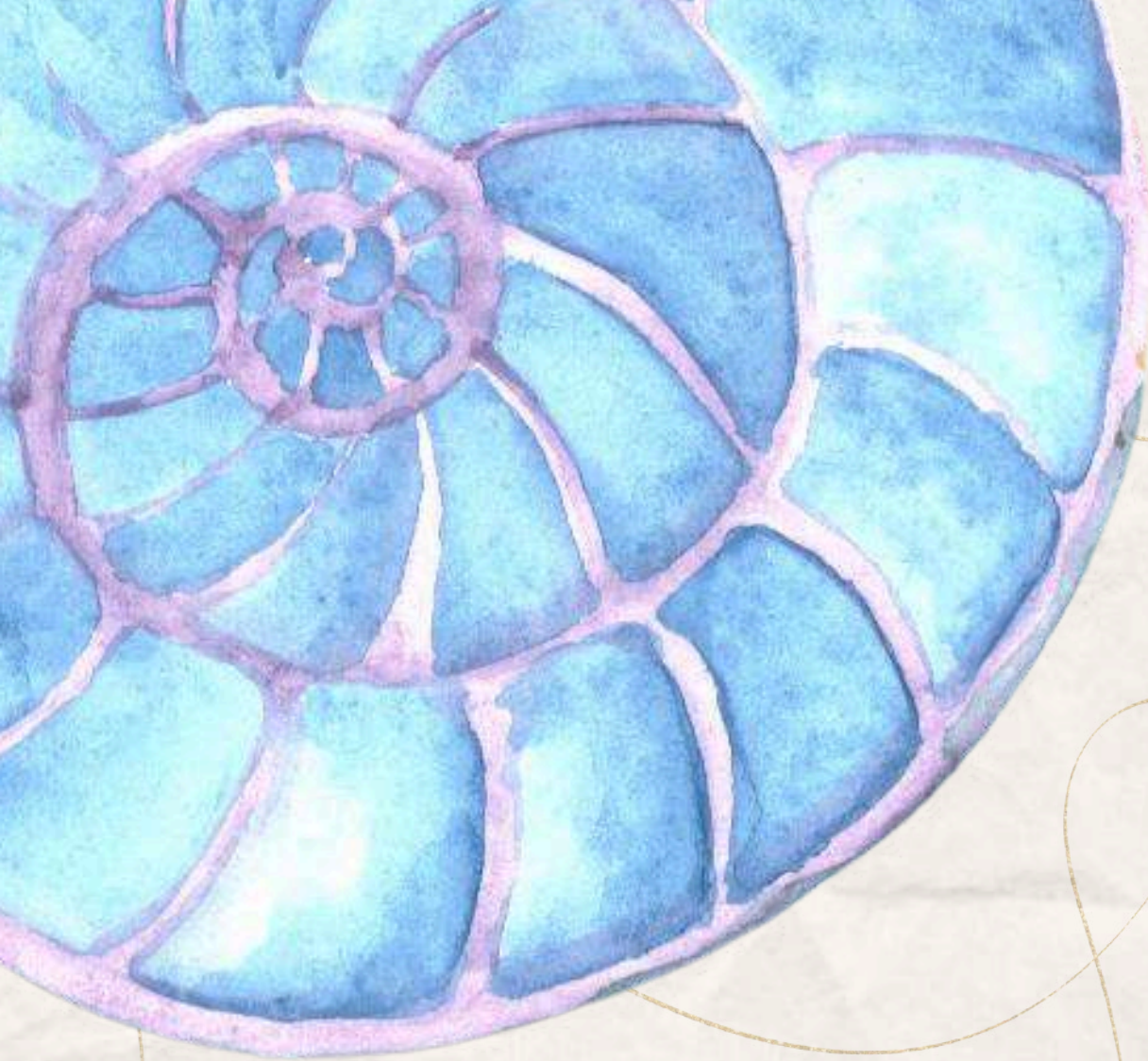
OFICINAS DO GRAFISMO - 05/07/2025

**PANORAMA DO GRAFISMO:
AULA TEÓRICA
online 23/08/2025**





4. O desenho
é uma “linha que
sonha”: do
autobiografismo
de uma artista-
professora-
pesquisadora



Será o corpo da linha-destino o furo temporal que vaza e nos espreita aqui no presente, nublando e clareando sentidos, sem sentido, para qualquer direção? O corpo da linha-destino tem musculatura, tônus e alma para a linha da vida sustentar o tempo, ponto por ponto, vindo de uma aura imemorial e indo para uma inominável eternidade. Para além do tempo que nos ultrapassa, a trama é urgida no gerúndio.

Derdyk (2024, p. 199)



Ao falar sobre o desenho na minha vida, há três caminhos que se entrelaçam e se retroalimentam: o da artista, o da professora e o da pesquisadora, caminhos que desenharam histórias que poderiam ser separadas, mas que são obviamente interligadas, pois o desenho, desde muito tempo, rege a minha vida e ele é o motor e a razão de quase tudo que me move. Ele encarna meus “mundos de vida”* no papel desde pequenina, e se tornou uma bandeira política e pedagógica enquanto estudante de licenciatura em Artes Plásticas e professora de arte e de arte/educação desde os anos 1990 e, como não poderia deixar de ser, é também meu objeto de estudo e pesquisa na graduação, mestrado, doutorado, etc.,



**LICENCIATURA EM
ARTES PLÁSTICAS (FURG)**

**“Arte-Pré-Arte: um
estudo sobre o
congestionamento da
expressão gráfica”**

1995-1999



**MESTRADO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL (FURG)**

**“Arte-Educação-Ambiental:
o despertar da consciência
estética e a formação de um
imaginário ambiental na
perspectiva de uma ONG”**

2002-2004

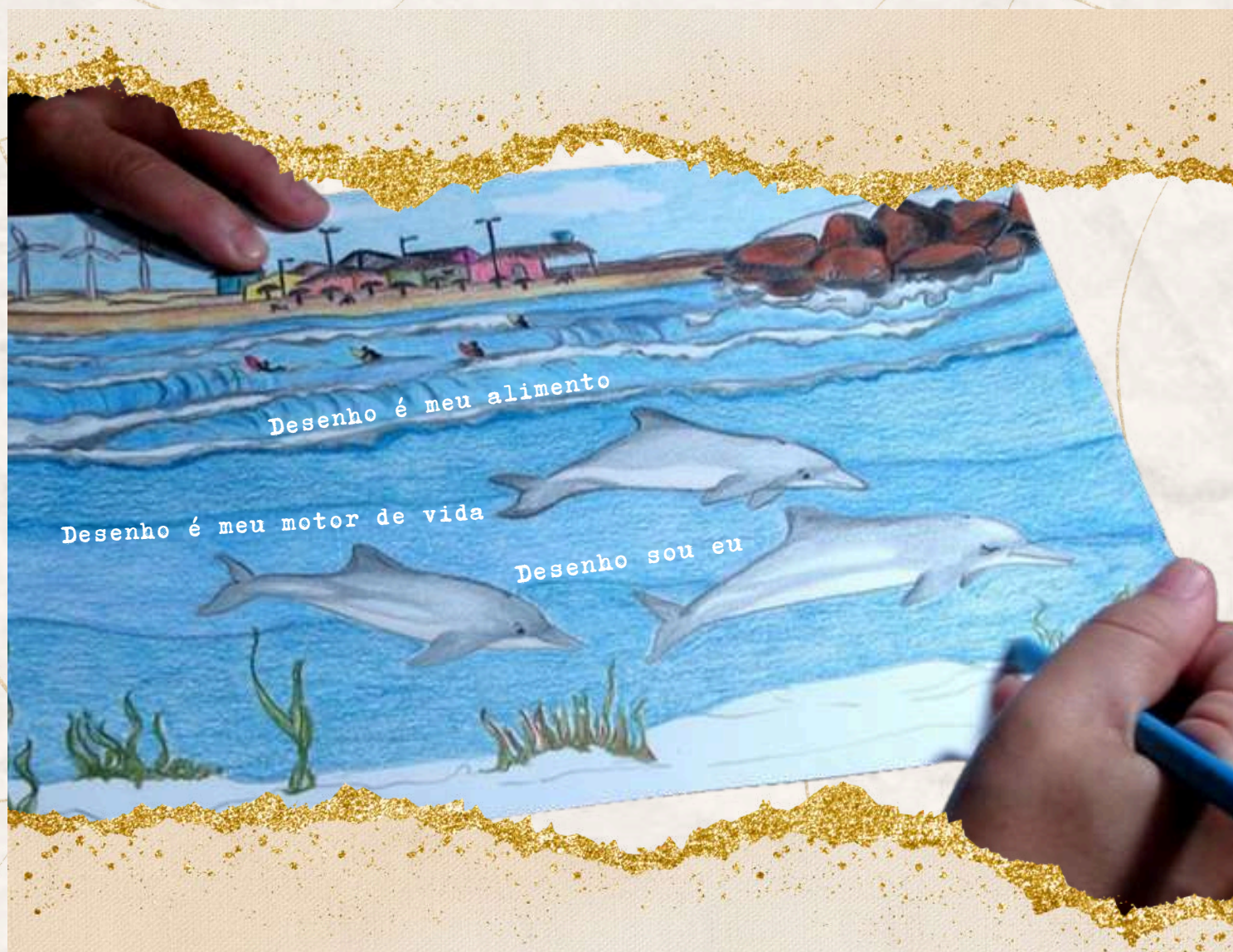


**DOCTORADO EM
EDUCAÇÃO (UFC)**

**“Autobiografismo:
desenho infantil e
biografização com
crianças em situação de
acolhimento institucional”**

2012-2016

Desenho sou eu. Desenho é meu alimento. Desenho é meu motor de vida. É por isso também, que toda a trajetória deste pós-doutoramento configurou-se como um processo (auto)biográfico em que parti da minha narrativa autobiográfica sobre o meu desenho, o meu “autobiografismo”, e ampliei o diálogo para com pedagogos, professores da Educação Infantil, investigando o lugar do desenho em suas vidas, através de suas narrativas autobiográficas. Para além da minha narrativa autobiográfica, dialogo também com a minha prática docente em arte/educação junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, que tem como foco a formação artística e estética de professores/as da educação básica, dando destaque às práticas pedagógicas em que o desenho e a narrativa (auto)biográfica são tema e método, meios de atuar na formação de educadores das infâncias para evitar mais “bloqueios” e resgatar o que foi perdido.



*A expressão “mundo-de-vida” refere-se, segundo Delory-Momberger (2008, p.91) “ao sistema construído de suas representações e, em particular, de suas representações do saber”, constituindo uma “reserva de saberes”, que formam um universo simbólico de referência.



Sobre a definição do “autobiografismo”, trago um excerto da minha tese de doutorado, em que afirmo ser

[...] uma autobiografia desenhada, inserindo-se nos esforços de uma “figuração de si”, o chamado processo de biografização proposto por Delory-Momberger (2008) no quadro da pesquisa (auto)biográfica. Autobiografismo constitui-se, então, dos termos: auto, referente à “escrita” de si; bio, referente à vida, e grafismo, originário do traço, do desenho, do imaginário, da vida simbolizada em formas e figuras (Goldberg, 2016, p. 26-27).

Na tese trago minha justificativa pessoal para cunhar a ideia do autobiografismo (Goldberg, 2016, p. 23):

Penso que, em sua gênese, este termo origina-se de minha trajetória de vida, em que fui constituindo um universo próprio de representação por meio do desenho composto por simbologias únicas, que me constituem e me identificam, dando significado e sentido ao vivido. Posso assim dizer, que é minha autobiografia desenhada, uma biografia de traços, símbolos, formas e imagens que, assim como a narrativa textual, produz subjetividade, uma identidade do traço, derivada de uma originalidade do olhar.

Essa representação pelo desenho, além de dar corpo e visualidade às minhas questões, meus momentos, meus dramas pessoais, me faz exteriorizar e lidar melhor com os desafios, poetizar e dar mais leveza ao cotidiano e às situações inesperadas que me atravessam. Essa via de acesso é única e é especial para minha saúde mental e psicológica. O meu desenho é só meu. É o que me identifica, me representa, me diferencia do outro, me conta, me revela, me desafia. É, portanto, muito importante para minha constituição subjetiva e sensível no diálogo comigo mesma e com o mundo. É também a partir dessa relação vital com o desenho que me tornei professora de arte e que tenho esse tema como eixo central enquanto pesquisadora.

Uma das partes desta pesquisa de pós-doutorado é a construção da minha narrativa autobiográfica acerca do meu desenho. Há uma narrativa “sobre” o desenho na minha vida, mas há a narrativa “do” desenho. A narrativa “do” desenho é a que é contada através do próprio desenho, é o que configura o meu autobiografismo. A narrativa “sobre” o desenho é a que conta o lugar dele, da infância aos dias de hoje, à docência no curso de Pedagogia. A narrativa de “dentro” e a narrativa “de fora” do desenho em minha vida. Essas duas narrativas compõem uma parte da pesquisa, que se fez necessária ao perceber que, apesar de já ter elaborado narrativas autobiográficas várias, em nenhuma delas, estive o desenho como o protagonista e, se me proponho a ser escuta das narrativas do outro, é preciso que eu também tenha mergulhado neste processo narrativo, com a mesma importância que dou à narrativa do outro, construo a minha.

Sempre desenhei, é o que me vem à mente quando me pergunto sobre o desenho na minha vida. Tenho esse sentimento de que me foi dada a oportunidade de desenhar desde pequenina e eu, com naturalidade e espontaneidade, desenhei. Não tenho memória e nem registros do nascimento do meu desenho, os desenhos mais antigos que encontrei entre os guardados de minha mãe não têm data, mas indicam que foram desenhados depois de me alfabetizar, são desenhos bem estruturados, certamente de 5 ou 6 anos em diante. Meus riscos e rabiscos, minhas garatujas, que com certeza se espalharam pela casa, não têm registros, mas com certeza aconteceram.

Gosto de pensar que minha mãe foi minha primeira grande estimuladora, pois ela gostava de desenhar e tinha muito apreço a tudo que remetesse à papelaria, todo e qualquer material desse tipo chegava até mim através dela: papéis, lápis de cor, lápis de desenho, borracha, canetinhas e eu amava. Podia passar muitas horas do meu dia entretida desenhando e a mim era dado espaço, tempo, material de qualidade em casa. Minha mãe também me apoiou muito quando decidi cursar Artes Plásticas na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e investiu em mim comprando os materiais artísticos ao longo dos 5 anos da minha graduação, que são materiais bastante caros. Sem esse incentivo seria muito difícil continuar, mesmo estudando numa universidade pública. Como presente dela vieram meus materiais de uso profissional, quando passei a ilustrar e trabalhar com desenho, como a minha primeira aquarela profissional *Guitar* e minha primeira caixa de lápis de cor *Faber Castell*, materiais que tenho até hoje e que me acompanharam nos vários trabalhos profissionais de ilustração que realizei.



Sendo neta e filha de médico, sempre sofri pressão para seguir a carreira familiar e antes de cursar Artes Plásticas, cheguei a cursar Biologia, o que considero uma “transição” para as artes. Inicialmente, minha família teve muita dificuldade em aceitar minha escolha pelas Artes Plásticas, carregada dos preconceitos que a maioria das pessoas tem, assim como o medo da filha “passar fome” (risos). Quando finalmente entenderam que eu tinha autonomia para cursar o que quisesse e que estava decidida, acabaram cedendo e meus pais foram meus grande incentivadores. Esse incentivo familiar é fundamental para que uma criança nunca pare de desenhar, assim como para que jovens e adultos não desistam de sua arte.

Nas fotos, minha mãe Cida e meu pai Jaime (gratidão pelo apoio imprescindível!)

Minha narrativa autobiográfica traz com mais profundidade os aspectos relacionados ao meu autobiografismo, contando como o meu desenho conta sobre mim. Essa narrativa inédita, porque elaborada especialmente para o pós-doutorado, deverá ser publicada em forma de livro ou artigo futuramente, assim planejo. Nesta narrativa trago toda a história do meu desenho, dos primeiros desenhos da infância que encontrei e guardo até hoje, passando pela adolescência, o período escolar, os desenhos na época da faculdade de Artes Plásticas, o meu desenho profissional como artista gráfica e ilustradora independente e o desenho que resistiu e resiste até hoje. Meu autobiografismo conta de todas as “fases” do meu grafismo, dos elementais aos elementos da natureza, das formas, cores, texturas e paisagens que me compõem enquanto este ser humano que sou. Estou muito feliz em contar e reviver essa trajetória da minha história desenhada numa narrativa totalmente singular e inédita para mim. Foi muito intenso e formativo fazer essa narrativa e deixar o desenho contar minha história de vida.

Do meu encontro com meu desenho, vou ao encontro do desenho do outro, quando busco aprofundar a escuta das narrativas autobiográficas de professores das infâncias. No cotidiano da disciplina de Arte e Educação recebo muitas narrativas dos estudantes, relatos de suas experiências com a arte e com o desenho, ao propor atividades de natureza autobiográfica. Entendo cada dia mais a importância dessa auto análise e da dimensão formativa que se dá através do processo reflexivo que a narrativa autobiográfica provoca. Eu comecei essa prática pedagógica intuitivamente em 2008, quando propus o estudo da história do ensino de arte no Brasil a partir das narrativas autobiográficas dos estudantes e só fui me encontrar com o campo da abordagem (auto)biográfica em educação muito tempo depois, quando ingressei como professora efetiva em 2011 na UFC e conheci a Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda, colega de departamento que me acolheu no Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), me orientou no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFC) e me “iniciou” nos estudos sobre a pesquisa (auto)biográfica, o que foi “paixão à primeira vista”!

Aprofundei os estudos sobre a abordagem de pesquisa (auto)biográfica no interior do Grupo DIAFHNA (acompanhando os encontros de estudo, participando como avaliadora de inúmeras bancas de qualificação e defesa de mestrado e doutorado, orientando e co-orientando pesquisas na graduação e pós-graduação), no meu doutorado em que também tive a oportunidade de fazer um estágio “sanduíche” com a Profa. Dra. Martine Lani-Bayle na Universidade de Nantes - França. Martine é importante referência no campo, especialmente sobre pesquisa biográfica com crianças.



Profa Dra Ercília Maria Braga de Olinda, criadora e mentora do grupo DIAFHNA, amiga, colega de departamento, parceira de trabalho, orientadora do doutorado, foi quem me apresentou e aprendi muito sobre Pesquisa (auto)biográfica em Educação. Nas imagens, à esquerda, minha defesa de doutorado em 2016 e abaixo, lançamento do livro que organizamos, CIPA 2018 em SP e despedida do departamento, aposentadoria de Ercília.



minhas mentoras da pesquisa (auto)biográfica



Duas grandes mentoras da Pesquisa (auto)biográfica que tive a honra de conhecer e aprender junto: Profa Dra Martine Lani-Bayle (à esquerda), minha orientadora do estágio pós-doutoral em Nantes - França e Profa Dra Conceição Passeggi (acima), referências na pesquisa (auto)biográfica com crianças.

Martine Lani-Bayle coordenou por muitos anos, desde sua criação até sua aposentadoria, o *Diploma Universitário em Histórias de Vida em Formação*, um curso de especialização único que tive a oportunidade de acompanhar algumas aulas e ver de perto como se forma um “biógrafo” profissional. Entendi que há um campo de atuação para profissionais das “histórias de vida” na França e eles estavam em vias de regulamentar a profissão quando eu estava lá. Na França esse “métier” já é bem consolidado, vi situações em que se contratam “biógrafos” para trabalharem narrativas autobiográficas em empresas, para contar a história das instituições a partir das narrativas dos trabalhadores; por famílias que desejam organizar a história de vida de um familiar que se encontra já acamado ou para contar a história da família; e há o trabalho daqueles que constroem a biografia das pessoas “comuns” ou “celebridades” para publicação em livros. Foi uma grande surpresa para mim compreender essa dimensão profissional e ver o quão valorizada é a narrativa autobiográfica.

Na minha pesquisa de doutorado e nesta pesquisa de pós-doutorado, ao escolher o universo da pesquisa qualitativa em educação, escolhi trabalhar com a pesquisa (auto)biográfica, tendo como referência autores como Marie Christine Josso, Cristine Delory-Momberger, Gaston Pineau, Franco Ferrarotti, Martine Lani-Bayle, Maria da Conceição Passeggi, Luciane De Conti, entre outros, e me propus a trabalhar narrativas de vida pelo desenho. No contexto da Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos (Goldberg, 2016). No contexto do doutorado realizei pesquisa com crianças e agora no pós-doutorado com professores de Educação Infantil, tendo o “autobiografismo” como o fio condutor.

Fiquei fascinada ao ter acesso aos estudos no campo das “histórias de vida em formação”, ao compreender a perspectiva formativa, que conecta o biográfico ao educativo e que tem a narrativa como “ato autopoietico”, como potencial de enunciação, de figuração e de permanente reinvenção de si, pois como afirma Delory-Momberger (2008, p. 56) “[...] a narrativa não é apenas o meio, mas o lugar: a história da vida acontece na narrativa”. Compreender a dimensão “singular-plural” da narrativa autobiográfica a partir de Ferrarotti (2014) também foi fascinante, compreender a perspectiva do individual-coletivo, em que é possível encontrar no singular, no indivíduo, o coletivo, o sistema social.

Desta forma, podemos conhecer o social e o histórico partindo de uma práxis individual e esse processo tem a narrativa biográfica como uma ação social, pois “todo ato individual é uma totalização sintética de um sistema social” (p. 27). Indo na mesma direção, Delory-Momberger (2008, p. 28) vai colocar que a “individualização e a socialização são duas faces indissociáveis da atividade biográfica”.

Esses conhecimentos alimentaram não somente a pesquisa do doutorado, mas todas as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula nas minhas disciplinas com narrativas (auto)biográficas e meu trabalho como orientadora, trazendo compreensão e pertencimento ao me (re)conhecer parte de um movimento muito maior no Brasil e no mundo. Entendi que a lógica da minha docência parte do lugar que ocupamos, parte da nossa história de vida, parte de nossa trajetória pessoal e profissional, por isso sempre foi tão presente esse exercício autobiográfico de narrar, rever, analisar, refletir e compreender para (trans)formar(se). Porque se fazemos parte de algo maior, há uma troca entre o singular e o coletivo, pois um alimenta o outro.

As práticas autobiográficas em sala de aula me ensinaram que há um fenômeno que nos conecta social, histórico e culturalmente e que, por mais que sejamos singulares nossas experiências também são coletivas, pois são alimentadas pela mídia, pela arte, expressos em comportamentos, tradições, padrões sociais, etc. como pude observar na atividade “linha do tempo” quando os estudantes narram sobre as experiências com arte da infância à vida adulta e reverberam os ecos desse coletivo geracional, como a geração marcada pelo “Rei Leão” ou pelo “É o tchan”, pelas telenovelas, por exemplo. Nossas referências de mundo estão ligadas ao nosso “capital cultural”, que é construído no nosso contexto social, político, cultural, econômico, etc. Ver isso acontecer como um fenômeno coletivo tem uma força inexplicável, pois gera pertencimento e fortalece a identidade pessoal e coletiva de um grupo. O mais interessante e poderoso é poder presenciar o efeito transformador dessa prática, pois ao narrarem sobre si os estudantes passam a questionar entender o passado, questionar o presente e projetar o futuro, buscando outras formas de ser/estar no mundo.

Obviamente não é possível inserir minha narrativa autobiográfica neste relatório, mas partilho alguns *prints* do “documento” de umas das experiências mais intensas e belas que tive a oportunidade de viver ao ver a “linha do tempo” do meu desenho resistindo, existindo, (se/me) trans-formando. O desenho só cresce e se desenvolve se tiver cuidado, atenção, estímulo e muita persistência, pois é muito fácil se render aos julgamentos, comparações e falta de bom senso das pessoas ao redor.

dimensão autobiográfica do desenho

O DESENHO É UMA LINHA QUE SONHA: DO AUTOBIOGRAFISMO DE UMA ARTISTA-PROFESSORA-PESQUISADORA

ESTRUTURA DA NARRATIVA:

1. japonesinhas de patins, bonequinhas e cavalos.
2. fadas, sereias, ondinas, gnomos e etc.
3. uma praia. um livro de Zoologia. besouros e aranhas das dunas
4. um jogo de tarô: um divisor de águas
5. a licenciatura em artes plásticas
6. olhos estéticos
7. arte-educação-ambiental
8. K-Olho

1. japonesinhas de patins, bonequinhas e cavalos



2. fadas, sereias, ondinas, gnomos e etc



2. fadas, sereias, ondinas, gnomos e etc



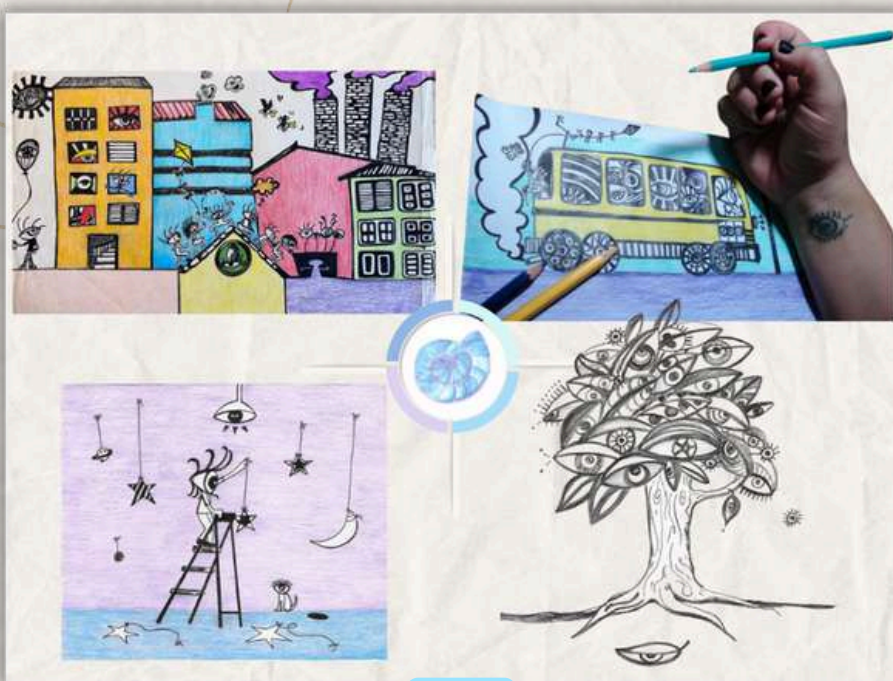
3. uma praia. um livro de Zoologia. besouros e aranhas das dunas



6. olhos estéticos



7. arte-educação-ambiental



8. K-Olho



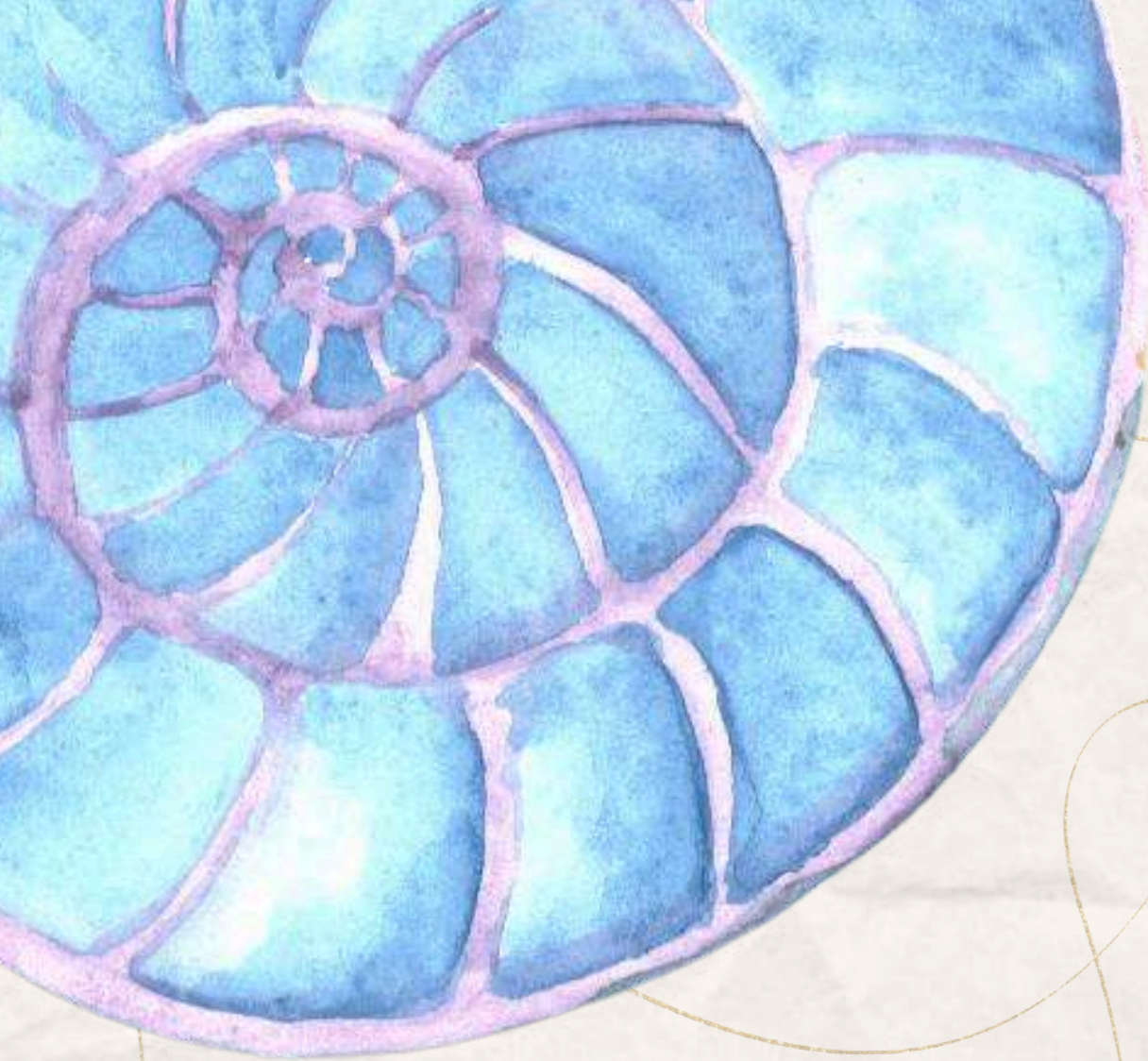
visão geral da estrutura da narrativa autobiográfica



5. Pesquisa com professores

das infâncias:

Qual o lugar do
desenho na sua
vida, da infância à
docência na
Educação Infantil?



Para a pedagogia, o olhar dos professores para os desenhos é um tema dos mais importantes, dado o papel fundamental desses profissionais na formação das crianças. O posicionamento dos educadores, implícitos nas decisões que tomam no planejamento do seu trabalho, altera as condições de produção das crianças, desde a definição de materiais, espaços, meios e proposições que providenciam para a criação, até o modo como lidam com seus resultados. Isso é reforçado, ainda, pelo lugar afetivo que ocupam próximo às crianças, influenciando-as por meio de suas expectativas e de seu retorno elogioso ou não.

Augusto (2014, p.36-37)

A pesquisa (auto)biográfica com os professores das infâncias

Ser professora de arte na escola pública e privada no Ensino Fundamental I e II, me permitiu observar fragilidades no ensino de arte de toda ordem, especialmente nas séries que antecederiam a chegada dos estudantes à mim, que já nos primeiros anos do Ensino Fundamental expressavam frustrações e bloqueios com o desenho. Crianças de 6 e 7 anos que chegavam nas aulas de arte já afirmando “Eu não sei desenhar” me preocupavam sobremaneira e me levaram a questionar o que acontecia antes, ainda na Educação Infantil que colaborasse para o desenvolvimento desses sentimentos tão negativos. Crianças que tão cedo deixam de acreditar no seu potencial criador, que vão desistindo lentamente de desenhar ou de se expressar através da arte. Entendi que havia uma carência formativa das professoras de Educação Infantil ou seja, no Curso de Pedagogia, enquanto formação inicial e certamente na educação continuada.

Obviamente não podemos “culpar” as professoras da Educação Infantil sem compreender os contextos sociais, históricos e políticos que corroboram para que o ensino de arte na escola seja desvalorizado e estigmatizado. São muitos vetores que contribuem para isso e as professoras de EI são sujeitos inseridos nesses contextos, que muitas vezes não tiveram a oportunidade de vivenciar experiências artísticas e estéticas significativas em sua formação inicial e continuada e, portanto, seguem a “cartilha”, repetindo aquilo que um dia aprenderam.

Diante disso, como já relatado, enquanto licenciada em artes, busquei me inserir e fortalecer a formação de professores das infâncias no Curso de Pedagogia e, não somente para partilhar conhecimentos acerca da importância da arte e do desenho para as crianças, mas buscar resgatar nesses sujeitos, em suas histórias de vida, onde a arte esteve e está e como resgatar a capacidade criadora adormecida em sua grande maioria? Por isso o trabalho (auto)biográfico na disciplina de Arte e Educação no Curso de Pedagogia na UFC, por isso a escuta sensível e atenta a estes professores das infâncias, por isso a pesquisa de pós-doutorado aqui proposta.

No doutorado me preocupei com as crianças e o seu autobiografismo, agora me propus a ouvir os professores da Educação Infantil sobre sua relação com o desenho da infância aos dias de hoje. O desenho sempre esteve presente ou foi silenciado/adormecido em algum momento da vida? Como foi o desenho na infância e na adolescência - esteve presente? Como ele resistiu, se resistiu? Como eles veem o desenho na graduação, no Curso de Pedagogia? Como trabalham o desenho na escola, em sala de aula com as crianças na Educação Infantil?

Diante do exposto até aqui, situo a pesquisa desenvolvida com os professores da Educação Infantil acerca do lugar do desenho na sua vida como uma pesquisa qualitativa onde temos sujeitos de pesquisa repletos de subjetividade integrados em fenômenos complexos que não podem ser quantificados. Também não se busca a neutralidade ou um distanciamento emocional dos sujeitos, pois lidamos com interpretações das realidades sociais (Bauer & Gaskell, 2002).

A abordagem escolhida foi a pesquisa (auto)biográfica em educação e o método principal de geração de “dados” foi a Entrevista Narrativa (EN), um tipo de entrevista individual mais profunda criada na Alemanha, na década de 80, por Fritz Schütze (Jovchelovitch e Bauer, 2002). Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 93), a Entrevista Narrativa é um tipo de entrevista não estruturada que propõe uma quebra com a rigidez da entrevista do tipo pergunta-resposta, mais adequada à pesquisa narrativa de natureza autobiográfica. Organizada em 4 (quatro) fases: iniciação, narração central, questionamento e fala conclusiva, é realizada a partir de uma questão, uma pergunta motivadora, que deve ser ampla, para que os sujeitos da pesquisa possam elaborar sua narrativa a partir dos objetivos e interesses da pesquisa.

A DIMENSÃO (AUTO)BIOGRÁFICA DO DESENHO: UM DIÁLOGO COM PROFESSORES/AS DAS INFÂNCIAS



NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES/AS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

QUAL O LUGAR DO DESENHO NA SUA VIDA, DA INFÂNCIA AOS DIAS DE HOJE COMO PROFESSOR/A DA EDUCAÇÃO INFANTIL?

**ENTREVISTA NARRATIVA
(JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002)**

ENTREVISTA NÃO ESTRUTURADA E DE PROFUNDIDADE, COM CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS



**ETAPAS:
1. INICIAÇÃO,
2. NARRAÇÃO CENTRAL
3. QUESTIONAMENTO
4. FALA CONCLUSIVA.**

3 PEDAGOGOS/AS PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

- 2 formados pela UFC, atuantes na rede pública no CE
- 1 formada pela UFF, atuante na rede privada no RJ

Estruturalmente, na fase da “iniciação” é feita uma explanação acerca da pesquisa, dos procedimentos éticos envolvidos, como a apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a solicitação de autorização para gravar a narrativa, para transcrição e análise posterior e do processo da EN para o sujeitos participantes, apresentando a pergunta disparadora, a partir da qual é convidado a narrar. Passamos então para a “narração central”, momento em que o sujeito narra sem interrupções e o entrevistador apenas expressa interesse, cumplicidade e atenção à narrativa. É o sujeito que indica o fim da narrativa. Finalizada a narrativa, na fase de “questionamento”, o entrevistador pode fazer perguntas ao entrevistado, questões “imanentes”, derivadas da própria narrativa realizada ou “exmanentes”, questões outras sobre aspectos que não foram mencionados, mas interessam aos objetivos da pesquisa. Para finalizar, na “fala conclusiva” o gravador é desligado e o sujeito ainda pode relatar de modo descontraído alguns pontos que emergem após o ato de narrar.

Inicialmente faria esta pesquisa com professoras de educação infantil participantes do projeto de pesquisa *Arte na educação infantil: memória, formação e práticas docentes*, coordenada pela minha supervisora Profa. Dra. Luciana Ostetto, porém ela sofreu um acidente grave logo na minha chegada, impossibilitando a realização da pesquisa com essas professoras, que foi retomada somente ao final do período previsto para meu estágio pós-doutoral. Nisso decidimos escolher 3 pedagogos, professores de Educação Infantil atuantes na escola e convidei 2 professores, ex alunos meus do curso de pedagogia da UFC, hoje atuantes na rede pública de Fortaleza (CE) e uma professora de Educação Infantil, formada em pedagogia pela UFF atuante da rede privada de Maricá (RJ). Os três aceitaram o convite e agendei os encontros.

sujeitos da pesquisa:



ANA CAROLINE SALES ANDRADE

**PEDAGOGA UFC - PROFESSORA DA
EI NA ESCOLA PÚBLICA (CE)**



LEANDRO DA SILVA PEREIRA JR

**PEDAGOGO UFC - PROFESSOR
DA EI NA ESCOLA PÚBLICA (CE)**



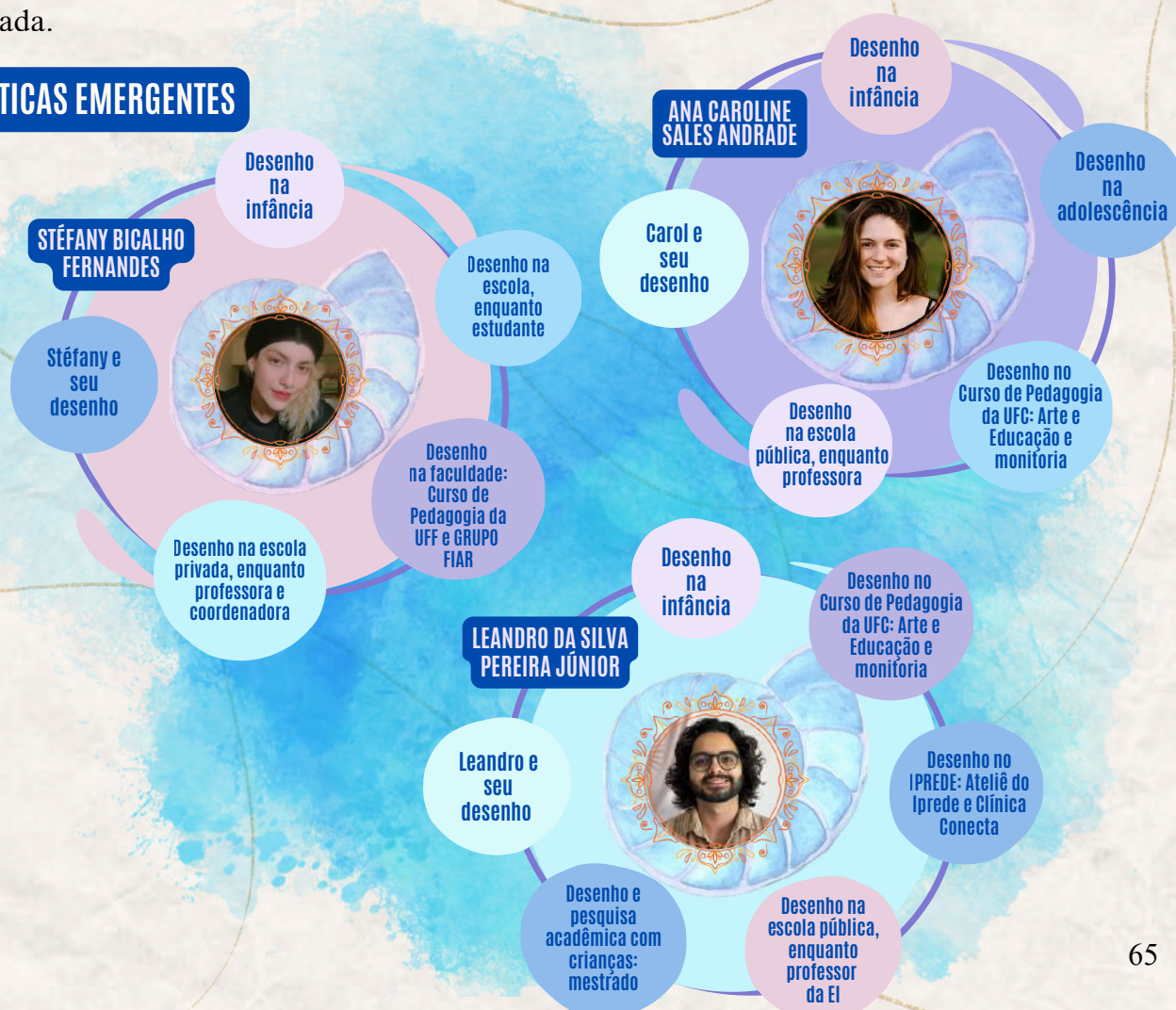
STÉFANY BICALHO FERNANDES

**PEDAGOGA UFF - PROFESSORA
DA EI NA ESCOLA PRIVADA (RJ)**

Realizei Entrevista Narrativa com cada professor de modo individual através da ferramenta Google Meet, a partir da pergunta **Qual o lugar do DESENHO na sua vida, da infância aos dias de hoje como professor(a) da educação infantil?** Segui os passos já descritos. Após, usei o aplicativo *SpeakApp* para a transcrição das narrativas em texto, revisei e encaminhei para cada um verificar se estava tudo certo, se gostariam de editar as entrevistas, retirar, adicionar algo. Também perguntei se gostariam de ser identificados pelo nome ou se preferiam algum codinome. Os três preferiram serem identificados: Leandro e Carol, os professores de Fortaleza (CE) e Stéfanny, professora de Maricá (RJ). Dos três, Leandro quis complementar sua entrevista e enviou áudios via Whatsapp que também foram transcritos e enviados para sua revisão.

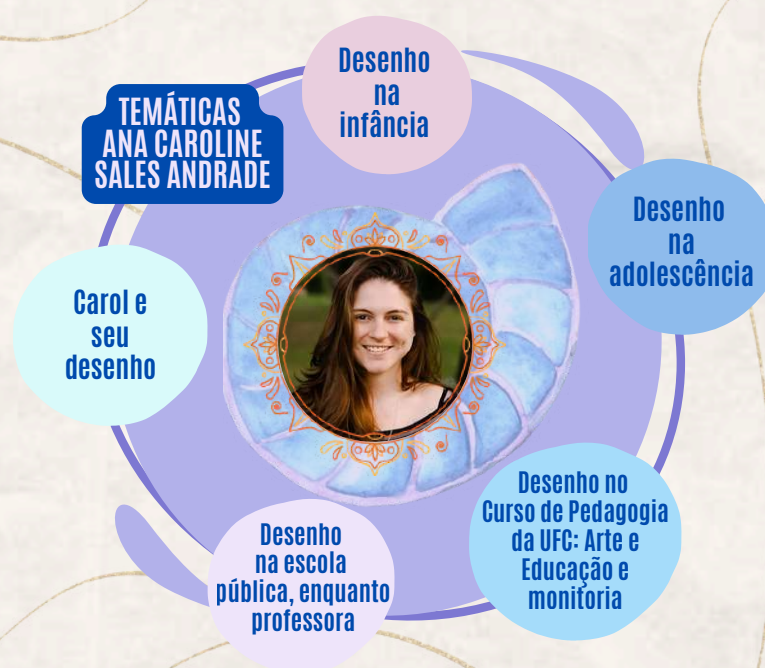
Após a transcrição e revisão dos textos das narrativas de cada entrevistado, iniciei o processo de análise de conteúdo “temática” com base em Bolívar et al (2001) e Bolívar (2012), fazendo uma leitura flutuante inicial, reconhecendo o material e, posteriormente identificando as temáticas emergentes de cada narrativa. Fiz uma leitura compreensiva das narrativas organizando seu conteúdo nas temáticas e posteriormente subtemáticas. O processo de análise das entrevistas constará no artigo final anexado a este relatório. Partilho aqui esquemas de leitura e organização das grandes temáticas das 3 entrevistas e esquema das subtemáticas apenas na entrevista de Ana Caroline Sales.

TEMÁTICAS EMERGENTES

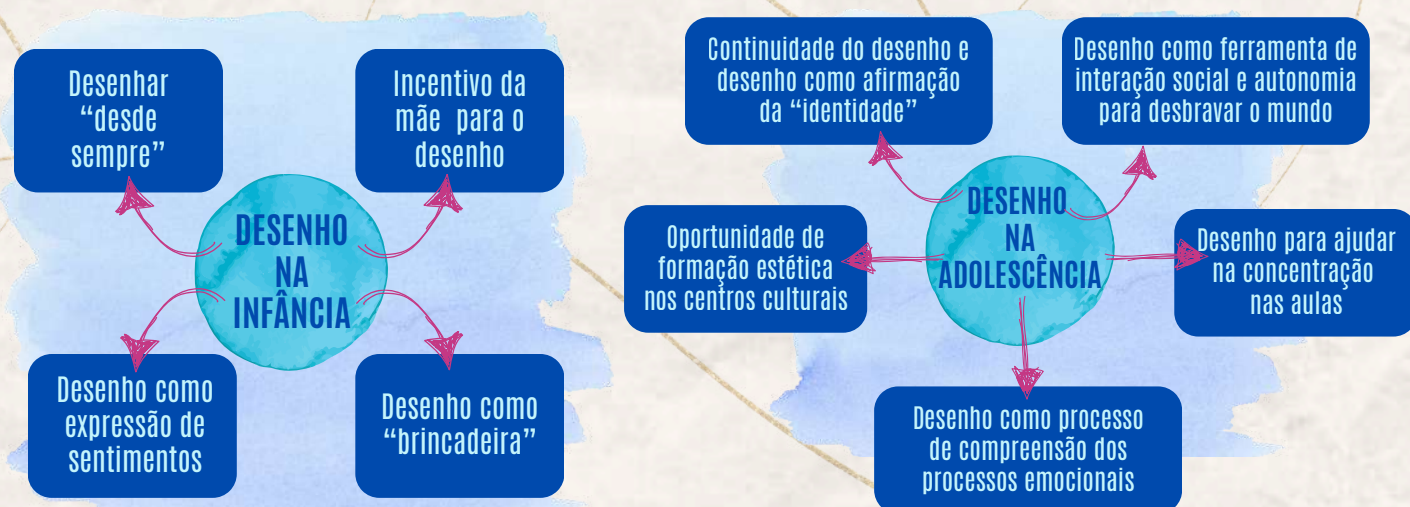


ENTREVISTA NARRATIVA COM ANA CAROLINE SALES ANDRADE

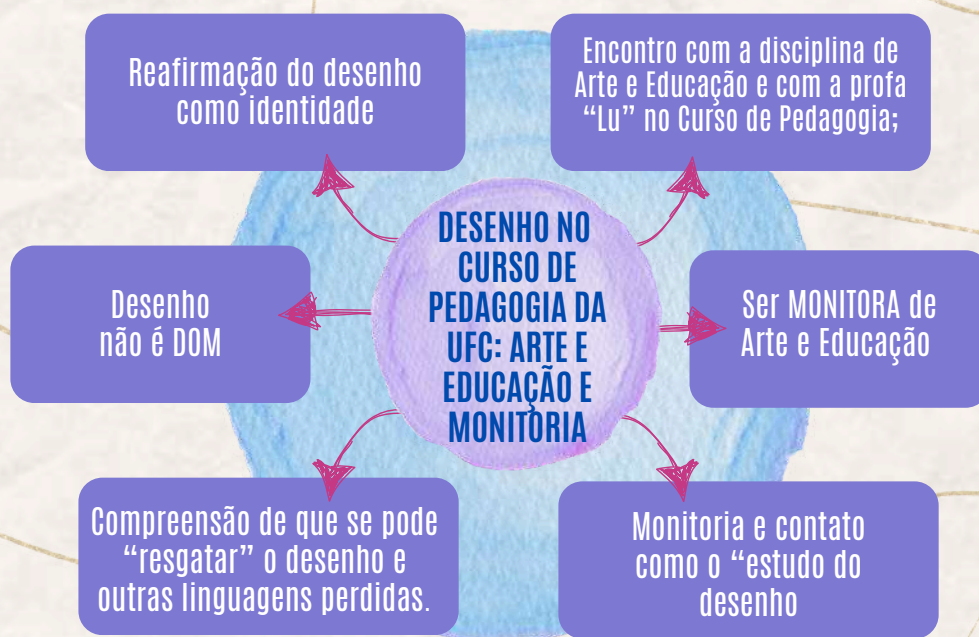
A Entrevista Narrativa com Ana Caroline Sales Andrade (Carol), foi realizada no dia 17 de janeiro de 2025. Carol é professora da Educação Infantil há 8 anos, foi minha aluna de Arte e Educação no curso de pedagogia e monitora da disciplina por 2 anos, também foi minha co-orientanda no mestrado em Educação (PPGE/UFC), na pesquisa intitulada: *Caminhos e travessias do desenho infantil: experiências de infância e formação que emergem na narrativa de si de professoras da educação infantil*, defendida em 2022 sob orientação da Profa Dra Ana Frota e teve nas bancas de qualificação e defesa a presença da Profa Dra Luciana Ostetto. Na análise emergiram 5 grande temáticas, com subtemáticas, sendo elas: 1. Desenho na infância; 2. Desenho da adolescência; 3. Desenho no curso de pedagogia da UFC: Arte e educação e monitoria; 4. Desenho na escola pública, enquanto professora e 5. Carol e seu desenho. A seguir algumas etapas do processo analítico.



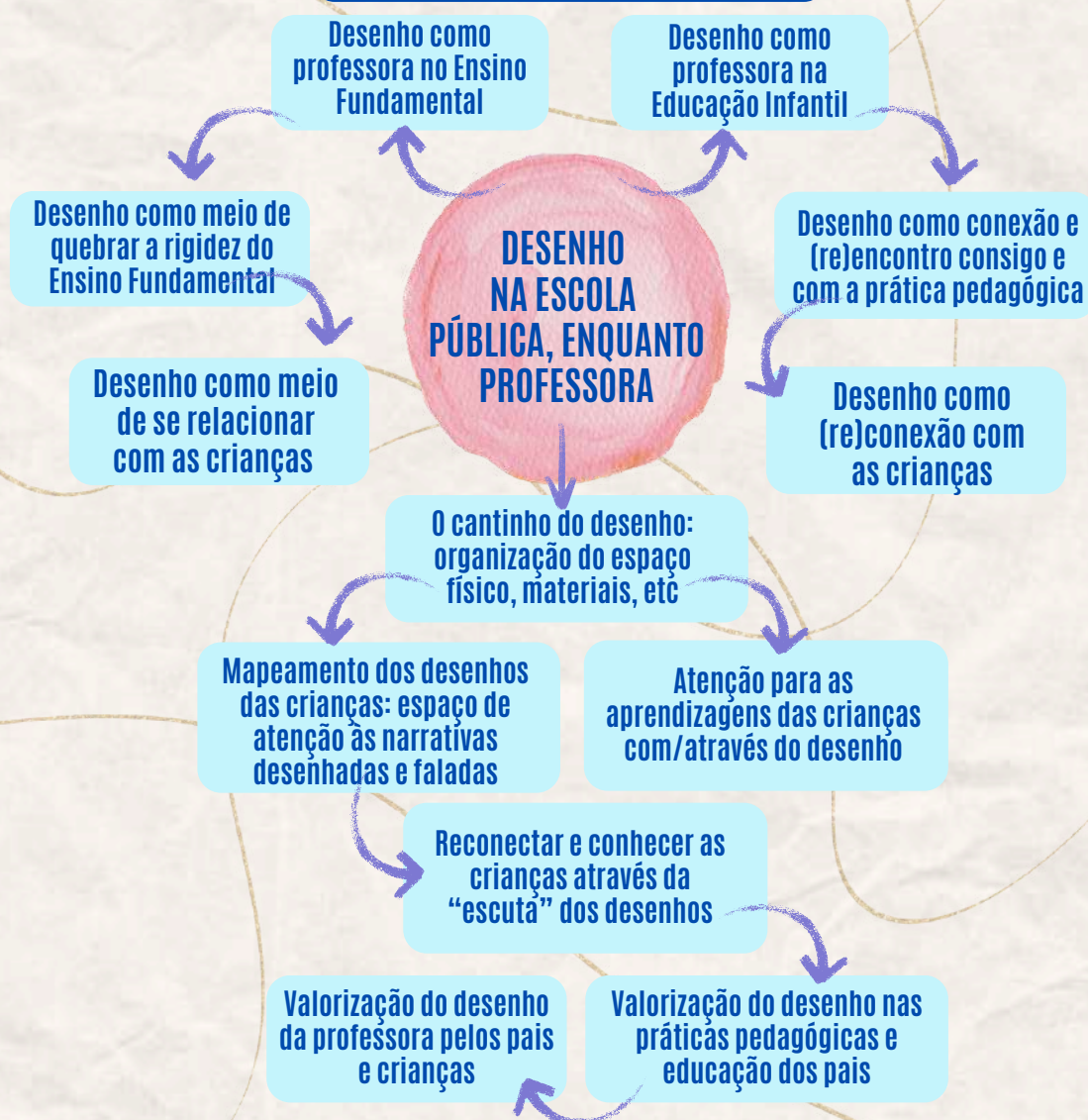
TEMÁTICAS E SUBTEMÁTICAS

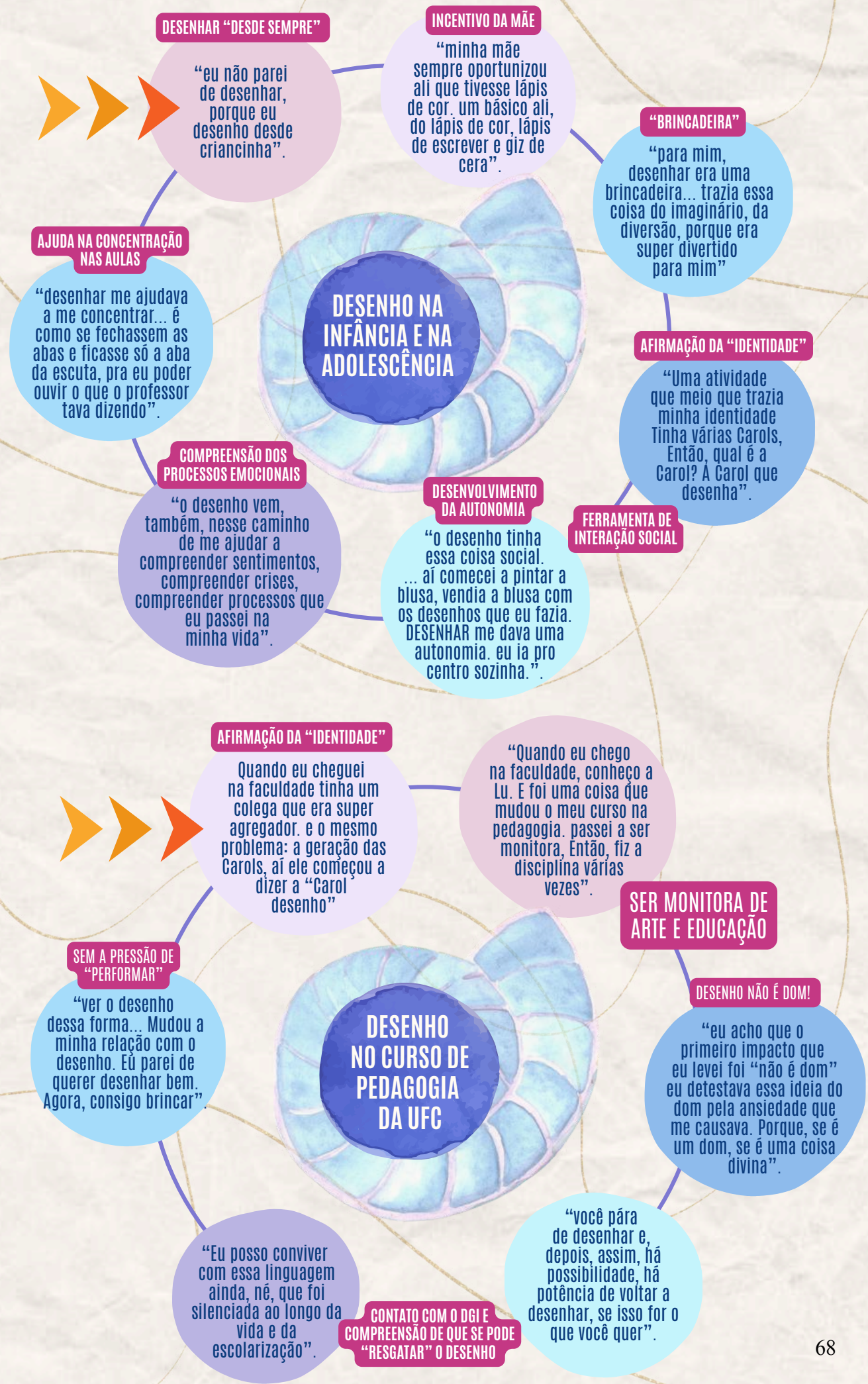


ENTREVISTA NARRATIVA COM ANA CAROLINE SALES ANDRADE



TEMÁTICAS E SUBTEMÁTICAS





ESQUEMA ANALÍTICO DA ENTREVISTA COM ANA CAROLINE SALES ANDRADE

DESENHO NA ESCOLA PÚBLICA: DOCÊNCIA NA EI

criação do "cantinho do desenho"

"lá na sala tem um lugar fixo para o desenho, onde eles ficam lá. consegui conquistar esse lugar que ficava fixo. E sempre com folhas e cadeiras de desenho".

"era uma mesinha. Aí, ele virou duas mesas. Aí, ele virou três mesas. E, aconteceu assim de... Tal hora, 70% da turma estar toda no desenho".

atenção para as aprendizagens das crianças com o desenho

"As narrativas, os desenhos, as conquistas deles, tanto no nível de cognição, de se expressar, de conversar, estruturar o pensamento. ver tudo isso acontecendo. Acontecer com o desenho".

valorização do desenho nas práticas pedagógicas e educação dos pais

"eu fui criando um documento com o desenho de cada criança. quando chega no fim do ano, que eu chego pros pais, com esses desenhos, com as observações, com os conhecimentos que eles trazem. Que elas olham, que elas arregalam os olhos, elas entendem o que tá acontecendo em casa".

conexão com os pais

"me ajudou a me conectar com os pais, porque eu sinto, às vezes, uma certa desconfiança de que na educação infantil, se você não dá a tarefa xero copiada pra eles cobrirem o nome deles, você não tá fazendo nada".

intencionalidade da prática pedagógica

"quando você mostra que tem uma intencionalidade, essas crianças estão sendo observadas. O próximo passo é pensado a partir das conquistas que eles tiveram, assim, do que eles vêm construindo. Aí, os pais ficam, poxa, então faz sentido".

meio de se relacionar com as crianças

"sempre foi um meio de me relacionar com as crianças que estavam ali. Tanto na educação infantil, quanto no ensino fundamental".

CAROL E SEU DESENHO

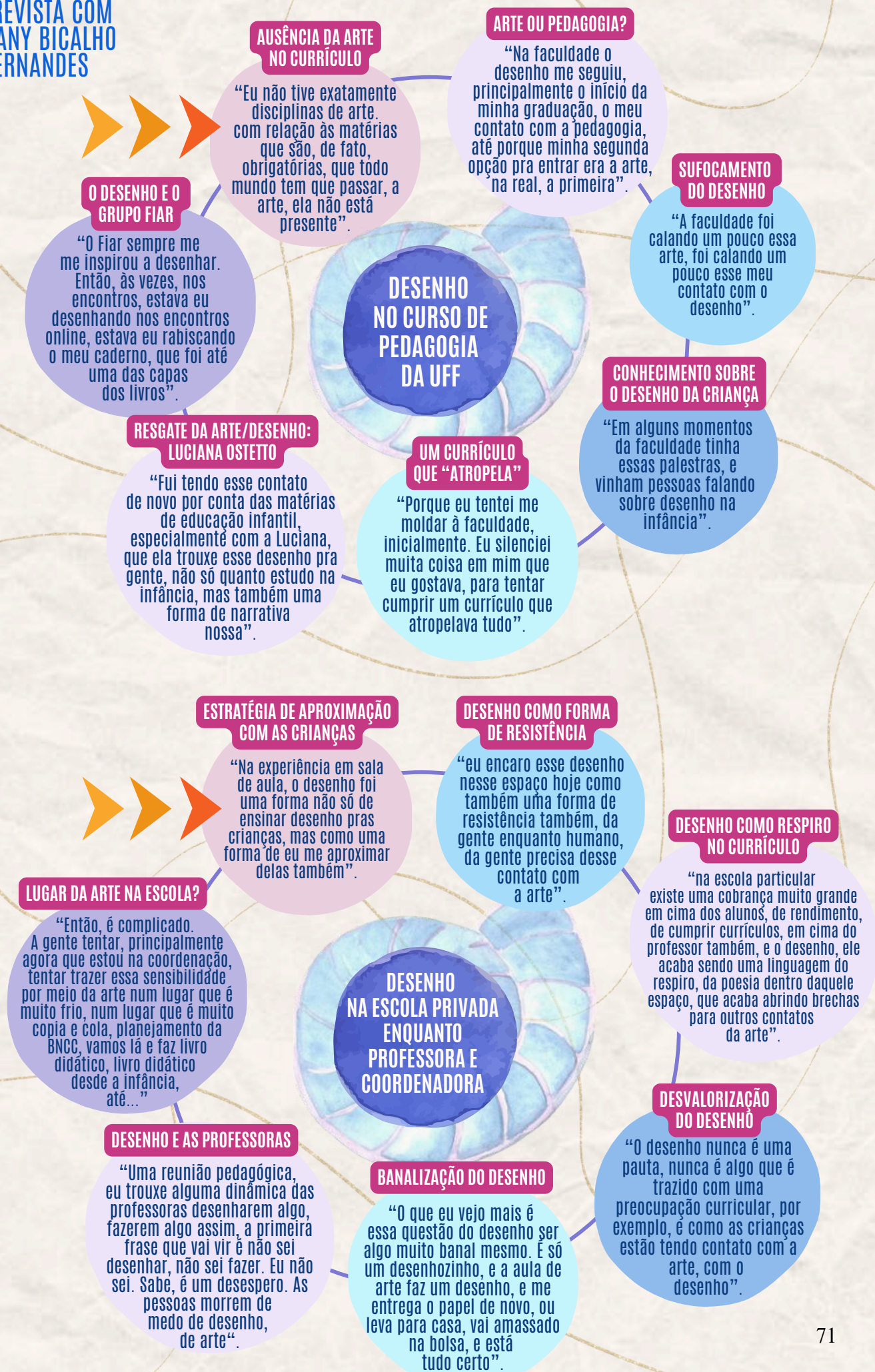
meu desenho é uma coisa minha. Eu não vou transformar ele num produto, ele não vai virar uma fonte de renda, ele não precisa ser perfeito, eu não preciso ser produtiva, eu não preciso fazer mil desenhos pra ser uma pessoa que desenha. Eu posso desenhá uma vez no ano e ser uma pessoa que desenha. Isso não vai abalar sua identidade, você não vai deixar de ser Carol.



ESQUEMA ANALÍTICO DA ENTREVISTA COM STÉFANY BICALHO FERNANDES

A entrevista com Stéfany Bicalho Fernandes foi realizada no dia 17 de fevereiro de 2025. Stéfany graduou-se em pedagogia pela UFF, foi aluna, orientanda de TCC da profa Luciana Ostetto e faz parte do grupo FIAR. É professora da Educação Infantil numa escola privada no município de Maricá (RJ). Também atua como coordenadora.

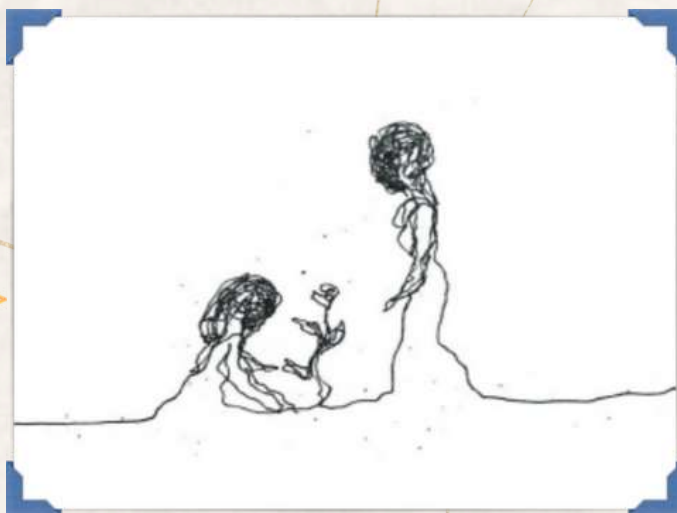




STÉFANY E SEU DESENHO



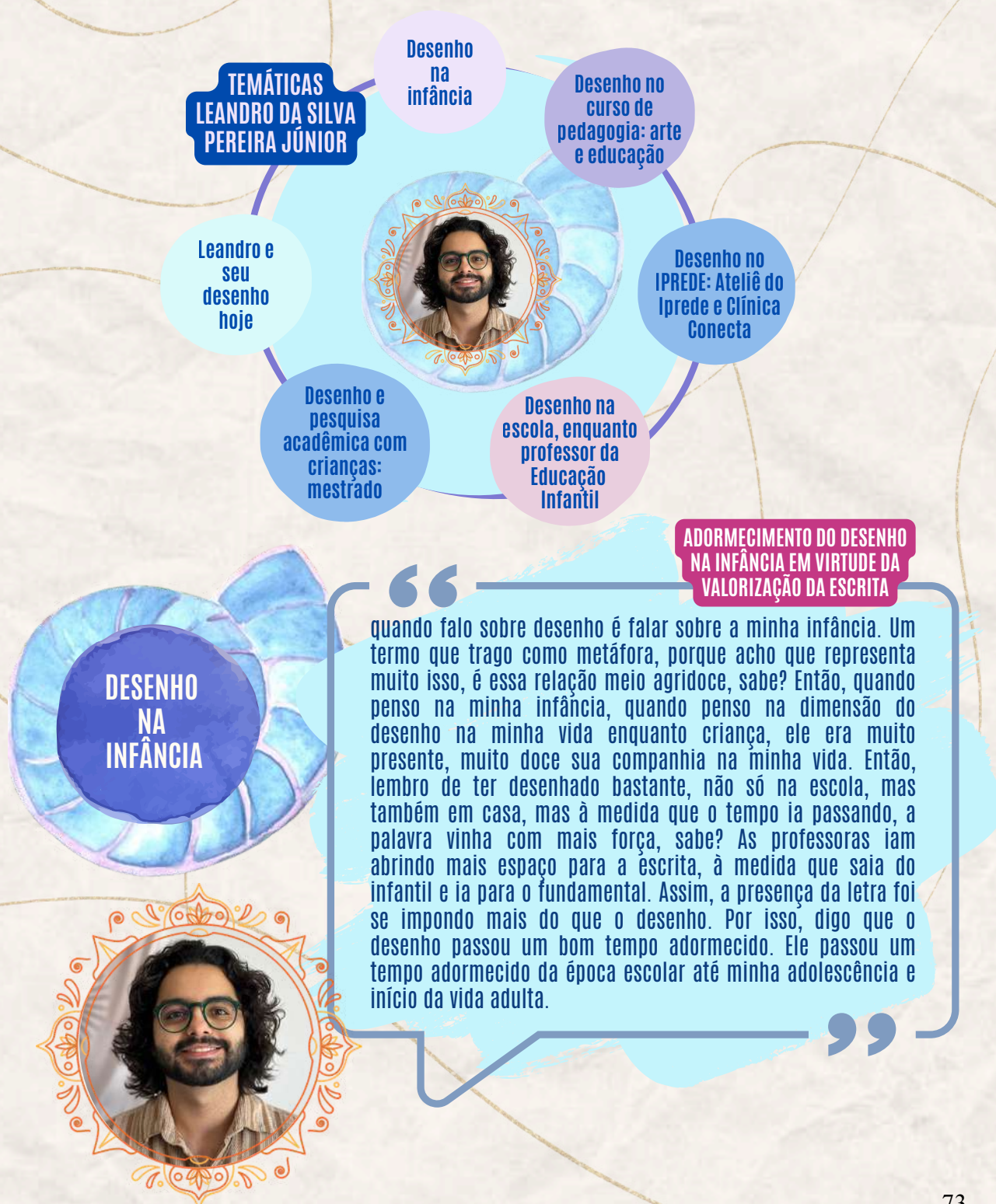
“o desenho é o lugar da minha poesia, da forma como eu me expesso, ele não era pra ser algo técnico, não era pra ser colocado numa caixinha. Então eu posso hoje olhar o desenho como algo que faz muito parte de mim, do meu jeito de me comunicar, do meu jeito de falar, do meu jeito de sentir o mundo. Eu consigo enxergar esse desenho como algo poético, livre, ou autobiográfico, por exemplo...”

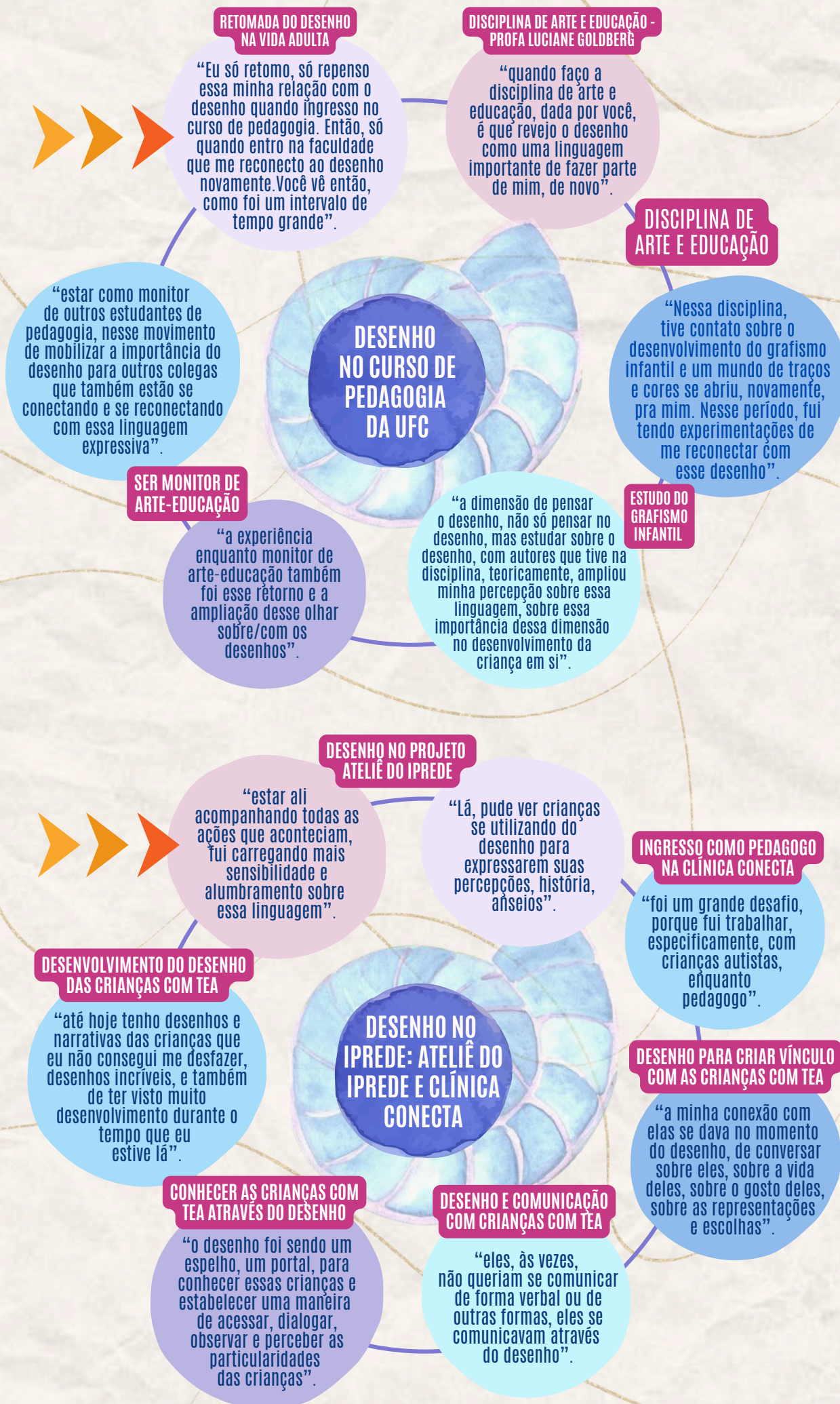


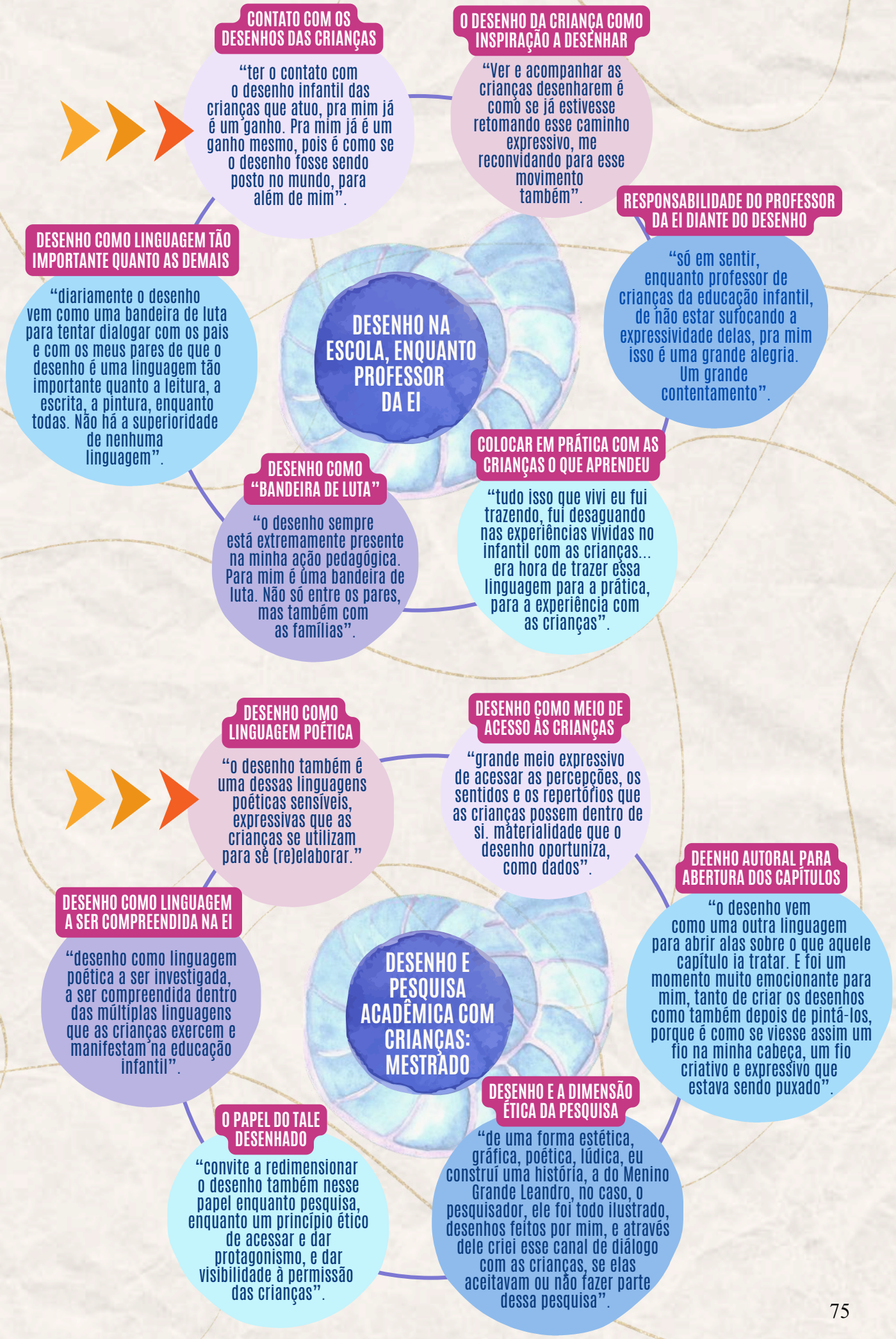
“Então, acho que se desde o início eu tivesse tido esse contato, alguém tivesse dito para mim, Stephanie, você não precisa deixar de desenhar para, sabe, fazer um artigo, ou escrever um resumo, sabe? A arte está atravessando tudo, então eu não precisava ter tido esse afastamento do desenho, da arte, só para tentar me encaixar dentro do que a academia esperava, sabe? É um devaneio completamente. Não, mas é maravilhoso.”

ESQUEMA ANALÍTICO DA ENTREVISTA COM LEANDRO DA SILVA PEREIRA JÚNIOR

A entrevista com Leandro da Silva Pereira Júnior foi realizada no dia 31 de janeiro de 2025. Leandro graduou-se em pedagogia pela UFC, foi meu aluno no Curso de Pedagogia, monitor da disciplina de Arte e Educação. Fui sua co-orientadora no mestrado em Educação (PPGE/UFC), em que ele desenvolveu a pesquisa *As linguagens poéticas das crianças na educação infantil: seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos*, defendida em 2024. É professor da Educação Infantil numa escola pública no município de Fortaleza (CE).









“

Então, o desenho, ele é político, ele é pedagógico, ele é acadêmico, ele é pessoal, ele também é essa relação com as infâncias que passam por mim, as crianças que passam por mim, e que carrego elas através dos seus desenhos, das suas narrativas, dos seus traços, cores e matizes.

das crianças e abelhas



”

É como se os desenhos das crianças fossem imprimindo em mim cada vez mais sensibilidade, e um olhar cada vez mais engajado para a compreensão e defesa da linguagem do desenho na nossa vida, na nossa relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

”

6. “Fazer à mão
juntos” com o
Grupo FIAR: tecer
eventos, encontros
e experiências
estéticas
formativas

outras atividades do pós-doutorado...



Muitos devem pensar que o pós doutorado consiste em uma “pesquisa” realizada sob a supervisão de um(a) docente mais experiente e que esteja ligado aos interesses de atuação e de pesquisa do pós doutorando. Claro que se trata disso, porém ao finalizar essa jornada, nesse 1 ano de afastamento morando em Niterói, fica difícil separar o que faz e o que não faz parte dessa experiência.

Claro que não podemos saber o que será e nem prever sem viver e, me deslocar para Niterói foi decisivo para que este pós-doutorado (trans)bordasse a pesquisa para muitas outras possibilidades de experiências e aprendizagens. Estar ali, pertinho e disponível para a pesquisa e quaisquer outras atividades relacionadas, me proporcionaram muito mais do que a própria pesquisa proposta, mas o encontro com pessoas especiais, como a Profa Luciana, seu marido Juca, toda a gente maravilhosa que compõe o FIAR e a casa da “gracinha”, onde tive o prazer de visitar tantas vezes para reuniões de supervisão, encontros e atividades do Grupo FIAR e outras programações afetivas, sempre regadas a muita alegria, beleza e delícias gastronômicas. Todo o alimento estético possível!

Este item do relatório é para partilhar um pouco desse (trans)bordamento, das aprendizagens tecidas “à mão” e “junto com o outro”, nas reuniões, eventos, encontros, aulas, palestras, saídas de campo, missões culturais, etc. Algumas dessas vivências já foram sendo citadas ao longo deste relatório e vou dar destaque a elas nesta parte do relatório:

1. Componente curricular *Atividades Culturais - Arte, Infância e Formação Docente*, que ministramos, Luciana, eu e a doutoranda Daiane para estudantes do curso de Pedagogia da UFF no semestre 2024.2;
2. Ciclo de Debates *Formação, Infância e Arte*: a palestra *Desenhos, Infâncias e Autobiografias* ministrada por mim em outubro de 2024;
3. Defesa de memorial para professora titular da Profa Luciana Ostetto, com o memorial *À minha medida: atravessar a superfície do tempo para contar*;
4. Reuniões do Grupo FIAR, presenciais e online ao longo do ano;
5. Missão Cultural do Grupo FIAR à São Paulo em maio de 2025;
6. Roda de conversa *Pesquisar com Arte* realizado pelo Grupo Frestras, coordenado pela Profa Adrienne Ogêda da UNIRIO, na ocasião Luciana e eu fizemos falas;
7. E, por fim, a grande coroação de tudo, o evento *III Seminário Rodas do FIAR - A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá*, em que juntamos os grupos FIAR e DIAFHNA, em julho de 2025.

Acho que é isso: UFFa, tanta coisa vivida! e foi tão bom!

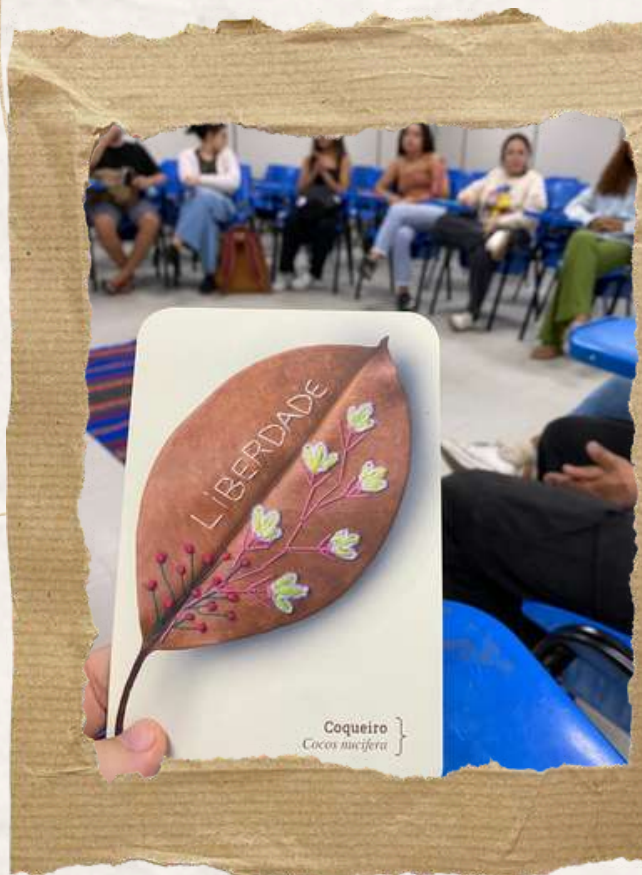


Atividades Culturais III Arte, Infância e Formação Docente UFF 2024.2



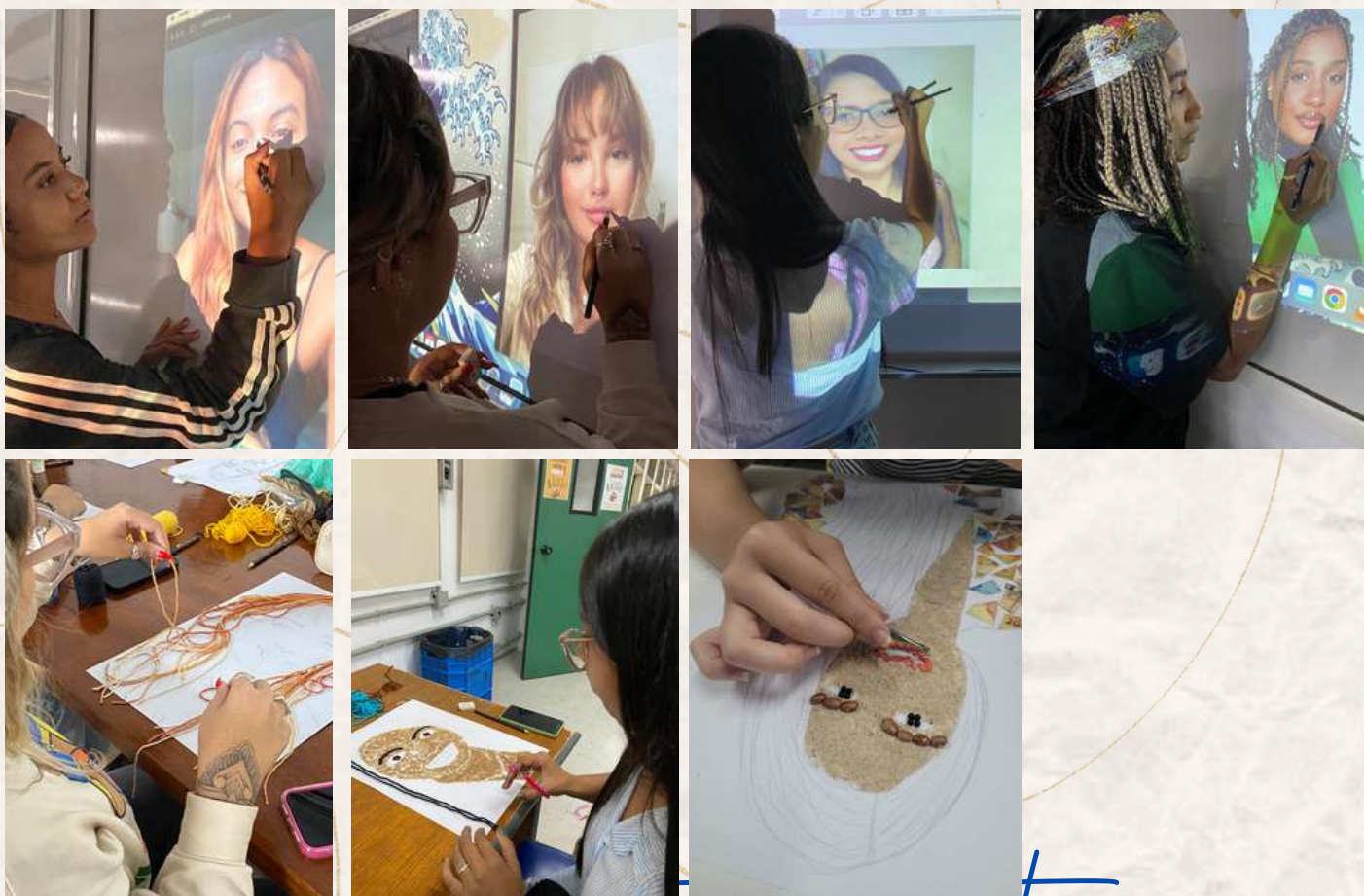
Atividades Culturais III - Arte, Infância e Formação Docente,



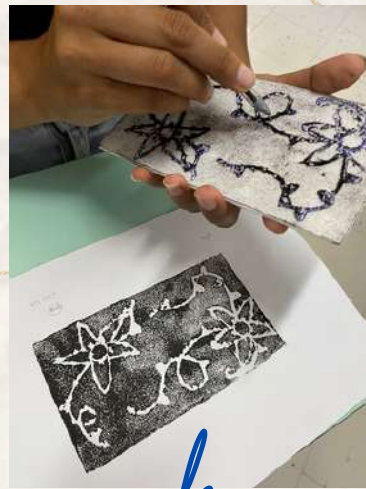




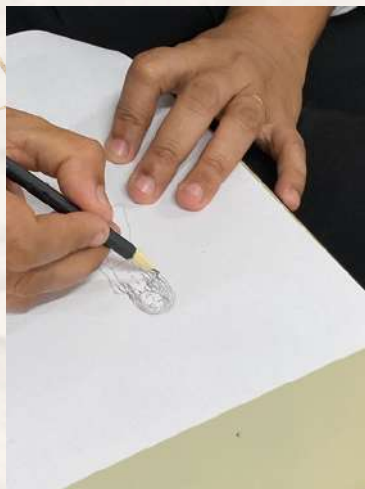
oficina de encadernação artesanal



oficina de autorretratos



oficina de isogravura



oficina do grafismo



oficina de tecelagem



oficina de reficários





Poéticas do Quintal: pequeno oráculo com ervas, afetos e memórias ancestrais

Este pequeno oráculo, como uma trama da curadoria de memórias ancestrais, é um convite. Cada carta que o compõe é uma carta-escuta, fertilizada na força da natureza pujante do interior de cada pessoa que pode grafar, em desenhos e palavras, sentimentos e recomendações despertados no contato direto com cascas de árvore, ervas e sumo de folhas.

As cartas foram produzidas por estudantes de Pedagogia, que cursaram o componente curricular "Atividades Culturais III - Arte, Infância e Formação docente", em 2024.2 e que participaram da oficina "Memórias ancestrais: poéticas do quintal", proposta com a intenção de contar, ouvir e valorizar histórias de saberes ancestrais, de matrizes africanas e indígenas. Dinamizada pela doutoranda-estagiária docente do PPGEdu Daiane Francisco de Medeiros e realizada na Faculdade de Educação da UFF, a oficina abriu espaço para a conexão com memória e afetos, atravessados por aromas, texturas, cores, formas e sabores de ervas de quintais que carregam propriedades curativas. O grupo de estudantes foi convidado a apreciar e escolher uma erva que lhe fizesse sentido; depois, desenhar e escrever um propósito ou recomendação para seu uso. Foi uma bela experiência de aproximação de saberes, memórias e afetos tramados na ancestralidade presentificada.

Oráculo Poéticas de Quintal

Poéticas do Quintal

Pequeno oráculo com ervas, afetos e memórias ancestrais

Estudantes

Ayra Borges Pereira: Guaco - Amor; e Hortelã - Saudades
 Danyele Braga Candido: Boldo - Aconchego
 Gabriel Levi Sodré da Costa: Tomilho - Alegria
 Hingrid de Oliveira Pinheiro: Arruda - Proteção
 Juliana Dias da Cruz: Boldo - Serenidade
 Letícia Antunes da Silva e Silva: Guaco - Cuidado
 Lynda Barcelos Falleiro: Lavanda - Suavidade; e Boldo - Redenção
 Maria Eduarda Batista Marques: Manjerição - Segurança
 Sophia Ferreira Lewer de Oliveira: Alecrim - Nostalgia
 Vitória Rodrigues da Silveira: Guaco - Saudades

Fotografias: Doutoranda-estagiária docente Daiane Francisco de Medeiros

Arte final/design das cartas: Profª Drª Luciane Goldberg (UFC e Pós-doutoranda PPGEdu/UFF)

Responsável pelo componente Curricular: Profª Drª Luciana Ostetto

Niterói/RJ

Verão 2024/2025

Aprender mesmo a gente aprende quando o saber não é mercadoria. Quando é com mestres e mestras, eles não cobram. Eles ensinam para manter o conhecimento vivo. "Quando você compartilha o saber, o saber só cresce. É como as águas que 'confluenciam'." Quando o rio encontra o outro rio, ele não deixa de ser rio. Ele passa a ser um rio maior.

Antônio Bispo dos Santos

ativista e pensador quilombola (1959-2023)
 (do livro A terra dá, a terra quer, 2023)



Aconchego



Boldo

Ótimo chá para tomar em dias frios. Sua amargura, junto do calor, mesclada com a doçura de uma colher de açúcar, nos faz sentir abraçados.



Suavidade



Lavanda

Cheire a lavanda sempre que tiver uma semana agitada e ela vai acalmar seus pensamentos.



CICLO DE DEBATES FORMAÇÃO, INFÂNCIA E ARTE

DESENHOS, INFÂNCIAS E AUTOBIOGRAFIAS



PROF.ª DR.ª LUCIANE GOLDBERG
Universidade Federal do Ceará

23 Out 18h

 FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFF
CAMPUS DO GRAGOTÁ – BLOCO D –
SALA 318- SALA PAULO FREIRE

Evento com certificação.  Universidade
Federal
Fluminense

INSCRIÇÕES **EM BREVE**
 **PROEX**

Palestra Desenhos, Infâncias e Autobiografias





Salve, Juca ♡



Convite
DEFESA DE
MEMORIAL
PROFESSORA
TITULAR



À MINHA
MEDIDA

atravessar a superfície
ondulante do tempo
para contar

Luciana Esmeralda Ostetto

BANCA:

Jader Janer Lopes (UEJF)
Rita Ribes (UERJ)
Eloisa Candal Rocha (UFSC)
Maria Fernanda Nunes (UNIRIO)
Vera Vasconcellos (UFF/UERJ)

11/12/2024 - 14:00

UFF - Campus do Gragoatá
Auditório do Coluni
Educação Infantil



Defesa de memorial para professora titular da Profa Dra Luciana Ostetto





...erwriter and Joint Bookrunner

Reuniões do Grupo FIAR
presenciais e online que participei no período do pós-doutorado
agosto de 2024 a agosto de 2025



1a reunião no Grupo FIAR - 29 DE AGOSTO DE 2024



2a reunião no Grupo FIAR - 03 DE OUTUBRO DE 2024



Participação como banca no exame de qualificação Maria Leticia - 22 de novembro de 2024



4a reunião no Grupo FIAR - 29 de janeiro de 2025



5a reunião no Grupo FIAR - 8 de março DE 2025



6a reunião no Grupo FIAR - 8 de maio de 2025



7a reunião no Grupo FIAR - 8 de junho de 2025 - discussão do meu artigo:
O jogo de pintar de Arno Stern no Ateliê Pintante do Instituto da Primeira Infância (IPREDE/CE)



FIAR

Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte



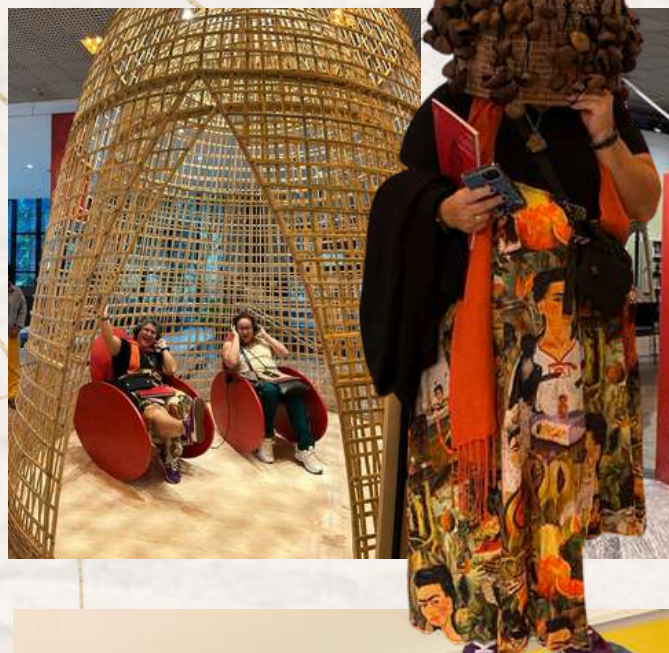
...erwriter and Joint Bookrunner

MISSÃO CULTURAL
com o Grupo FIAR em SP maio 2025





“Fazer à mão juntos” com o Grupo FIAR: tecer eventos, encontros e experiências estéticas formativas



RODA DE CONVERSA

PESQUISAR COM ARTE

Luciana Ostetto (UFF)
Luciane Goldberg (UFC)
Priscilla Menezes (Unirio)

02/07 (quarta-feira) às 19h
no auditório Paulo Freire
(Av. Pasteur, 458 – CCH)

PPGEdu  **FAPERJ**



EDUCAÇÃO E ARTE EM PESQUISA: PULSAÇÕES INVENTIVAS, TERRITÓRIOS ALARGADOS

Pesquisar pelas veredas da educação e da arte, implica cuidado ético, político e estético de alargar territórios acadêmicos para além de campos rigidamente demarcados. Híbridos saberes e fazeres. Mobilizar pensamento e sentimento, percepção e sensação. Invenção. Criação. Experiência que fertiliza poéticas autorais.

PPGEdu  **FAPERJ**

Como tecer uma experiência de pesquisa no entrelugar educação-e-arte?

(A)bordar temáticas e perguntas matizadas por referências estéticas, é possível?

Que desafios, exigências e implicações movem a pesquisa em educação, quando desenhada em um território aberto, sem fronteiras, deixando-se atravessar/estesiar no encontro com a literatura, as artes visuais, as performances?

PPGEdu  **FAPERJ**

As questões e argumentação tecidas impulsionam o encontro com professoras de três universidades públicas – UNIRIO, UFC e UFF – para conversar sobre pesquisa, desde os campos da educação e da arte.

A conversa anunciada deseja fertilizar reflexões: sobre modos de fazer pesquisa em educação no diálogo com a arte, sobre pulsações criativas teórico-metodológicas, sobre possibilidades de amplificar modos de fazer e dizer percursos investigativos, sobre coerência de forma e conteúdo, texto e contexto, sobre dispositivos, materialidades e múltiplas linguagens que podem ser contemplados.

PPGEdu  **FAPERJ**



Roda de conversa: Pesquisar com arte
FRESTAS/UNIRIO -02 DE JULHO DE 2025



III SEMINÁRIO RODAS DO FIAR
09 a 11 DE JULHO DE 2025

III Seminário Rodas do FIAR

A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá.

*Palavra e som são meus caminhos pra ser livre
E eu sigo, sim
Faço o destino com o suor de minha mão
[...]
Meu bem, difícil é saber o que acontecerá
Mas eu agradeço ao tempo
O inimigo eu já conheço
Sei seu nome, sei seu rosto, residência e endereço
A voz resiste, a fala insiste: Você me ouvirá
A voz resiste, a fala insiste: Quem viver verá*

Não leve flores - Belchior

Os sentidos voltados para a liberdade, mobilizam à criação: na universidade, no cotidiano, com o sabor do suor das mãos, no trançado de cabeça e coração.

Falar com palavras, sons, imagens, é canal que leva ao encontro, destino coletivo

Na narrativa, criada e enunciada no tempo presente, nos reconhecemos

Nas vozes, nos modos de fazer e pensar, insistimos.

Honrando o passado, seguimos: projetando futuros possíveis

Estamos sendo. É difícil saber o que acontecerá.

Por isso, sonhamos um seminário que junta gente na roda, insistindo na fala: é preciso mais arte na educação! É preciso ouvir professoras e professores!

Por isso, fazemos um seminário que traz para a roda falas outras, diversas, narrativas de lá e de cá: encontro de (auto)biografias, nordeste e sudeste em comunhão (além da ficção)

Pelas vias narrativas e autobiográficas, nas veredas da arte e da educação, um seminário que provoca: **você ouvirá?**

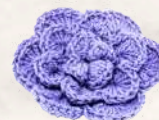
A proposta do III Seminário Rodas do FIAR - A fala insiste. Você me ouvirá? Narrativas e inquietações de lá e de cá - nasce do encontro de dois grupos de pesquisa: FIAR - Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte, da Universidade Federal Fluminense (UFF), e DIAFHNA - Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Os grupos estiveram juntos, e se (re)conheceram, no X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica - CIPA (Salvador/BA, maio de 2024), oportunidade em que partilharam as marcas de suas pulsações criativas teórico-metodológicas, seus modos de fazer pesquisa narrativa, de caráter (auto)biográfico na graduação e na pós-graduação, seus modos próprios e singulares de fazer e visibilizar saberes em pesquisa e prática educativa que tem a arte como principal catalisadora de múltiplas linguagens e formas de narrar sobre si.

Identificando-se como grupos que se afinam e se conectam pelos objetivos comuns, na sua essência, de promover pesquisas narrativas de cunho (auto)biográfico com ARTE em diálogo com a EDUCAÇÃO. Aquele momento, de marcante alegria e satisfação, germinou o desejo de juntar os nomes dos dois grupos em um, aproximando-os em projetos e movimentos acadêmico-criativos, fertilizando poéticas, criando um verbo: DIAFHIAR, que planta uma semente entre aqueles e aquelas que se veem e se reconhecem, que de mãos dadas, em roda, tecem lugares comuns e singulares.

Os laços entre os grupos se estreitam com o estágio pós-doutoral da Prof^a Luciane Goldberg, líder do DIAFHNA (UFC), sob a supervisão da Prof^a Luciana Ostetto, que juntas, com seus grupos, vislumbraram a possibilidade de conjugar o verbo DIAFHIAR no III Seminário Rodas do FIAR, sonhando um encontro mais profundo e intenso com as gentes de lá e de cá, trazendo o Ceará para Niterói, celebrando a fértil conjugação do nordeste com o sudeste.

Embalado pelas canções do rapaz latinoamericanobrasileirocearense, o III Seminário Rodas do FIAR deseja: tecer diálogos entre os modos de fazer pesquisa narrativa de cunho (auto)biográfico cultivados nas veredas da educação e da arte, compartilhando saberes-fazeres do Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR - UFF) e do Grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA - UFC); narrar inquietações de lá e de cá, afirmando a essencialidade de aproximar, sempre mais, educação e arte, universidade e educação básica, pesquisas e prática docente, sudeste e nordeste.



Na poesia da canção de Belchior, ouvimos alertas, lembranças e inspirações. Sim, conhecemos o inimigo - da democracia, da universidade pública e gratuita, do direito a ser quem se é. Sim, sabemos:

“Tudo é proibido [...] tudo é permitido [...] tudo muda”

“Sonho e escrevo em letras grandes, de novo”

“Eu pinto, eu bordo, eu vivo muito e ainda acho pouco”

“A minha história é talvez igual a tua”

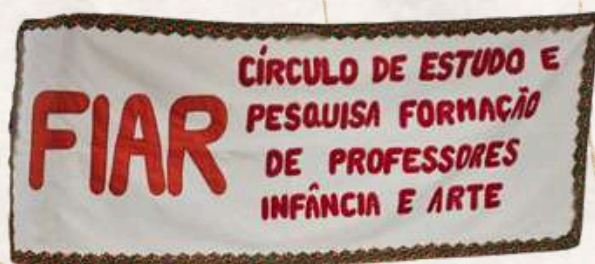
“Não quero [só] o que a cabeça pensa, quero o que a alma deseja”

Sim, concordamos: “[...] o mundo inteiro está naquela estrada, ali em frente”.

E confiamos: há muito para contar e cantar, para ouvir e falar, para fazer e poetizar, para viver, junto, o que será, está feito o convite.

“Quem viver, verá”!

Escrito por Luciana Ostetto & Luciane Goldberg







“Fazer à mão juntos” com o Grupo FIAR: tecer eventos, encontros e experiências estéticas formativas

III Seminário Rodas do FIAR

A FALA INSISTE

VOCÊ ME OUVIRÁ?



NARRATIVAS E INQUIETAÇÕES DE LÁ E DE CÁ

09 a 11 de julho
de 2025



Locais:

UFF - Campus Gragoatá
Sala Paulo Freire-318
(Bloco D)
Coluni / UFF
Museu Janete Costa

APOIO:



ORGANIZAÇÃO:



Mais informações

<https://extensao.uff.br/inscricao/>
Evento com certificação - 20h



III Seminário Rodas do FIAR

A FALA INSISTE

VOCÊ ME OUVIRÁ?

NARRATIVAS E INQUIETAÇÕES DE LÁ E DE CÁ

9 a 11 de Julho de 2025

UFF – Campus Gragoatá, Niterói/RJ

Programação geral

09/07

18h – Abertura
Performance “Marina: Uma homenagem à Marina Colassanti”

19h – 1ª Roda:
Narrativas insurgentes, com educação, arte, autobiografia e DIAFHIAR

10/07

14h – 2ª Roda:
Narrativas e pesquisas de lá e de cá

18h – 3ª Roda:
Conversas pelas veredas da arte

11/07

4ª Roda:

9h – Exibição dos curtas – “Turma do 5º ano” e “Oficina autobiográfica: 5º ano”

Exibição do vídeo – “Caminhos da Terra: Diário e itinerância

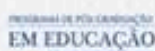
Roda de Fechamento

11h – Encerramento: Visita ao museu Janete Costa – Exposição “Santa Intimidade”

Inscrições



APOIO:



ORGANIZAÇÃO:



Mais informações

<https://extensao.uff.br/inscricao/>
Evento com certificação - 20h

Participantes

"E eu vou viver as coisas novas que também são boas"



Luciana Detotto
(FIAR/UFF)

Nasci em Nova Venécia, pequena cidade do sul de Santa Catarina, em cujas ruas e praças aprendi a brincar de roda, a apreciar os sabores da natureza e os sabores da simplicidade. Talvez venha daí o impulso de seguir por caminhos sensíveis, reconhecendo a necessidade de mais arte na educação.

Sou professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e coordeno FIAR.

No coletivo, faço o sonho de uma formação docente para as infâncias, sustentada pela estética e pela ética, afirmando a vida, as belezas do infim.

"Sempre é dia de inônia no meu coração"



José Firmino de Oliveira Neto
(FIAR/UFF)

Sou professor-pesquisador que se movimenta pelos diferentes territórios formativos com amorosidade, alegria e sensibilidade.

Como pesquisador da Educação Infantil apaixonado pela docência busco na epistemologia da práxis, mobilizar esforços para (re) fazer com professores(as) - em coletivo - práticas pedagógicas sensíveis e significativas pensando a formação humana para além dos modelos estereotipados da docência com crianças desde bebês.

"Busco a paixão fundamental [...] De inventar meu próprio ser".
(Belchior)



Janice Débora
(DIAPYMA/UFF)

Sou do Ceará, terra da luz. Como docente, escolhi caminhar junto às infâncias, vivenciando passos do cotidiano pedagógico repleto de maravilhamentos.

Aprecio as vivências de integração, coletividade e diversidade presentes nas rodas cirandadeiras, poéticas, narradeiras e conversadeiras. Acredito na educação realizada com inteireza e beleza.

"Sobre noites, gatos e quintais!"
(Belchior)



Alexandre Santiago
(DIAPYMA/UFF)

"Eu era alegre como um rio, um bicho, um bando de pardais. Não sou feliz, mas não sou mudo, hoje eu canto muito mais."

Sou menino Brincante do Ceará que ama as infâncias e a arte da vida.

Sou ator e arte-educador! Pedagogo das artistagens e da Ludicidade.

Sou Alexandre Santiago.

"Amar e mudar as coisas me interessa mais..."



Jaia Vilela
(FIAR/UFF)

A mãe da Laura, moradora no fundão da ZL paulistana. Coordenadora pedagógica em um CEI na periferia paulistana, o chão em que piso a vida toda.

Curiosa, perguntadeira, encantada pela vida e pelas infâncias.

Uma pesquisadora em busca de uma Educação sensível que se faz na relação com o território.

"Deixemos de coisa e cuidemos da vida"



Barbara Castelo Branco

Sou Bárbara Monte, a quarta geração de narradores de histórias.

Narrativas que circulavam por discos, rádio, cartas, fotos, diários e livros.

Sou psicóloga, educadora, fui bailarina, desejaria continuar a estudar teatro e me autorizar a lançar um livro de crônicas.

Atualmente venho aprendendo a utilizar dispositivos de cinema para facilitar oficinas narrativas com crianças em escola.

"Deixemos de coisa e cuidemos da vida" é o convite que faço para este momento, fiar tecituras para a vida.

"Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja"



Simone Bibian
(FIAR/UFF)

Doutora e mestrã em Educação pela UFF, educadora do Museu Nacional de Belas Artes/RJ.

Busco uma nova forma de aproximação entre museu e escola, privilegiando a abertura de espaços de diálogo.

Escritora e dramaturga, com obras voltadas para o público infantil.

Atuando principalmente nos seguintes temas: educação em museu, museu e educação infantil e formação estética de professores.

"Não preciso que me digam de que lado nasce o sol porque bate lá o meu coração".



Marta Maia
(FIAR/UFF)

Sou uma Professora de crianças com as quais me tornei quem sou. (Co)formadora de Professoras e Professores de crianças.

Mãe orgulhosa de Professores cúmplices das crianças e de boas formas de viver.

Comprometida com o fazer de um tempo em que as infâncias sejam o sol que nos oriente e sejam a razão que mova as vidas. Guiada pelo sol, no desejo de outros, novos e iluminados dias.

"O meu delírio é experiência com coisas reais."



Rosvela Noll
(FIAR/UFMG)

Flandreia feita de arte, lá nas terras das Minas Gerais onde atuo como professora da Escola de Belas Artes da UFMG.

Doutora em Educação (UNICAMP - 2011). Licenciada em Desenho e Plástica pelo Centro Universitário Feevale (1979).

Trilha os caminhos de Arte e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação infantil e fundamental, educação estética, narrativas de formação, abordagem autobiográfica e histórias de vida.

"Pela minha paixão Digo que estou encantado Como uma nova invenção..."



Leonardo da Silva Pereira
(DIAPYMA/UFF)

Sou um menino agricultor, encantado pelas poéticas infantis (trans)fundidas no cotidiano pedagógico, um apreciador de abelhas e arco-íris.

Um "escutador" de Milton Nascimento e um ser aberto aos convites que a vida nos evoca à presença e à experiência.

A leitura, a escrita e arte são caminhos que confluiam o meu ser.

"Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja..."
(Belchior)



Geórgia Santana
(DIAPYMA/UFF)

Menina-mulher-mãe-arteira-professora-artista-pesquisadora

Sou feita as coisas miúdas dos quintais diversos, dos fundos das gavetas, dos achados em lugares baldios ou improváveis... Choro de algo invisível, latente.

Alegre por ser como sou... Mais e mais no hoje. Caminhante lenta, colhendo umas jabuticabas, acerolas e mamões. Desvendando transformações de um por vir intenso/imenso/ inconstante.

"Agora eu quero tudo, tudo outra vez"



Amabile Alexandre

Amabile Alexandre, nasceu no Amazonas e hoje vive no Ceará. É gestora escolar, especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais e estudante de Psicologia.

Atualmente integra a Direção Pedagógica do Colégio Art & Manha, onde também coordena projetos e formações continuadas articuladas com as diversas linguagens artísticas, sobretudo com o cinema.

"Na parede da memória."



Felina Romilda
(DIAPYMA/UFF)

Eu sou a Felina Almeida, uma careense de cabelos azuis, com algumas tatuagens no corpo que representam marcos da minha vida, que gosta de café e cocoruz.

Sou pedagoga e esse ano completo 15 anos de serviço público atuando com bebês e também tornei-me Mestra em Artes pelo IFCE.

"E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado, e assim já não posso sofrer no ano passado"



Cristiane Caldas
(FIAR/UFF)

Mãe da Isis, professora pesquisadora da Educação Infantil, interessada nas miudezas do viver.

Pedagoga. Especialista em Educação Infantil. Mestre e Doutora em Educação. Professora do curso de Pedagogia da UFF e pesquisadora no FIAR.

"Pois sou uma pessoa - Esta é minha canoa - Eu nela embanco"



Luciane Dalmeida
(DIAPYMA/UFF)

Artista/arteira/arte-educadora e militante do desenho!

Colecionadora de ondas e uma "flanêuse", encantada com a poesia do cotidiano e com a beleza da vida.

Apasionada pelas narrativas (auto)biográficas, defendo seu espaço com unhas e dentes na academia como professora pesquisadora e orientadora, onde planto sementes da arte e da educação estética junto a educadores/as das infâncias.

FIAR
Instituto de Arte e Pesquisa
Programa de Pós-graduação em Educação

ABERTURA
9 de julho - 18h

III Seminário Rodas do FIAR

CHAMANDO PARA A RODA

Performance
Marina: uma homenagem à
Marina Colasanti

Prof. Dr. Alexandre Santiago
Prof. Ms. Georgia Zaranza

1ª RODA

Narrativas insurgentes,
com educação, arte,
autobiografia e DIAFHAR.

Prof. Dra. Luciana Ostetto (FIAR/UFF)
Prof. Dra. Luciane Goldberg (DIAFHNA/UFC)

Mediação: Prof.ª Dra. Marta Maia (FIAR/UFF)

09 de Julho - 18h

Auditório Prof.ª Vera Vasconcellos -
Educação Infantil Coluni/UFF)

APOIO:

Inscrições

ORGANIZAÇÃO

FIAR
Instituto de Arte e Pesquisa
Programa de Pós-graduação em Educação

III Seminário Rodas do

Chamando para a Roda

*“Pois vejo vir vindo no vento
O cheiro da nova estação”*

PERFORMANCE:
MARINA: UMA HOMENAGEM À MARINA
COLASANTI

Prof. Dr. Alexandre
Santiago

Prof. Ms. Georgia Zaranza

09 de Julho - 18h

Auditório Prof.ª Vera Vasconcellos -
Educação Infantil Coluni/UFF)

APOIO:

Inscrições

ORGANIZAÇÃO

1ª Roda...

FIAR
Instituto de Arte e Pesquisa
Programa de Pós-graduação em Educação

III Seminário Rodas do

1ª Roda - Mesa de abertura

*“Sonho e escrevo em letras
grandes, de novo”*

**NARRATIVAS INSURGENTES, COM EDUCAÇÃO,
ARTE, AUTOBIOGRAFIA E DIAFHAR.**

Prof. Dra. Luciana
Ostetto (FIAR/UFF)

Prof. Dra. Luciane
Goldberg (DIAFHNA/UFC)

09 de Julho - 18h

Auditório Prof.ª Vera Vasconcellos -
Educação Infantil Coluni/UFF)

APOIO:

Inscrições

ORGANIZAÇÃO





III Seminário Rodas do

2ª Roda - Apresentação de pesquisas
10 de julho - 14h



"A minha história é talvez igual a tua"

NARRATIVAS DE PESQUISAS DE LÁ E DE CÁ

Dra. Janice Débora
(DIAFHNA/UFC)

Dra. Simone Bibian
(FIAR/UFF)

Me. Leandro da Silva
(DIAFHNA/UFC)

Ma. Laís Vilela Gomes
(FIAR/UFF)

Mediação: ProfªDr. Alexandre Santiago (UFC)

10 de Julho - 14h

 Auditório Profª Vera Vasconcellos -
Educação Infantil Coluni/UFF

 Inscrições

 ORGANIZAÇÃO



2a Roda...



III Seminário Rodas do FIAR

2a Roda - Apresentação de pesquisas



"NA CIDADE, NA SERRA, NO SERTÃO":
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS SOBRE
EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL COM AS CULTURAS INFANTIS.

Drª. Janice Débora
(DIAFHNA/UFC)

Tese (Doutorado em Educação)



"PROFESSORAS DAS INFÂNCIAS E MUSEUS
DE ARTE: TECENDO ENCONTROS,
ENTRELAÇANDO SABERES NA REDE"

Drª Simone Bibian
(FIAR/UFF)

Tese (Doutorado em Educação)

10 de Julho - 14h

 Auditório Profª Vera Vasconcellos -
Educação Infantil Coluni/UFF

 Inscrições

 ORGANIZAÇÃO





III Seminário Rodas do FIAR

2a Roda - Apresentação de pesquisas



"AS LINGUAGENS POÉTICAS DAS CRIANÇAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEUS MEIOS DE
SER, IMAGINAR E EXPRESSAR SENTIDOS"

Ms Leandro da Silva
(DIAFHNA/UFC)

Dissertação (Mestrado em Educação)



"CAMINHAR É ENCONTRAR: INVENTÁRIO
POÉTICO DA FORMAÇÃO ESTÉTICA PELA
PERIFERIA DA ZONA LESTE PAULISTANA"

Ms Laís Vilela
(FIAR/UFF)

Dissertação (Mestrado em Educação)

10 de Julho - 14h

 Auditório Profª Vera Vasconcellos -
Educação Infantil Coluni/UFF

 Inscrições

 ORGANIZAÇÃO





3ª Roda...



III Seminário Rodas do FIAR

3ª Roda – Apresentação de pesquisas



A INTEIREZA DE SE-ESTAR NA/COM A EDUCAÇÃO INFANTIL: REGISTRO, DOCUMENTAÇÃO, ARTE E FORMAÇÃO DOCENTE

(Pós Doutorado em Educação)

JOSÉ FIRMINO
(UFG)



CHRISTINE DELORY-MOMBERGER, FOTÓGRAFA:
RESSONÂNCIAS DA PESQUISA(AUTO)BIOGRÁFICA
OBRA ARTÍSTICA

(Pós Doutorado em Educação)

ROSVITA KOLB
(UFMG)



A DIMENSÃO (AUTO)BIOGRÁFICA DO DESENHO: UM
DIÁLOGO COM PROFESSORES/AS DAS INFÂNCIAS

(Pós Doutorado em Educação)

LUCIANE GOLDBERG
(UFC)

10 de Julho – 18h

📍 Auditório Profª Vera Vasconcellos –
Educação Infantil Coluni/UFF)

APOIO:



Universidade
Federal
Fluminense



PROGRAMA DE APOIO À PESQUISA
EM EDUCAÇÃO
Associação Federal Brasileira

Inscrições



ORGANIZAÇÃO







Apresentação do relatório do Pós-doutorado - 10 DE JULHO DE 2025



III Seminário Rodas do



11 de julho – Roda de Fechamento

*"E vou viver as coisas novas que
também são boas"*

Exibição dos curtas



"TURMA DO 5º ANO" E " OFICINA AUTOBIOGRÁFICA: 5º ANO"

Produção: Bárbara Castelo Branco e Amáble Alexandre
(DIFHNA/UFC)



Exibição do vídeo

"CAMINHOS DA TERRA: DIÁRIO DE ITINERÂNCIA"

PRODUÇÃO: MS. PALOMA ALMEIDA (DIAFHNA/IFCE)

Mediação: ProfªDra. Cristiana Callai (FIAR/UFF)

11 de Julho – 9h

 Sala Paulo Freire – FEUFF
Bloco D / Sala 318

APOIO:



RECURSOS DE INOVAÇÃO
EM EDUCAÇÃO
Resolução nº 10/2011

Inscrições



ORGANIZAÇÃO









III Seminário Rodas do FIAR Visita ao Museu Janete Costa

*"Não quero [só] o que a cabeça
pensa, quero o que a alma deseja"*

11 de julho
11h - Visita ao Museu
Janete Costa

Exposição: Santa Intimidade

R. Pres. Domiciano, 178
Ingá, Niterói - RJ.



Inscrições



Organização



FIAR
Círculo de Estudos e Pesquisa
em Formação de Profissionais, Teóricos e Artistas

APÓZIO:

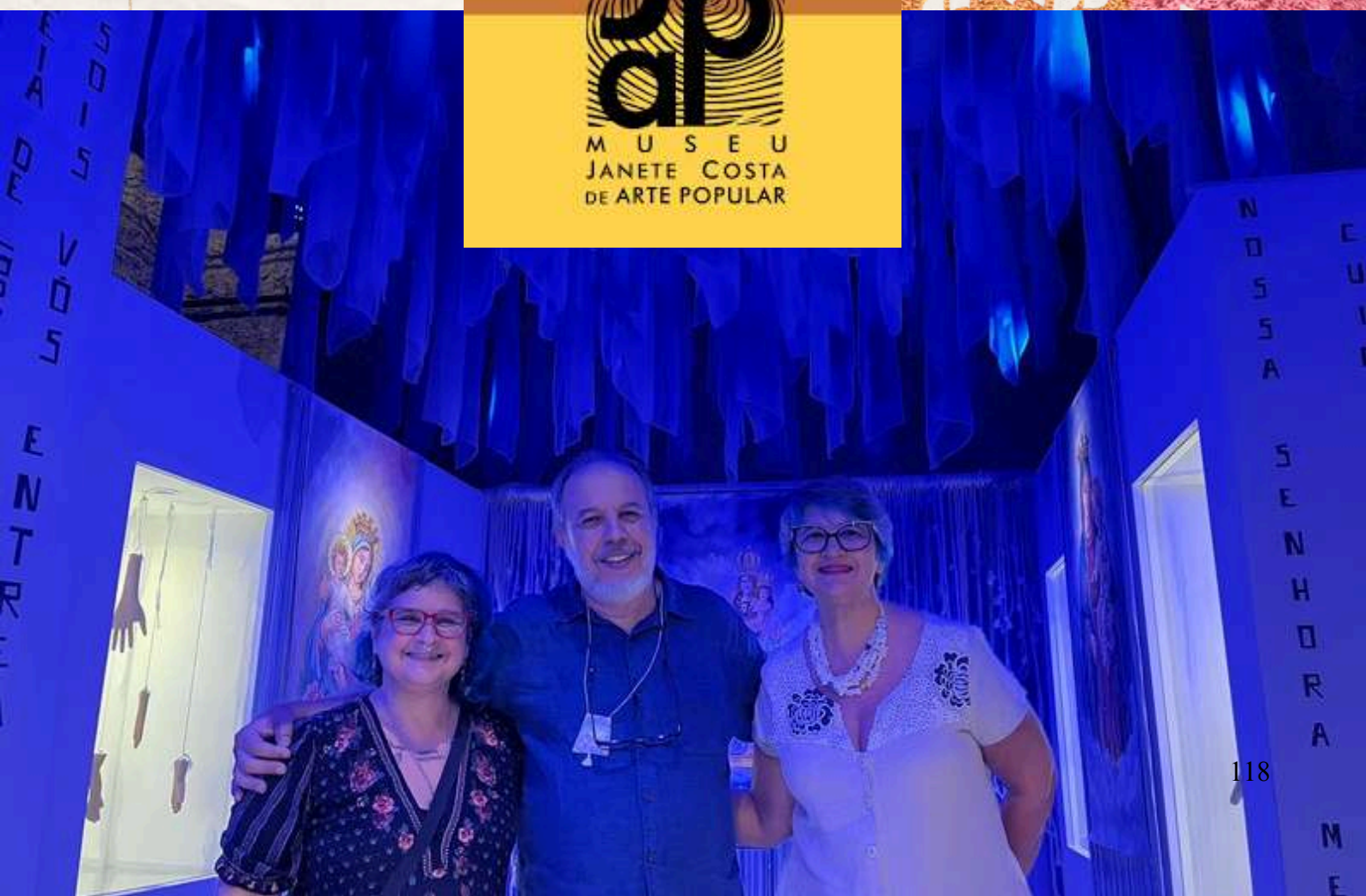


Universidade
Federal
Fluminense



MUSEU
JANETE COSTA
DE ARTE POPULAR

JC
ap
MUSEU
JANETE COSTA
DE ARTE POPULAR







mas o que é mágico
não funciona assim
a magia não acontece
porque aprendi a
fazer o trabalho render mais
a magia é regida
pelas leis da natureza
e a natureza tem outro tempo
a magia acontece
quando nós brincamos
quando nós fugimos
e sonhamos acordados
é aí que todas as coisas
que têm o poder de nos preencher
estão de joelhos a nossa espera

Rupi Kaur
(2020, p. 93)

Sobre poéticas, viagens e Fiar

E abre-se o tear da vida e da educação

É noite e já observamos os viajantes que chegam de muitos lugares
São andarilhos que vem trazer seus fios e que juntos ao tear iniciam
pela canção

É Belchior que dá o tom, esse cearense que ao Brasil encantou , é
como os peregrinos que na UFF vem chegando a um evento que o
Fiar durante meses sonhou

Preparados para as narrativas que agora serei narrador?

Um menino com seus papéis de pintar se prepara para cerimoniar ,
ele vem de Goiás e como os versos de Cora Coralina vive sempre a
encantar

As mãos de **Marta** desenhavam no ar uma abertura de um portal
encantado e vai abrindo o evento com um delicado cuidado de quem
recebe em sua casa seus tão esperados convidados

Luciana recebe o fio da meada, senta em seu tear e vai contando a
história passando a braçadeira para lá e para cá, trazendo o fiar e
vai desenrolando a memória

Luciane traz o azul do céu do Ceará nos cabelos e no seu novelo de
lã, conta também a história do Diafina que aporta em Niterói nossa
linda anfitriã

Há uma homenagem a Marina Colasanti que há pouco nos deixou
Dois *performers* **Alexandre** e **Georgia** contam e cantam histórias que
a todos emocionou dessa grande escritora que fiou com palavras os
sentimentos do mundo e que agora é homenageada pelo Fiar em
roda, saberes e sentimentos profundos. A menina Georgia sobe no
seu arvorecer e traz palavras narrando sua experiência em folhas e
frutos nesse lindo verbo arvorear. Você sabe o que é arvorecer?
Pergunta a velhinha a fiar e a todos a encantar

Entre litoral, serra e sertão

Sobre Januárias, Julios, Damares e Dianas, **Janice** abre seu baú de
recordação

Traz professores cianceiros, dançando uma ciranda e trazendo-os
pelas mãos

A roda da cultura girou e dançou com arte, brincadeiras e no fio da
memória costurou

É **Simone** que entra na roda do museu e das belas artes e já pergunta,
pode brincar no museu?

E o FIAR responde que sim, pode até cirandar como o poeta
escreveu!

Ela nos apresenta o negro Simão, personagem de uma embarcação
de coragem incrível e narrativa visual cheia de emoção

O museu de Simone é feito de tintas do coração

E chega o menino abelha **Leandro** , que na colmeia da vida e da arte
vai com as abelhas criando, debulhando o trigo na pesquisa e uma
potente pesquisa vai revelando

Com Maitê, Tiago e Joana o sal da terra vai provando

Vai polinizando o mundo com sensibilidade vai o menino Leandro

Vamos passear pelo olhar de Laís? Vamos caminhar com a mãe da
Laura e com sua zona leste periferia se encantar

Laís vem do CEU , de Lajedo e Lajeado e nos ensina a andarilhar e
lampejar

No seu cofre, que é aberto , vai velando preciosidades , vai fiando
poema de avó em rimas de amor, rosas, afeto e felicidade !

Noite (10/07)

E os fios continuam a tecer na noite de lua cheia,
um presente

As caminhadas dos pós-doutorandos da “ LuA” ,
José , **Rosvita** e **Luciane** abrem suas narrativas de
vida que provam que na academia também se sente
José , o menino de Goiás mostra sua trajetória ao
flanar pela cidade “ documentando”
pedagogicamente e afetivamente sua relação com a
infância com muito sentido é verdade

Rosvita vai dançando entre fios e lembranças sua
fantástica trajetória

É foto, é vida é ancestral , que nesta performance
vital emociona a todas e bailamos juntos com ela
pelos suas memórias

Luciane sua arte vai desenhar, a menina de cabelo
azul desde a praia do Cassino as dunas brancas do
Ceará

Pega seus lápis de cores e se põe a colorir a sua
história e formação mas o lindo é que ela
descobriu desenhando o seu mais bonito lugar

Sexta 11/07

E o coração aperta, vamos nos despedindo
Começou o último momento do terceiro Fiar que
já tanta saudade já sentimos

São duas narrativas em audiovisual trazendo arte
com e para as infâncias e sua escuta sensível

Bárbara traz o protagonismo das crianças em um
roteiro de despedida de alunos do quinto ano que
“se” narram de forma incrível

Paloma traz suas tintas da natureza e mostra seu
processo e andanças

em busca de cores da nossa terra e nos coloca a
experimentar do chão a investigar como uma
eterna criança

E a arte popular de nossa gente no **Museu Janete
Costa**

É a expressão do nosso povo, cores e formas e
religiosidade que arremata o fiar com as poéticas
que a gente gosta

Saímos abençoados por todos os Santos e
tradições

É o fiar que teceu ao longo de três dias beleza em
nossos corações

E a sombra do jambeiro por aqui me disperso

Com sabores e amores desse terceiro FIAR

E para encerrar ela não pode faltar

Nossa Luar , **Luciana Ostetto** que arrematou seu
bordado em seu tear

Choro e emoção , mostrando que na universidade
tem saberes e pesquisas costurados com o coração

Nossa mestra freireana que agora reverencio com
toda minha devoção !

Alexandre Santiago

gratidão!



FIAR

Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte

Referências

- ALBANO, Ana Angélica. Arte e pedagogia: além dos territórios demarcados. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 30, n. 80, p. 26-39, jan.-abr. 2010.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira, 1980.
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **Ver depois de olhar**: a formação do olhar dos professores para os desenhos de crianças. São Paulo: Cortez, 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BOLÍVAR, Antonio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación**: enfoque y metodología. Madrid: Editorial La Muralla, 2001.
- _____. BOLÍVAR, Antonio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 79-109.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia**. MEC. Resolução CNE/CP no 1, de 15 de maio de 2006.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996 .
- COX, Maureen. **O desenho da criança**. Trad. Evandro Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DERDYK, Edith. **O corpo da linha**: notações sobre o desenho. Belo Horizonte: Relicário, 2024.
- _____. (org.). **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- _____. **O desenho da figura humana humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- _____. **Formas de pensar o desenho - Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.
- _____, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2002.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado do direito do cérebro**. 14 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Trad. Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FERRAZ, Maria H. C. de Toledo e FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOLDBERG, Luciane Germano. A aventura do “espalha-brasa”: arte na Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 434-458, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>

GOLDBERG, Luciane Germano. **Arte-Pré-Arte**: um estudo acerca da retomada da expressão gráfica do adulto. Monografia (Graduação em Educação Artística-Licenciatura Plena) — Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

GOLDBERG, Luciane Germano. Experiências formativas em arte dos licenciandos em Pedagogia a UFC: influências da pedagogia tecnicista. In: ANDRADE, Francisco Ari de; VIANA, Carlos Augusto; JESUÍNO, Filipe de Menezes; SILVA, Renata Aquino da. (orgs.). **Educação Brasileira**: conceitos e contextos. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: biografização e desenho infantil com crianças em acolhimento institucional. 2016. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2016.

GOLDBERG, Luciane Germano; OLINDA, Ercília Maria Braga de; BEZERRA, Larissa Rogério. Narrativas de experiências formativas em arte: a linha do tempo de estudantes universitários. In: **Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica – CIPA**. V. Anais... PUC, Casa Leiria, Porto Alegre, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano; BEZERRA, Larissa Rogério. Linha do tempo: Narrativas de vida e experiências formativas em arte. In: **Congresso Nacional da Federação dos Arte-Educadores do Brasil - Arte/Educação: Corpos Em Trânsito**. 22. Anais. São Paulo, 2012.

GOLDBERG, Luciane Germano; SALMITO, Ricardo Rigaud. Processos criativos em artes visuais: as experiências formativas de licenciandos da educação básica. In: **DIÁLOGOS INTERNACIONAIS EM ARTES VISUAIS**. 2. Anais. Recife, 2013.

GOLDBERG, Luciane Germano. BEZERRA, Larissa Rogério; PEREIRA JÚNIOR, Leandro da Silva. Do singular-plural e as experiências formativas em arte de licenciandos em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA – UNICID**. 8. Anais... São Paulo, set. 2018. ISSN 2178-0676.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**: prática e formação de professores. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**; um manual prático. Entrevista narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KAUR, Rupí. **Meu corpo minha casa**. Trad. Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2020.

KELLOG, Rhoda. **Analisis de la expresion plastica del preescolar**. 3 ed. Espanha: CINCEL, 1985.

LANI-BAYLE, Martine. Histórias de vida: transmissão intergeracional e formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (org). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. Col. Pesquisa (Auto)biográfica/Educação.

LOWENFELD, Viktor e BRITAIN, W. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, Georges Henri. **Le dessin infantin**. 4.ed. Paris: Delachaux & Niestlé S.A., 1984.

MARTINS, Miriam Celeste e LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. A arte na pedagogia e a formação do professor para educação infantil e anos iniciais: inquietações e esperanças. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 23-36, maio/ago. 2015.

MARTINS, Miriam Celeste. **Temas e técnicas em artes plásticas**. São Paulo, ECE, 1979.

MÈREDIEU, Floréncia de. **O desenho infantil**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

OSINSKI, Dulce. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2001. (Col. Questões da nossa época).

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação** - ISSN 1809-0354, Blumenau, v.14, n.1, p.57-76 jan./abr. 2019. Disponível em:
<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7307>

OSTETTO, Luciana Esmeralda e SILVA, Greice Duarte de Brito. Arte na formação docente para a educação infantil: procura-se! **P O I É S I S**, Revista do Programa De Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade Do Sul De Santa Catarina Unisul, Tubarão, V.12, N. 21, P. 185-203, Jan/Jun 2018. Disponível em:
<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/5902/0>

PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PERALTA-CASTELL, Cleusa Helena Guaita. Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado. Rio Grande: FURG, 2012.

PERALTA, Cleusa Helena Guaita. **A arte do grafismo infantil e a construção simbólica**. Proposta para assessoramento e acompanhamento da implantação do padrão referencial de currículo, 1998.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Trad. Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.

- PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In **Educação e Pesquisa**. V. 32, no 02, maio/agosto, 2006, p. 329-343.
- READ, Herbert. **A educação através da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SARMENTO, Manuel. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: FILHO, Altino José Martins e PRADO, Patrícia Dias (Org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância**. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.
- ROYER, Jacqueline. **Que nous disent les dessins d'enfants?** Editions Hommes et perspectives, Paris, 1995.
- STERN, Arno. **Aspectos e técnicas da pintura de crianças**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.
- _____. **Uma nova compreensão de arte infantil**. Lisboa: Livros Horizonte, [19--].
- _____. **Iniciação à educação criadora**. Lisboa: SOCIOCULTUR, 1978.
- _____. **Le jeu de peindre**. Paris: Actes Sud, 2011.
- _____. **Del dibujo infantil a la semiología de la expresión**: iniciación a outra mirada sobre el trazo. Valencia: Editorial Samaruc, s.l., 2016.
- WILDLÖCHER, Daniel. **Interpretação dos desenhos infantis**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.